



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de apresentação da Candidatura Rio 2016 ao Comitê Olímpico Internacional (COI)**

**Copenhague-Dinamarca, 02 de outubro de 2009**

Senhor Presidente,  
Senhores e senhoras membros do Comitê Olímpico,  
Companheiros da delegação brasileira,  
Amigos e amigas,

Com muito orgulho, represento, aqui, as esperanças e sonhos de mais de 190 milhões de brasileiros. Muitos nos acompanham pela TV neste momento, em telões nas areias de Copacabana, nas vitrines das lojas de São Paulo ou em pequenos televisores às margens do rio Amazonas. Estão todos unidos, torcendo pelo Rio de Janeiro.

Somos um povo apaixonado pelo esporte, apaixonados pela vida. Olhando para os cinco aros do símbolo olímpico, vejo neles meu país. Um Brasil de homens e mulheres de todos os continentes: americanos, europeus, africanos, asiáticos, todos orgulhosos de suas origens e mais orgulhosos de se sentirem brasileiros.

Não só somos um povo misturado, mas um povo que gosta muito de ser misturado. É o que faz nossa identidade. Digo com toda franqueza: chegou nossa hora. Chegou! Entre as dez maiores economias do mundo, o Brasil é o único país que não sediou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Entre os países que disputam hoje a indicação, somos os únicos que nunca tivemos essa honra. Para os outros, será apenas mais uma Olimpíada. Para nós, será uma oportunidade sem igual. Aumentará a autoestima dos brasileiros, consolidará conquistas recentes, estimulará novos avanços.



Essa candidatura não é só nossa. É também da América do Sul, um continente com quase 400 milhões de homens e mulheres e cerca de 180 milhões de jovens. Um continente que, como vimos, nunca sediou os Jogos Olímpicos. Está na hora de corrigir esse desequilíbrio.

Para o movimento olímpico, essa decisão abrirá uma nova e promissora fronteira. O COI já mostrou ser capaz de enfrentar e vencer desafios. Mantendo acesa a chama da tradição, soube modernizar os Jogos. Introduziu novas modalidades. Abriu-se a novas tecnologias. Atraiu um número cada vez maior de países. O desafio agora é outro: expandir as Olimpíadas para novos continentes. É hora de acender a pira Olímpica em um país tropical, na mais linda e maravilhosa cidade – o Rio de Janeiro.

Para a América do Sul, será um momento mágico. Para o movimento olímpico, uma oportunidade de sentir o calor de nosso povo, a exuberância da nossa cultura, o sol da nossa alegria. E de passar uma mensagem clara para o mundo: as Olimpíadas pertencem a todos os povos, a todos os continentes, à humanidade inteira.

Aprendemos muito nos últimos tempos. Na realização exitosa dos Jogos Pan-Americanos de 2007; nas Olimpíadas, ano passado, em Beijing; na visita às obras do Parque Olímpico de Londres; nos encontros pelo mundo com membros da família olímpica.

Esse é o motivo pelo qual meu governo está tão comprometido com a candidatura do Rio.

Demos todas as garantias possíveis à realização dos Jogos. Aprovamos financiamento significativo e abrangente, conscientes do legado que os Jogos deixarão para o Rio de Janeiro.

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil vive um excelente momento. Trabalhamos muito nas últimas décadas. Temos uma economia organizada e pujante, que enfrentou sem sobressaltos a crise que ainda assola tantas nações.



Vivemos num clima de liberdade e de democracia. Nos últimos anos, 30 milhões de brasileiros saíram da pobreza e 21 milhões passaram a integrar a nova classe média.

A superação de dificuldades é o que marca a história recente do Brasil e a trajetória de milhões de brasileiros.

Acabo de participar da Cúpula do G-20, em Pittsburgh, na qual se desenhou, por consenso, um novo mapa econômico mundial. Esse mapa reconhece a importância de países emergentes como o Brasil no cenário global e, sobretudo, na superação da crise mundial. Tenho o orgulho, como brasileiro, de ter participado desse processo e de ver o Brasil como parte da solução.

A parceria que a candidatura do Rio propõe à família olímpica leva em conta esse novo cenário, no qual nosso país conquistou o seu lugar.

As portas do Brasil estão abertas para a maior festa da Humanidade: os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, no Rio, uma das mais belas e acolhedoras cidades de todo o mundo.

Precisamos do apoio e da visão de futuro das senhoras e dos senhores.

O Rio está pronto. Os que nos derem esta chance não se arrependerão.

Estejam certos: os Jogos Olímpicos do Rio serão inesquecíveis, pois estarão cheios da paixão, da alegria e da criatividade do povo brasileiro.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de assinatura de atos**

**Bruxelas-Bélgica, 04 de outubro de 2009**

Senhor Hermann Von Rompuy, Primeiro-Ministro da Bélgica,  
Senhor Yves Leterme, ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica,  
por intermédio de quem cumprimento os demais integrantes da comitiva belga,  
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,  
Demais ministros e membros da comitiva brasileira,  
Embaixadores,  
Jornalistas,  
Senhoras e Senhores,

É um prazer retornar à Bélgica, país que tem uma antiga relação de amizade e colaboração com o Brasil. Investimentos belgas na siderurgia e em infraestrutura - assim como muitos belgas empreendedores - vêm contribuindo para construir o país que hoje somos.

Acabo de manter um proveitoso encontro com o Ministro Rompuy. Discutimos várias possibilidades de fortalecer o diálogo bilateral. Comentei com o Primeiro-Ministro que desde o primeiro dia de meu governo, disse que o Brasil deixaria de ser o eterno “país do futuro”.

Para cumprir esse objetivo, precisávamos vencer históricos desafios: crescer, distribuir renda, por fim à exclusão social. Tínhamos que reduzir a vulnerabilidade externa, alcançar estabilidade macroeconômica e aprofundar nossa democracia. E necessitávamos garantir forte presença no mundo e estabelecer sólidas alianças, sobretudo, na América do Sul, mas também na África e com outros países emergentes. Este Brasil confiante quer que a Bélgica seja parceiro nessa empreitada. As condições para isso estão dadas.



Na contramão da tendência mundial, a economia brasileira encerrará o ano de 2009 com taxas positivas de crescimento.

Em 2010, as estimativas indicam um aumento de 5% no PIB. Esses e outros dados, terei o prazer de informar ao seminário empresarial do qual participarei amanhã. Os homens de negócio belgas terão oportunidade de conhecer o vasto leque de projetos de investimentos de médio e longo prazos que planejamos. São os preparativos para a Copa do Mundo de 2014, as grandes obras do Plano de Aceleração do Crescimento, a exploração do petróleo no pré-sal e agora as extraordinárias possibilidades que se abrem com as Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. Poderemos ampliar os já expressivos investimentos recíprocos, assim como nosso comércio bilateral que, em 2008, ultrapassou os US\$ 7 bilhões. Indiquei ao Primeiro-Ministro que nossa cooperação no setor portuário já é uma vertente importante do relacionamento bilateral e deverá se expandir com a assinatura do Memorando de Entendimentos sobre cooperação na área de logística portuária. Há também oportunidades para parcerias inovadoras na esfera da tecnológica de ponta. O acordo que a Capes e a WBI assinam hoje abre perspectivas de colaboração em setores-chave, como o espacial e o nuclear, nanotecnologia e microeletrônica, biotecnologia, saúde pública e epidemiologia.

Conversamos também sobre a vocação multilateral de Bélgica e Brasil, países voltados para a construção de consensos e para o diálogo. A assinatura do Memorando de Entendimento sobre Consultas Políticas mostra nossa determinação de realizar todo o potencial de nossas complementaridades. Vejo na Bélgica um aliado fundamental no fortalecimento da parceria estratégica que o Brasil e a União Européia consolidarão na Cúpula que celebraremos em Estocolmo.

Na recente reunião do G-20, Brasil e União Europeia estiveram unidos na defesa de uma governança global representativa, democrática e, por essa razão, mais legítima e eficaz. Para tanto, é necessária uma reforma profunda



das Nações Unidas, com a inclusão de países em desenvolvimento como membros permanentes do seu Conselho de Segurança. Nossa ação coordenada ajudará a evitar o agravamento da crise financeira. É necessária uma efetiva regulação dos agentes financeiros. O abandono prematuro de medidas anticíclicas de estímulo à produção e ao consumo puniria duplamente os países mais pobres, que são as primeiras e principais vítimas da recessão global.

Conto com o empenho da Bélgica para que a União Europeia faça sua parte para honrar as decisões de Pittsburgh. Em particular, a rápida conclusão da Rodada de Doha, fundamental para a recuperação da economia mundial.

Esta é uma aposta no fortalecimento do sistema multilateral de comércio e no direito de os países perseguirem sua prosperidade sem protecionismo. Pelas mesmas razões, o Brasil se empenha pela conclusão, em breve, do Acordo de Associação entre o Mercosul e a União Europeia.

Na Cúpula de Copenhague, sobre mudança de clima, apresentaremos números que confirmam nossa contribuição efetiva para a redução das emissões de gases de efeito estufa. Assumimos uma posição de liderança que nos permitirá cobrar de todos, especialmente dos mais ricos, metas de redução claras e ambiciosas. Estou seguro ser possível preservar o planeta, sem atentar contra o desenvolvimento dos países mais pobres. Sei que podemos contar com a Bélgica nessa batalha por um futuro voltado para o desenvolvimento sustentável. Um futuro que começa com a revolução dos biocombustíveis.

O Brasil vem demonstrando a contribuição que o etanol pode dar para combater a escassez do petróleo e o efeito estufa, de acordo com critérios rigorosos de sustentabilidade. Transmiti ao Primeiro-Ministro Van Rompuy minha satisfação com a escolha do Brasil como país convidado para o Festival Europália 2011-2012. Será oportunidade para a Europa conhecer melhor o Brasil em toda a sua diversidade.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

É com esse espírito que agradeço, em meu nome e no da minha comitiva, a generosa hospitalidade belga.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
sessão de encerramento do Seminário Empresarial Brasil e Bélgica:  
Novas Fronteiras de Negócios**

**Bruxelas-Bélgica, 05 de outubro de 2009**

Sua Alteza Real, Príncipe Philippe,  
Senhor Yves Leterme, ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica,  
por intermédio (falha no áudio),

...brasileiros,

Senhor Thomas Leysen, presidente da Federação das Indústrias Belgas,  
Companheiros empresários brasileiros,

Empresários belgas,

Senhores embaixadores,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Meu caro vice-governador do estado do Espírito Santo aqui presente, já  
com uma proposta para fazer um grande porto de águas profundas no Espírito  
Santo.

Meu caro prefeito João Carlos Coser, prefeito de Vitória, no Espírito  
Santo,

Meus companheiros, estou vendo agora o Paulo Sérgio, dos  
Transportes; meu querido Miguel Jorge, meu querido Brito,

Meus amigos e minhas amigas,

Tenho grande prazer em participar deste Seminário. Vamos aprofundar  
uma parceria com muita história, mas que está voltada para o futuro de duas  
economias dinâmicas e competitivas.



Tecnologia e investimentos belgas ajudaram a construir nossa indústria e infraestrutura urbana. A Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira foi símbolo pioneiro da industrialização brasileira. Esse legado nos inspira. Queremos que a Bélgica amplie ainda mais sua posição de investidor privilegiado no Brasil.

Em 2008, o estoque de investimentos belgas no Brasil alcançou US\$ 1,9 bilhão. Mas, tenho certeza, poderemos fazer muito mais. O Brasil superou a pequena recessão que nos afetou. Crescerá este ano e, a partir de 2010, voltará a crescer ao patamar de 5% ao ano.

Abrem-se extraordinárias oportunidades de negócios: as obras do Plano de Aceleração do Crescimento, os preparativos para a Copa do Mundo de 2014, para as Olimpíadas de 2016, o trem de alta velocidade entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas e, sobretudo, a exploração do petróleo na camada pré-sal. Chegou o momento de voltar a investir. Penso que as possibilidades para os empresários belgas estão, sobretudo, em projetos de logística portuária e hidrovia. Estamos modernizando essa infraestrutura fundamental para a competitividade da economia brasileira. Este é um movimento de duas mãos. O setor privado brasileiro enxerga na Bélgica um portal de acesso prioritário à Europa. Empresas como a Citrosuco, a Votorantim, e a WEG e a Duratex fazem de Bruxelas sua base de operações no continente europeu.

E também temos tecnologia a oferecer. As experiências brasileiras não deixam dúvidas sobre as vantagens competitivas da produção de etanol e do biodiesel. No momento em que a Bélgica busca diversificar sua matriz energética e cumprir metas ambientais, os biocombustíveis oferecem alternativa segura, limpa e eficaz. É natural que acreditemos na aliança empresarial belgo-brasileira.

A AB-Inbev é hoje a maior fabricante de cervejas do mundo e uma das cinco maiores empresas de produtos de consumo. A Sonaca possui três



importantes filiais em São José dos Campos, totalmente articuladas com a Embraer, hoje a terceira maior fabricante de aviões no mundo.

Senhoras e senhores, Fizemos uma aposta mútua e estamos colhendo os frutos. Nosso comércio duplicou nos últimos quatro anos, alcançando a 7 bilhões de dólares em 2008. O Brasil absorve 40% das exportações da Bélgica para a região. Somos seu principal sócio na América Latina.

A crise internacional fez dos países emergentes e em desenvolvimento os novos motores da economia global. No Brasil, bens e serviços belgas encontram mercado alternativo e sólido e confiável contra os choques futuros.

A cooperação econômica também se beneficiará de ações da área científica e tecnológica. Amanhã, a Agência Espacial Brasileira e o Centro Espacial de Liège firmam acordo que facilitará o desenvolvimento de atividades conjuntas entre firmas e instituições prestadoras de serviços ópticos e espaciais.

A resposta à crise passa, efetivamente, pela geração de emprego pela inovação. O Memorando de Entendimentos entre a Capes e a WBI beneficiará programas de intercâmbio entre instituições de pesquisa. Vamos produzir sinergias estratégicas em setores de ponta.

Amigos e amigas, em um mundo carente de soluções para desafios globais sem precedentes, o Brasil oferece alternativas. O Brasil, como a Bélgica, leva a sério suas responsabilidades ambientais e sociais. No âmbito do Plano Nacional de Mudança Climática, lançado em dezembro passado, acabamos de concluir o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar. Esta é nossa resposta àqueles que questionam a possibilidade de fazer do etanol à base de cana uma nova *commodity* energética. O Fundo Amazônia é prova de que estamos comprometidos com a preservação de nosso patrimônio ambiental. Mas poderemos fazer mais se a comunidade internacional contribuir com recursos financeiros e tecnológicos adicionais.



Senhoras e senhores, o G-20 tem adotado decisões para superar os momentos mais dramáticos da crise. Na Cúpula de Pittsburgh, na semana passada, tomamos medidas concretas para reformar a governança econômico-financeira e regular os mercados. Não podemos abandonar as políticas anticíclicas de estímulo à demanda. Ao mesmo tempo, temos de concluir a Rodada de Doha. Uma maior abertura de mercados e a eliminação de subsídios darão mais dinamismo à economia mundial, ajudando, sobretudo, os países mais pobres, que são as principais vítimas da recessão mundial. Todo este esforço será em vão, no entanto, sem uma maior vigilância do Fundo sobre o sistema financeiro. Só evitaremos novas crises com uma supervisão rigorosa, sobretudo dos países que ameaçaram a estabilidade global. No passado, essa supervisão foi exercida apenas sobre os países em desenvolvimento. Hoje, muitos desses países estão ajudando na retomada econômica mundial.

A resposta à crise não está em alimentar novas bolhas especulativas desvinculadas da economia real. Ainda existem trilhões de dólares em ativos tóxicos nas carteiras de muitos bancos, que precisam ser limpos. Para que os agentes privados voltem a recuperar a confiança no mercado é preciso regras claras, previsíveis e validas para todos. É o que podemos oferecer no Brasil. O Estado brasileiro não abdicou de suas funções de regulação, nem abandonou o pequeno e médio empresário à própria sorte. O Brasil seguirá trabalhando pelo fortalecimento do mercado interno, o que contribuirá para a retomada da demanda global.

Em 2005, Sua Alteza Real, o Príncipe Philippe, chefou importante missão de mais de 80 empresários belgas ao Brasil. No ano que vem, o Príncipe herdeiro dirigirá nova missão econômica e comercial ao meu país. Encontrará uma economia mais consolidada e empresários com planos mais ambiciosos. Encontrará, uma vez mais, a confiança no potencial de nossa parceria e a certeza de bons negócios.



Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria dizer mais duas palavras, aproveitando a presença do Príncipe aqui, e de tantos empresários belgas interessados na Copa do Mundo do Brasil e nas Olimpíadas. A Bélgica, que nos anos 20, na visita do Rei, começou a investir no Brasil e acreditou no Brasil, tem muito mais razão em 2010 de fazer novos investimentos no Brasil, por uma razão muito simples, que eu sei que é considerada por qualquer investidor do mundo. O Brasil hoje descobriu que é mais fácil crescer, se desenvolver e distribuir renda se o governo cumpre com a sua parte e age com muita responsabilidade.

Eu confesso a vocês que eu precisava ganhar as eleições no Brasil para provar que o Brasil podia ser um país sério, para quebrar alguns dogmas que de vez em quando eram publicados pelos meios de comunicação, de que o Brasil não podia distribuir renda porque era preciso crescer primeiro.

Durante a década de 70, o Brasil chegou a crescer até 14% ao ano. E, na época, eu era dirigente sindical, e nós ouvíamos dizer que era preciso o bolo crescer mais para que, depois que o bolo estivesse muito grande, distribuir o bolo. O que aconteceu é que o bolo cresceu, alguém comeu e a maioria do povo ficou sem o seu pedaço de bolo. Nós, então, precisávamos provar ao mundo que duas coisas não são incompatíveis: primeiro, o crescimento interno com o crescimento das nossas exportações; segundo, crescer distribuindo renda ao mesmo tempo.

Então, nós ficávamos naquela angústia acadêmica: quem é que nasce primeiro: o ovo ou a galinha? Nós temos que crescer para distribuir ou distribuir para a gente crescer? E nós, então, resolvemos fazer uma aposta em uma coisa que até então não tinha sido feita no Brasil, que foi distribuir renda para colocar uma parte da sociedade, que sempre esteve excluída do desenvolvimento, no mercado consumidor do País.

E o que aconteceu é o que os senhores e as senhoras têm acompanhado pelos jornais e pela imprensa especializada em economia. O



Brasil está crescendo de forma mais justa, o Brasil está crescendo de forma mais sustentável, o Brasil está crescendo regionalmente mais do lado mais pobre e um pouco menos do lado mais rico. A renda do trabalhador está aumentando até um pouquinho mais do que a renda dos empresários na distribuição da riqueza nacional, e a parte mais pobre do Brasil, que era o Norte e o Nordeste, está tendo desenvolvimento muitas vezes maior do que a parte mais rica do País.

E por que isso está acontecendo? Porque quando você fazia qualquer estudo no Brasil você iria constatar uma coisa inaceitável: o maior número de mortalidade infantil, no Nordeste brasileiro; o maior número de desnutrição, no Nordeste brasileiro; o maior número de analfabetismo, no Nordeste brasileiro; e vai por aí fora.

Aí quando você ia estudar, o maior número de universidades, no Sul do País; o maior números de doutores, no Sul do País; o maior número de pesquisadores, no Sul do País; a menor taxa de analfabetismo, no Sul do País; Ou seja, havia uma contradição nas oportunidades criadas pelo Estado para permitir que o Brasil se tornasse um país mais equânime. Aí é que entra o papel do Estado como indutor do desenvolvimento. Decidir, junto com o investidor, qual é o melhor lugar para fazer um investimento, qual é o lugar que a gente poderia ajudar a desenvolver, porque é esse o papel do Estado. Se não for esse o papel do Estado, não precisa nem de Estado. Os governantes têm que ter alguma responsabilidade. Por exemplo, agora, na recuperação da indústria naval, e os empresários belgas que têm investimento no Brasil e os empresários brasileiros sabem que, na década de 70, o Brasil tinha a segunda indústria naval do mundo, nós só perdíamos para o Japão, e nos anos 90, nós destruimos a nossa indústria naval, nós que tínhamos 50 mil trabalhadores na indústria naval, nos anos 70, caímos para 2.600 trabalhadores no ano 2000.

A nossa gloriosa Petrobras, ela tinha uma direção que dizia que a Petrobras não sabia fazer plataforma, não sabia fazer sonda, não sabia fazer



cascos de navios e que, portanto, nós tínhamos que importar todo esse material de outros países. Nós tomamos a decisão de que nós iríamos construir a plataforma no Brasil, construir a sonda no Brasil e que nós iríamos mostrar que nós tínhamos tecnologia e, por isso, era necessária a decisão política. O que acontece hoje é que as plataformas são produzidas no Brasil até com 75% de componentes nacionais, as sondas são construídas no Brasil com alto componente nacional. E, assim, nós já recuperamos e já temos novamente 50 mil trabalhadores na indústria naval, com a construção dos estaleiros do Rio funcionando corretamente, a construção de estaleiro em Pernambuco, a construção de estaleiro no Rio Grande do Sul, a construção de estaleiro, que vamos começar na Bahia, e a construção de estaleiro, que certamente vamos construir no Ceará.

Uma grande nação, do tamanho do Brasil, que encontra as reservas de petróleo que nós encontramos, em uma área de 149 mil quilômetros quadrados. Um país que tem a responsabilidade de tomar conta de 360 milhões de hectares de terra da Amazônia, um país que tem a maior quantidade de terras agricultáveis do Planeta e um país que tem 365 dias por ano em que é apto para a agricultura, não pode prescindir de se transformar em uma grande nação.

E acho que o Brasil não pode repetir os erros que cometeu no século XX, onde o Brasil não acreditava em si, onde o Brasil achava que tudo que era feito nos outros países era melhor, que nós éramos coitadinhos e que nós, então, tínhamos que pedir licença para todo mundo, para que nós fizéssemos as coisas.

Eu aprendi, na minha luta sindical, nos anos 70 e nos anos 80, que nenhum interlocutor respeita o interlocutor que não se respeita. E a forma de o Brasil ser respeitado no mundo é, em primeiro lugar, o Brasil acreditar no seu potencial. O Brasil acreditar em si mesmo. Porque não é possível que um país que tem a terceira fábrica de fabricar avião do mundo e que, para o nosso



prazer, muitos aviões que voam na Bélgica são da Embraer, inclusive o avião de Sua Majestade, seja vendido ao mundo apenas como as favelas do Rio de Janeiro ou seja vendido ao mundo apenas como o Carnaval e futebol. Ou seja, no fundo, no fundo, muita gente, nascida no Brasil, se dizendo brasileiro, tem culpa da pequenez com que durante muito tempo as pessoas de fora viram o Brasil.

Nós não temos que contar nenhuma vantagem, não temos que contar nenhuma mentira, nós não temos que esconder nada, nós temos que mostrar o Brasil como ele é. O Brasil, que tem uma população, em uma parte dele, tão rica quanto a Bélgica e que tem, em outra parte dele, gente tão pobre como a África. Nós não temos que esconder isso. O que nós precisamos é assumir o compromisso – e quem for ao Brasil vai perceber – que nós estamos fazendo um processo de reparação naquilo que os que pensavam que sabiam governar fizeram do Brasil. Porque até os anos 70 o Brasil tinha pouca favela e favela era uma coisa poética. Os grandes compositores brasileiros faziam música expondo os poemas sobre as nossas favelas. E foram-se amontoando os pobres encima de pobres, porque a economia brasileira passou praticamente 25 anos crescendo de forma vergonhosa, com uma dívida externa praticamente impagável, com uma inflação que chegava a 80% ao mês. E eu era dirigente sindical nessa época, e eu tinha, na minha consciência e no meu bolso, o que valia o salário da gente em uma inflação. Eu ia ao supermercado com a minha mulher, eu comprava tanta lata de óleo que não cabia no meu armário. Eu nem ia utilizar aquilo durante um ano, mas era um jeito de eu me livrar da inflação, era um jeito de eu compensar o salário ser corroído 80% ao mês.

Então, eu tinha vontade de ser presidente para provar que era possível governar diferente do que o Brasil era governado. No Brasil, quando se pensava em fazer qualquer política para os pobres, se falava em gasto, qualquer coisa para o rico era investimento. E nós mudamos: é investimento



para o rico, mas é investimento para o pobre. Quem é que disse que dar alimento para as pessoas tomarem café de manhã e almoçar é gasto? É investimento puro.

A primeira medida que nós tomamos, no Brasil, foi dizer: não se utiliza a palavra “gasto” em se tratando de investimento em educação. Porque é normal que as pessoas da área econômica digam ao presidente: “Você não pode gastar nisso, você não pode gastar naquilo”. E eu falei: parem com a palavra gasto, porque se falar “investimento” você vai ficar mais feliz e o dinheiro vai aparecer.

Foi assim que nós criamos o Bolsa Família, que hoje garante alimentação básica para mais de 11 milhões de famílias no Brasil. Foi assim que nós fizemos o crédito consignado. Pobre, no Brasil, não entrava em banco, não tinha direito de fazer empréstimo, e nós criamos o crédito consignado que hoje coloca no mercado mais de R\$ 90 bilhões, o equivalente a quase US\$ 50 bilhões.

O pobre brasileiro aprendeu a entrar em shopping e comprar o que comer, comprar iogurte, que até outro dia era coisa de rico no Brasil, só criança abastada podia comer iogurte. Eu lembro, quando eu era metalúrgico, passavam as pessoas vendendo iogurte na rua, a minha mulher tinha três filhos, ela comprava um para cada um, não tinha o segundo. E hoje as coisas estão melhorando porque nós acreditamos que distribuir renda é a melhor forma de fazer o nosso país crescer.

E mostrar que durante a crise econômica o Brasil estava muito preparado, mas ele estava preparado porque nós fizemos um sacrifício antes. Eu, em 2003, fiz o maior ajuste fiscal da história do meu país. Eu duvido que um economista, daqueles bem tradicionais, tivesse coragem de fazer o ajuste fiscal que eu fiz. E eu fiz com a convicção de que eu precisaria trocar o meu capital político para consertar o Brasil.

E hoje, depois de passados alguns meses da crise, eu posso dizer a



vocês: o Brasil está sólido, este ano nós vamos ter crescimento positivo. Eu tenho dito aos empresários brasileiros que a economia brasileira não vai crescer mais este ano porque no mês de outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro os empresários brasileiros se deixaram impressionar pelas manchetes dos jornais e meteram o pé no breque, pararam com muitos investimentos, inclusive com projetos que já estavam contratados no nosso banco de investimento. A indústria automobilística brasileira parou completamente. Mas, já em março, quem quisesse comprar um carro tinha que esperar três ou quatro meses para comprar um carro.

Tomamos todas as medidas que tínhamos que tomar. Diferentemente de outros países, que não tinham coragem de mexer com o sistema financeiro, nós compramos bancos, colocamos fundo garantidor para bancos pequenos, assumimos o crédito de financiamento de carro usado, compramos bancos para adquirirmos expertise. E, hoje, a indústria automobilística brasileira é motivo de orgulho para o mundo, porque é a única que está crescendo efetivamente.

Este ano, estamos batendo recorde de produção e de venda de carro, caminhões e tratores. Isso porque, na época da crise do alimento, nós tomamos uma atitude de financiar 100 mil tratores para a agricultura familiar e 300 implementos agrícolas, num financiamento de R\$ 25 bilhões, mais ou menos US\$ 13 bilhões. E em dez meses, esse programa vendeu 12 mil tratores aos agricultores familiares. Normalmente...o Tigre está aqui, que é o companheiro da Federação dos Empresários do Rio Grande do Sul, onde tem muita produção de máquinas agrícolas, ele sabe que 70% da venda dos tratores, hoje, no Brasil, é vendida para o pequeno agricultor, financiada por esse (incompreensível).

No auge da crise do *subprime*, nós anunciamos a construção de 1 milhão de casas populares e tomamos a decisão de desonerar muitas das coisas de material da construção civil.



Eu, quando disse que a crise no Brasil seria apenas uma marolinha, talvez uma marolinha um pouco maior, mas o dado concreto é que nós tínhamos a convicção de que o PAC, nós criamos em 2007, o PAC não foi por conta da crise... Nós temos US\$ 359 bilhões até 2013, gerando estradas, gerando portos, ferrovias, hidrovias, hidrelétricas, saneamento básico nas favelas, urbanização, casas populares... Em algum momento a crise tinha que se afastar. E foi exatamente o que aconteceu.

Para que os empresários belgas tenham clareza, possivelmente eu tenha sido o empresário, o Presidente que mais assustou empresários brasileiros, no passado. Eu duvido que tenha um presidente que tenha tratado eles com a dignidade e com o respeito que eu tenho tratado, chamando-os a participar da elaboração das políticas que o governo precisa colocar em prática, da mesma forma que chamamos os trabalhadores. Cada vez que vamos fazer uma política de desoneração, nós chamamos os empresários, mas chamamos os trabalhadores, para saber qual é a parte que os trabalhadores vão ganhar naquela política de desoneração que o Estado faz. E isso me dá a garantia de que o Brasil finalmente encontrou o seu destino, a sua vocação de ser uma grande nação.

Segundo o Banco Mundial, em 2016, se nós continuarmos crescendo, nós vamos ser a quinta economia do mundo. E posso dizer para vocês: é muito importante que esse crescimento seja em parceria com os empresários belgas, porque a América do Sul tem 400 milhões de habitantes, porque todos os países têm um potencial de crescimento extraordinário, porque todos foram asfixiados durante 25 anos... E acho que, tanto o Brasil pode utilizar a Bélgica como parceira, para a Europa, como a Bélgica pode utilizar o Brasil para os seus parceiros na América do Sul e na América Latina. O que está claro para mim, o que está claro para mim é que essa crise, ela aconteceu para nos ensinar algumas coisas. Primeiro, o sistema financeiro tem que ser regulado. Nós não temos o direito de admitir, enquanto governantes, que o sistema



financeiro ganhe rios de dinheiro sem financiar um lápis, um sapato, uma caneta ou um parafuso. Não é possível. O sistema financeiro não pode viver da troca de papéis entre bancos, pagando bônus milionários a pessoas que os levaram à falência e que ainda não tem nenhum preso. Mas levaram os bancos à falência e nós, então, agora aprendemos.

Eu fico feliz porque, hoje, eu vou a uma reunião com o presidente Obama, com o Hu Jintao, com o primeiro-ministro Singh, com o Sarkozy, com o Gordon Brown, com o Berlusconi, com a Angela Merkel, com todos, com todos, e eu percebo que todo mundo agora está preocupado em regular o sistema financeiro.

No Brasil, ele já era regulado. No Brasil, os bancos não podiam alavancar mais que dez vezes o seu patrimônio líquido. E no chamado mundo desenvolvido, se nós quisermos pegar alguns países como os Estados Unidos, que não tinha limite de alavancagem, ou seja, as pessoas estavam emprestando e financiando o que não tinham.

Então, essa crise é um momento extraordinário, inclusive para a gente repensar as nossas parcerias estratégicas em nível comercial, no âmbito internacional. Quanto mais pulverizada nós tivermos a nossa relação comercial, quanto mais países nós tivermos vendendo e comprando, quanto menos nós dependermos de um ou de outro bloco, mais sorte nós teremos de nos livrar da crise econômica.

Quando nós assumimos o governo, o Brasil tinha sua balança comercial quase 30% com a Europa e quase 30% com os Estados Unidos, era mais ou menos equilibrada. E o restante era com o resto do mundo mas, sobretudo, uma boa parte com a América do Sul e a América Latina.

Nós tomamos a decisão: priorizar nossa relação com a América Latina, a partir do Mercosul; priorizar a nossa relação com o continente africano, porque os brasileiros pegavam um avião, passavam por cima da África e nem olhavam para o continente africano. E nós visitamos, no primeiro mandato, 21 países



africanos, para estabelecer relações políticas, culturais, inclusive de agradecimento pelo o que os africanos fizeram no Brasil, quando escravizados, e agradecê-los, porque a nossa cor e o nosso jeito de ser têm muito a ver com a mistura que se deu entre índios, europeus e africanos.

Depois, nós fomos para o Oriente Médio, uma coisa fantástica. Desde 1847, 1847, que uma autoridade brasileira não ia ao Líbano, não ia à Síria e não ia a quase todos os países árabes, porque não era importante ir para lá. Eu lembro que nós fizemos uma feira, em Dubai, que gastamos US\$ 500 mil para fazer a feira, US\$ 500 mil. Vendemos no dia seguinte US\$ 50 milhões, mas a pequenez de alguns era apenas de dizer que nós tínhamos gasto US\$ 500 mil para fazer uma feira. As pessoas acham que os outros têm que comprar coisas do Brasil porque o Brasil é pobrezinho, porque tem a Amazônia, porque tem índio, porque tem um metalúrgico dirigindo. Não. As pessoas vão comprar coisas do Brasil quando o Brasil tiver competitividade e qualidade para disputar no mercado internacional. E é isso que nós queremos de vocês, companheiros empresários belgas.

É essa competência histórica que vocês adquiriram, esse conhecimento, que irmanados ao nosso conhecimento, vão poder permitir que a Bélgica seja maior e que o Brasil seja maior e que nós dois juntos tenhamos mais importância no cenário político, econômico e comercial do mundo.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.

(\$211B)



**Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após reunião Plenária da III Cúpula Brasil-União Europeia  
Estocolmo-Suécia, 06 de outubro de 2009**

Bem, primeiro cumprimentar o primeiro-ministro Fredrik Reinfeldt, cumprimentar o Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia, cumprimentar os jornalistas suecos, os jornalistas brasileiros.

Bem, dizer para vocês que esta é a terceira reunião da parceria estratégica União Europeia e Brasil. Nós criamos, a União Europeia e Brasil, nessa união estratégica em Portugal, em dezembro do ano passado tivemos a segunda reunião no Brasil, quando a presidência era da França e agora, estamos tendo a terceira reunião.

A impressão que eu tenho é que nós estamos subindo uma escada de muitos degraus e a cada reunião que nós fazemos nós conseguimos subir um degrau. E um degrau sólido, porque nós temos muitas afinidades com a União Europeia, em muitas coisas: temos muita unidade quando participamos do G-20; temos unidade quando discutimos a questão da Rodada de Doha; temos unidade quando discutimos a necessidade de se produzir uma proposta adequada sobre a questão do clima, para Copenhague; e temos unidade quando discutimos que cada país precisa assumir a responsabilidade por aquilo que ele tem de compromisso com a emissão de gás efeito estufa e, que cada um tem que assumir a responsabilidade de assumir os custos de evitar que o planeta continue sendo aquecido da forma que está sendo aquecido.

Também, em uma reunião como esta, a gente não poderia deixar de discutir a importância que tem a Rodada de Doha e a inquietação que nós temos de tentar concluí-la, porque, eu imaginava, no ano passado, que quando eclodiu a crise econômica, que a sabedoria dos governantes iria nos conduzir a concluir a Rodada de Doha porque seria uma forma de facilitar o processo de



política de comércio mundial e, portanto, iria permitir que os países mais pobres sofressem menos e pudessem colocar os seus produtos no mercado internacional. Isso não aconteceu.

Agora, estamos tendo o mesmo problema na negociação sobre a questão climática, porque o problema agora é saber o seguinte: quem é culpado por quanto de emissão de gás efeito estufa, quanto é responsável pelo sequestro de carbono, ou seja, quem é que vai assumir a responsabilidade de diminuir o aquecimento global e a minha tese é que cada país tem que chegar em Copenhague, cada um dizendo: eu sou responsável por tanto de emissão de gás efeito estufa, eu vou ser responsável por tanto de sequestro, eu vou ser responsável por tanto de diminuição de gás efeito estufa. Porque é a única chance de a gente tentar resolver esse impasse da questão climática. Porque, se ficarmos tratando esse assunto de forma genérica, cada um tentando jogar a responsabilidade em cima do outro, quem é que começou a industrialização no mundo primeiro, quem é que polui mais hoje, aí nós não vamos chegar a nenhuma conclusão.

Eu penso que Copenhague é um momento extraordinário, em que o bom senso e a maturidade devam prevalecer na cabeça dos dirigentes, para ver se nós encontramos uma saída que dê tranquilidade à Humanidade e que cada país vai assumir o seu papel na História.

Dito isso, eu paro e passo a palavra ao Durão Barroso.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar privado oferecido pelos Reis da Suécia**

**Estocolmo-Suécia, 06 de outubro de 2009**

Com grande alegria volto à Suécia, onde sempre sou acolhido com generosidade e afeto, como todos os brasileiros. Foi assim em minha primeira vinda, como sindicalista, nos anos 80, ou em 2007, quando realizei Visita de Estado a convite do Casal Real. Esta é a tradição sueca. Receber a todos, sem distinção, com braços abertos e hospitaleiros.

Esse afeto é recíproco e leva um nome muito especial, o da Rainha Sílvia. Em sua mais recente visita ao Brasil, em novembro passado, ela participou, junto com Marisa, de evento organizado pela Fundação Mundial para a Infância. Seu carinho com as crianças do Brasil espelha um compromisso com o futuro do país onde mantém raízes e milhões de admiradores.

Majestades,

Solidariedade e confiança no futuro. São esses mesmos sentimentos que forjaram a amizade entre nossos dois países. Defendemos o multilateralismo como a garantia maior da paz.

Valorizamos a democracia moldada na luta pela justiça social. Sabemos que não há desenvolvimento sustentável se não cuidarmos da saúde do mundo que vamos legar às próximas gerações.

O mecanismo de consultas políticas que estamos lançando entre nossas Chancelarias multiplicará nossa capacidade de levar nossa parceria para a agenda internacional.

Nossa aliança é cada vez mais necessária num mundo confrontado com desafios sem precedentes. Ela é especialmente oportuna quando celebramos, aqui em Estocolmo, a III Cúpula da Parceria Estratégica entre o Brasil e a União Europeia.



Estou seguro de que, sob a Presidência sueca, Brasil e União Europeia aprofundarão uma sólida parceria em temas cruciais para a comunidade internacional.

Na recente Cúpula do G-20, o Brasil e a União Europeia mostraram que, juntos, podem contribuir decisivamente na defesa de uma governança global mais legítima e eficaz.

A Suécia soube resistir à tentação do dogmatismo do mercado. Não questionou as responsabilidades estratégicas do Estado na condução da economia.

Assim como a Suécia, sabemos que, sem a necessária regulamentação e supervisão do sistema financeiro, corremos o risco de incidir nos abusos do passado.

Não podemos tampouco postergar ainda mais a conclusão da Rodada de Doha.

Contamos com o empenho da Suécia para eliminar um dos maiores entraves à retomada do crescimento e ao desenvolvimento dos países mais pobres.

Ao aproximar-se a Cúpula de Copenhague, precisamos encontrar soluções para a mudança climática sem frustrar as expectativas de desenvolvimento dos países mais pobres.

Por meio do Fundo Amazônia, o Brasil vem demonstrando que dispõe de vontade política e capacitação técnica para oferecer uma resposta a esse desafio.

Em Copenhague, apresentaremos números que confirmam nossa contribuição efetiva para a redução das emissões de gases de efeito estufa. A criação de um mercado internacional de biocombustíveis pode ser poderoso instrumento para responder a esse desafio.

Por isso, alegro-me com os avanços na implementação do acordo sobre bioenergia, que assinamos durante minha visita em 2007.



Fico especialmente entusiasmado com a perspectiva de levarmos essa cooperação tecnológica em biocombustíveis para terceiros países. Estaremos assim também colaborando para a superação da pobreza e da insegurança energética em muitos países pobres, sobretudo na África.

Majestades, Senhoras e Senhores,

Nossa parceria se fundamenta em bases robustas. O Plano de Ação da Parceria Estratégica, que concluímos hoje, faz mais do que espelhar a riqueza de nosso diálogo e a amplitude de nossos interesses.

Ele oferece um roteiro para continuar a aprofundar essa aliança também nas áreas ambiental, de defesa, de energia renovável, de ciência e tecnologia e de educação e cultura.

É o que prevê o Acordo de Cooperação em Economia, Indústria e Tecnologia, que estamos assinando. Vamos reforçar nossa parceria em inovação em alta tecnologia industrial.

O Grupo de Trabalho sobre Comércio e Investimentos que hoje constituímos ajudará a ampliar e diversificar nossas trocas. Temos motivos para otimismo, pois as oportunidades são incontáveis. Foi o que verifiquei no encontro que mantive hoje com importante grupo de empresários suecos.

Majestades,

Aguardo o prazer e a honra de receber o Casal Real no Brasil, em março do próximo ano, quando espero poder retribuir a gentileza e a cálida amizade com que fui recebido nas duas visitas que fiz à Suécia no espaço de pouco mais de dois anos.

É com esse espírito que proponho um brinde ao êxito do Governo sueco à frente do Conselho da União Europeia, à felicidade de Vossas Majestades e de toda a Família Real, e à prosperidade deste extraordinário país e de seu povo.

Obrigado.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
sessão de encerramento da III Cúpula Brasil-União Europeia**

**Estocolmo-Suécia, 06 de outubro de 2009**

Quero cumprimentar o nosso companheiro Armando Monteiro Neto,  
presidente da Confederação Nacional das Indústrias do Brasil,

Quero cumprimentar os senhores e as senhoras embaixadores,  
Empresários,

Meus amigos e minhas amigas do Brasil e da Suécia,

Estamos aqui para dar uma nova dimensão às relações econômicas entre países que querem aprofundar uma longa e duradoura parceria. Minha admiração pela Suécia vem desde meu tempo de líder sindical. Aqui descobri que patrões e empregados podem cultivar uma relação de respeito e cooperação. Esta é base do modelo de bem-estar social e altíssimo índice de desenvolvimento humano que este país conquistou. Foi também uma inspiração quando eu trabalhava no chão da fábrica e continua sendo, agora que estou na Presidência do Brasil.

Há mais de um século, empresas europeias vêm se instalando no Brasil, consolidando uma aliança exemplar entre nossos países. São Paulo é uma verdadeira cidade industrial europeia: são centenas de empresas gerando milhares de empregos. O estoque de investimentos de países da União Europeia no Brasil é de US\$ 142 bilhões. E, hoje, capitais brasileiros começam a fazer o caminho inverso, levando tecnologia e experiência brasileiras. Não surpreende, portanto, que, entre 2003 e 2008, o intercâmbio comercial entre o Brasil e a Suécia praticamente triplicou, passando de US\$ 938 milhões para US\$ 2,28 bilhões.



Não surpreende que, entre 2003 e 2008, o comércio entre a União Europeia e o Brasil tenha passado de US\$ 31 bilhões para US\$ 82 bilhões. Estamos criando as condições para multiplicar esses avanços e identificar novos horizontes de cooperação.

Amigas e amigos,

É essa nossa resposta à crise internacional. O Brasil resistiu, de forma sólida, à instabilidade dos mercados financeiros internacionais. Perseguimos uma política econômica consistente e o Estado brasileiro não abdicou de sua função reguladora. Já retomamos a trajetória de crescimento.

O Brasil vive hoje um ciclo virtuoso amparado por um mercado interno pujante com expansão da renda dos trabalhadores, controle da inflação e queda dos juros – os mais baixos dos últimos anos. O resultado é a ascensão de uma classe média robusta, que já representa mais da metade da população. Ao mesmo tempo, os programas sociais do governo redistribuíram renda e reduziram de forma dramática os níveis de pobreza. Hoje, todo brasileiro é um pequeno ou um grande potencial consumidor.

Esse ciclo de expansão só será duradouro se eliminarmos os conhecidos gargalos logísticos em matéria de infraestrutura energética e transportes. Por isso, o governo está executando um plano ambicioso de investimentos que farão do Brasil um canteiro de obras: os projetos do Plano de Aceleração do Crescimento, a Copa do Mundo de 2014, o trem bala ligando o Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas e, agora, os Jogos Olímpicos de 2016, no Brasil.

Também estamos investindo na conectividade digital. Dobramos para 64 milhões o número de usuários de internet nos últimos quatro anos. Ganha a sociedade, com comunicações mais rápidas e seguras, e ganha o setor privado, com excelente oportunidade para investimentos.

Senhoras e senhores,



Em um momento em que o mundo vive o desafio da mudança climática, europeus e brasileiros estão demonstrando que é possível crescer de forma saudável, em harmonia com o meio ambiente. E podemos fazer tudo isso garantindo a segurança energética global. Sabemos da urgência de encontrarmos alternativas renováveis, limpas e eficientes. Nossos países estão decididos a reduzir de forma drástica nossa dependência dos combustíveis fósseis. Estamos desmistificando a noção de que a expansão dos biocombustíveis seria ameaça à segurança alimentar e à preservação das florestas.

No Brasil, cresce a produção de alimentos. Em 2009, a taxa de desmatamento será a menor dos últimos 20 anos. Graças ao rigoroso controle das queimadas, diminuiremos, até 2020, em 4,8 bilhões de toneladas a emissão de CO<sup>2</sup>. Isso representa mais do que a soma dos compromissos de todos os países desenvolvidos juntos.

O Brasil está pronto a contribuir com os esforços europeus de incorporar os biocombustíveis em sua matriz energética. A Suécia é parceira consolidada neste desafio de explorar o potencial das fontes alternativas. A entrada em vigor do nosso acordo bilateral sobre cooperação em bioenergia reforça a posição estratégica da Suécia como principal mercado europeu para o etanol brasileiro.

O resultado já se vê nas ruas de Estocolmo, onde ônibus e outros veículos circulam movidos a etanol brasileiro. Por meio de projetos triangulares, também queremos levar a revolução dos biocombustíveis para a esfera internacional. O Brasil está entusiasmado com perspectivas de levar tecnologia, segurança energética e alternativas de emprego e renda para a África, América Latina e Caribe.

Senhoras e senhores,



Sob a presidência sueca, estou convencido que podemos fazer da parceria estratégica Brasil-União Europeia uma poderosa voz na defesa de uma governança global mais justa e solidária.

Contamos com a liderança europeia para ajudar a garantir que o G-20 cumpra seu solene compromisso de concluir rapidamente a Rodada de Doha. Só assim faremos do comércio internacional um instrumento efetivo de desenvolvimento, sobretudo para os países mais pobres.

No combate à pobreza, sei que também podemos contar com o empenho dos empresários em favor do cumprimento das Metas do Milênio da ONU. São todas medidas que farão um mundo mais justo, mas também de mais consumidores.

Senhoras e senhores,

Parto de Estocolmo com a certeza de que esta também é a visão dos empresários europeus e brasileiros aqui reunidos. Temos a oportunidade de consolidar definitivamente uma parceria exemplar, guiada por laços de complementaridade e por um compromisso com a construção de um mundo mais solidário. Confio em que este Seminário será um passo concreto nessa direção.

Meus amigos e minhas amigas, permitam-me agora dois minutinhos. O intérprete me perdoe, mas duas coisas importantes.

Tudo o que eu queira falar aqui, ou que já tenha falado o ministro Miguel Jorge, ou que já tenha falado um outro empresário, nós não conseguiremos dar a dimensão das coisas que estão acontecendo no Brasil. O fato mais concreto, meu caro José Emanuel Durão, meu caro primeiro-ministro da Suécia... o que está acontecendo no Brasil, hoje, em primeiro lugar, é o fato de os brasileiros terem aprendido a gostar de ser brasileiros. Esse é o dado mais extraordinário, que é a recuperação da autoestima de um povo que durante décadas teve a sua autoestima jogada para baixo, porque a eles foi dito, durante muito tempo,



que tudo o que nós fazíamos era inferior e que, portanto, nós tínhamos que ser tratados como cidadãos de segunda classe.

A segunda coisa, é que nós fizemos, possivelmente, a política mais responsável das últimas décadas no nosso país. Todo mundo lembra o que nós fizemos em 2003, enquanto ajuste fiscal. Possivelmente, um economista preciso e inteligente não faria o ajuste fiscal que eu fiz em 2003. E eu só fiz porque nós tínhamos muito capital político e era possível trocar o capital político por fazer as coisas que nós acreditávamos e que sabíamos que depois nós iríamos colher os bons resultados que estamos colhendo hoje.

Nós, como uma formiga, trabalhávamos enquanto outros cantavam; trabalhávamos e economizávamos enquanto outros queriam que nós fizéssemos a coisa de forma atabalhoada, sem que a gente desse os passos corretos que a economia do Brasil precisaria dar. O que as pessoas não se lembram é que eu fui dirigente sindical durante um bom tempo em meu país, e eu vivi com dezenas de planos econômicos, verdadeiras mágicas inventadas e anunciadas em um belo dia como se fossem a salvação do nosso país. E, passados alguns meses, o plano terminava, os prejudicados entravam na justiça, a União pagava os esqueletos que iam se amontoando todo santo ano no nosso país.

Eu vivi no Brasil com inflação a 80% ao mês e, portanto, eu não sei de jornais e não sei de livros, os efeitos da inflação na vida de quem vive de salário no país. Quem vive de especulação não sente a inflação, quem vive de salário sabe o que é a inflação de 80%. Por isso é que nós resolvemos fazer do controle da inflação quase que uma profissão de fé. Ela não vai voltar a subir no Brasil, porque nós sabemos que, quando ela voltar, quem perde é aquele que recebe salário no final do mês: são os aposentados e é a parte mais pobre da população do nosso país.

Ao mesmo tempo, nós tomamos a atitude... e isso é importante dizer e repetir até as pessoas entenderem que não era correta aquela tese de que



você só pode distribuir se a economia crescer. Empresários suecos que têm empresas no Brasil sabem o que aconteceu na década de 70, no final da década de 60, no Brasil, quando a economia chegava a crescer 14% ao mês e que diziam para nós... Ao ano, ao mês era demais. Bem, que crescia 13, 10, 8, 14% ao ano e que diziam para nós: Olhem, primeiro a economia tem que crescer, quando ela crescer nós vamos distribuir. E essa economia cresceu de 1950 a 1980 os números que a China está crescendo hoje: E, quando veio a crise da dívida externa, nos anos 80, o que a gente descobriu é que alguém tinha comido o bolo que era para a gente comer. Não sobrou bolo para o povo comer.

Pois bem, nós resolvemos fazer um teste e resolvemos provar que a tese acadêmica que você só pode distribuir se crescer, nós provamos que era possível crescer e simultaneamente distribuir ou, às vezes, até você distribuir para que a economia pudesse crescer. Nós passamos a fazer política de transferência de renda aumentando o salário mínimo, criando o Bolsa Família e fazendo políticas sociais que eram para garantir que uma uma grande parte da população que vivia fora do mercado pudesse entrar no mercado.

Meu caro Primeiro-Ministro, meu caro Durão Barroso, eis que, quando a crise chegou, quem sustentou o comércio brasileiro foi exatamente a parte pobre do País. Você que conhece bem o Brasil, se você for ao Nordeste brasileiro, você vai perceber que os shoppings do Nordeste estão vendendo mais do que os shoppings do Sudeste, porque lá tem mais gente ganhando salário mínimo. As políticas sociais, por menor que seja a quantia em dinheiro que a pessoa receba, elas fazem mais efeito nos lugares mais pobres do País. E, hoje, nós podemos afirmar, aqui, aos empresários suecos: os brasileiros já sabem que quem evitou que o Brasil tivesse uma crise profunda foi, de um lado, o povo pobre consumindo e a classe média brasileira e, de outro lado, o Estado cumprindo com o seu papel de indutor e de regulador da economia.



Eu fiquei muito triste quando percebi que países ricos, importantes, não tinham sequer um banco de referência. Os empresários que têm empresas no Brasil sabem que foi graças à existência do BNDES, graças à existência do Banco do Brasil e graças à existência da Caixa Econômica Federal que o nosso crédito não sucumbiu como sucumbiram os créditos de outros países. E quando a crise deu sinais de que o crédito tinha desaparecido, nós não vacilamos um minuto, passamos a comprar bancos. Compramos um banco importante em São Paulo; compramos um outro banco importante que tinha a maior carteira de financiamento de carro usado; estabelecemos um seguro garantidor para que os bancos pequenos pudessem captar recursos; garantimos a esses bancos o seu funcionamento. E aquilo que a gente dizia que a crise no Brasil seria uma “marola”, um pouco mais alta, um pouco menor, a verdade é que o Brasil foi o último a entrar na crise e foi o primeiro a sair da crise. Não perdemos um minuto em tomar todas as medidas que tivemos que tomar de financiamento, de redução de impostos, nos setores mais importantes da economia, para que a economia brasileira voltasse a funcionar.

Hoje, passado um ano do auge da crise... porque a crise eu divido em dois momentos, Durão Barroso: eu divido primeiro no *subprime*, que era só a especulação habitacional nos Estados Unidos, a dívida das famílias e depois, com a quebra do *Lehman Brothers*, porque aí o crédito realmente desapareceu. Pois bem, um ano depois da quebra do *Lehman Brothers*, do desaparecimento de crédito, o Brasil hoje... Eu vou dar um dado para vocês e para você que entende bem do Brasil, Durão Barroso: quando nós chegamos, em 2003, no governo, o Brasil total tinha 380 bilhões de créditos; hoje, só o Banco do Brasil tem isso. O crédito que representava 23%, hoje representa mais de 43%. Em uma demonstração de que as medidas rápidas que o Estado tomou... porque é engraçado, nas pesquisas feitas, na hora em que o sistema financeiro quebra, a única coisa respeitada no mundo, em que as pessoas confiavam, era o Estado.



E foi muito engraçado porque eu lembro que eu até telefonei para o Obama e contei da experiência do Banco do Brasil, contei da experiência da Caixa Econômica porque era visível que eles tinham salvado parte da economia brasileira. Mesmo quando a indústria automobilística brasileira se acovardou e pôs o pé no breque, o carro estava andando a 100 por hora pisou com o pé no breque com muita força, deu férias coletivas no mês de dezembro, desempregou gente no mês de janeiro, quatro meses depois a indústria automobilística brasileira já voltava a bater recorde de produção. E hoje, nós já somos o quinto produtor de automóveis do mundo e estamos produzindo recordes no ano de 2009, mais do que produzimos no ano extraordinário, que foi 2008.

Qual é a lição que nós tiramos de tudo isso? Primeiro, é que nós não podemos repetir os erros que nós cometemos antes da crise. O sistema financeiro tem que existir, somos gratos ao sistema financeiro, mas eles têm que existir para financiar o desenvolvimento dos países e não para pagar bônus muito altos a metas nem sempre cumpridas e, quando cumpridas, são cumpridas não com a fabricação de produtos, com o financiamento de produtos, mas com troca de papéis: eu dou um papel para o Durão Barroso, que dá um papel para o Primeiro-Ministro, que dá um papel para o presidente da Federação, que dá um papel para o Presidente, que dá um papel para o Armando Monteiro, que dá um papel para vocês. No final, todo mundo ficou rico e não gerou um microfone desses, não gerou um copo desses. Não há economia que se sustente em um mundo assim, não há.

Então, eu fico muito feliz quando, junto com os companheiros aqui, participo do G-20 e percebo que essa não é uma preocupação do presidente do Brasil, é uma preocupação da União Europeia, é uma preocupação da Suécia, é uma preocupação dos Estados Unidos, é uma preocupação de todos os países do mundo, porque, na verdade, nós não precisaríamos ter passado a crise que nós passamos.



E por que eu acho que os empresários suecos, que há cem anos acreditaram no Brasil e fizeram investimentos, têm que fazer mais agora? Porque agora nós acabamos de conquistar as Olimpíadas, porque agora nós vamos fazer a Copa do Mundo de 2014. E se a Suécia quiser repetir a final de 58, tem que fazer investimento no Brasil. E porque agora nós temos o pré-sal, e porque agora nós temos mais de US\$ 359 bilhões para investimento, só da Petrobras, 178 bilhões até 2017.

E nós queremos que vocês que estão no Brasil há tanto tempo... até a primeira greve que eu fiz na vida foi em uma empresa sueca! Eu só cheguei à Presidência por causa daquela greve, da nossa querida Scania-Vabis do Brasil.

Então, é importante, é importante. E eu tenho chamado a atenção dos empresários brasileiros, que os empresários brasileiros precisam não ter medo de virar empresários multinacionais. É importante que a gente construa parceria. Porque o Brasil, de vez em quando, se comporta como se fosse um país pobrezinho.

O Brasil, Durão Barroso, quer participar da governança global, e o Brasil tem que saber que participar da governança global tem mais responsabilidade. Nós temos que colocar dinheiro, em vez de pedir dinheiro, nós temos que ajudar a financiar, nós temos que garantir que as coisas funcionem corretamente. Por isso que os empresários brasileiros precisam aprender a investir no exterior, fazer parceria com outras empresas, porque uma empresa multinacional é muito importante para um país, é uma bandeira do Brasil em qualquer lugar do mundo que ela for. E os empresários suecos, que já sabem o que é o Brasil, podem construir parcerias com as empresas brasileiras.

Eu vou dizer uma coisa, para terminar: nós passamos muito tempo jogando oportunidades fora. Acho que tem poucos países no mundo que tiveram tantas oportunidades e jogaram tantas oportunidades fora. Um pouco por conta disso, um pouco porque, no Brasil, nós gostamos de falar mal de nós. O Brasil, acho que é o único povo que conta piada das suas próprias



desgraças. É uma coisa fantástica! E, muitas vezes, nós éramos induzidos a não acreditar.

Eu lembro, agora, que nós fomos disputar essas Olimpíadas, quantas vezes eu vi na televisão: “Ah, o Brasil não tem condições. O Brasil vai disputar com Chicago, vai disputar com Tóquio, com Madri. Quem é o Brasil? Se enxerga, Brasil”. Era como se nós não pudéssemos ter uma Olimpíada.

Ora, o que os países já tiveram, com raríssimas exceções, que são mais do que nós? Mais ricos? Mas quem é que tem mais criatividade do que o povo brasileiro? É só perguntar para os empresários estrangeiros que têm fábrica no Brasil, que ele vão te dizer que os empresários mais criativos do mundo e que aprendem com mais facilidade, são os trabalhadores brasileiros.

Tinha gente que achava, Durão Barroso, que a gente não poderia fazer a Copa do Mundo, porque não estava preparado. Ora, se nós fizemos uma em 1950, por que não poderíamos fazer em 2014?

Então, eu acho que isso está sendo superado aos poucos. Nós estamos aprendendo a gostar do Brasil, nós estamos aprendendo a ver que o Brasil produz melhor.

Eu trabalhei na Villares 17 anos. E eu fazia uma peça... era uma empresa com o Japão. A gente fazia umas roldanas para aquelas escavadeiras, para aquelas de tirar essas águas... aquela escavadeira que limpa os rios, aí. A roldana que nós fazíamos no Brasil era dez vezes melhor do que aquela feita no Japão, melhor acabamento, fantasticamente. Eu mesmo fazia, melhor do que os japoneses. Você passava o dedo na do Japão, você se cortava, você passava o dedo na do Brasil, vinha a vontade de você ficar alisando, assim, de tão lisa que era. E nós achávamos que o Japão era melhor do que nós. Ora, eles são mais ricos do que nós, eles têm mais dinheiro do que nós, mas não são melhores do que nós. É isso que nós temos que acreditar.

É por isso que eu queria convidá-los, os que já estão lá a continuarem fazendo os investimentos no Brasil, e, os que não estão ainda, não percam a



oportunidade, porque nós aprendemos a crescer, aprendemos a entender que o Brasil pode ser uma grande economia. E trabalhamos com a convicção, Durão Barroso, que se a situação continuar do jeito que está, até 2016, nós estaremos entre a 5ª ou a 6ª economia do mundo. Aí, se o G-8 continuar, eu quero saber se vou ser chamado para o G-8, como titular. Porque a verdade é que, hoje, discutir economia tem que lembrar da China, da Índia, do Brasil, da África do Sul, de alguns países africanos. Não é possível a gente esquecer esses países.

Então, eu queria convidá-los a conhecer este novo Brasil. Queria que o Armando Monteiro fizesse uma série de seminários, que levasse para conhecer as coisas que estão acontecendo no Brasil, a quantidade de investimento que a Petrobras vai fazer, a parceria que vocês podem construir conosco, na construção de plataformas, na construção de navios, na construção de sondas. Só a Petrobras, são 200 navios encomendados. Nós vamos precisar de muitos estaleiros, porque nós vamos começar a buscar o petróleo lá no fundo do mar, são 7 mil metros de profundidade. A única preocupação que eu tenho é que se a gente perfurar muito é capaz de a gente trazer um japonezinho na ponta da broca, de tão fundo que é o nosso petróleo.

É com essa convicção que eu queria convidá-los, companheiros suecos, companheiros da União Europeia a continuarem acreditando no Brasil. Porque o Brasil não vai jogar fora o século XXI como jogou fora o século XX.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de sanção do projeto de lei complementar que define regras gerais para a organização da Defensoria Pública da União e para a Defensoria Pública nos estados**

**Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília, DF, 07 de outubro de 2009**

Eu tinha pedido ao companheiro Tarso que não era necessário que eu falasse aqui, porque eu tinha gasto grande parte das emoções acumuladas, Jucá, no discurso para a gente poder conquistar o direito de o Brasil sediar uma Olimpíada.

Na verdade, o que nós ganhamos foi o direito de sermos contemplados com a justiça, porque nós fizemos um mapa para mostrar, desde quando começaram as Olimpíadas, onde elas tinham sido realizadas, e tem um vazio na América do Sul e um vazio na África. E o argumento nosso era que o maior evento esportivo do mundo não é um privilégio dos ricos, até porque a maioria dos atletas são pobres, ou seja, era para ser feito... E eu acho que esse argumento foi um argumento muito convincente, e obviamente que teve um trabalho extraordinário do nosso Comitê Olímpico. Mas eu disse, e queria dizer para vocês aqui, que eu acho que foi uma conquista da cidadania que o Brasil teve, lá em Copenhague.

Então, eu nem ia falar aqui por conta disso, porque eu já chorei o que tinha chorar esses dias, em Copenhague. Mas dizer para vocês o seguinte: vocês estão lembrados que quando eu tomei posse, em 2003, não tinha tanta gente no debate que eu fui participar, lá no Rio de Janeiro, mas que já encontrei uns 30 companheiros com fotografia daquele debate. Acho que não tinha nem 30 pessoas, ou seja, acho que alguém tirou foto.

Mas, vocês estão lembrados que quando eu tomei posse, em 2003, eu disse que a gente... primeiro nós íamos fazer o necessário, depois nós iríamos



fazer o possível e que, de repente, a gente poderia começar a fazer as coisas que pareciam impossíveis.

Eu acho que o evento de hoje é uma dessas coisas, que quando menos a gente espera, a gente consegue, com a colaboração extraordinária do Congresso Nacional, a gente consegue ir fazendo com que o Poder Judiciário vá entrando nesse clima de democracia, de conquista de cidadania que a gente quer para todas as pessoas neste país.

De vez em quando, andando de carro, a gente vê um carro com um grande adesivo atrás: “Procuro um advogado”. E aquilo me deixava triste, porque eu sabia que muita gente, muita gente, é condenada ou não é defendida nos seus direitos porque ele nem consegue chegar à porta de um advogado, nem consegue chegar.

Eu lembro que quando eu cortei esse dedo aqui, em 1961, se não me falha a memória, naquele tempo você tinha uma indenização, cada dedo tinha um valor. E eu lembro que tem aqueles advogados que ficam na porta da Justiça, na verdade, muitas vezes, enganando até o pobre do trabalhador, quando recebe uma AM do Fundo de Garantia, que ele só vai ao banco e deposita e marca a data para ele receber, mas aí o advogado promete: “Não, vai ao meu escritório, que eu consigo mais rápido”. O coitadinho vai, não consegue mais rápido coisa nenhuma e depois tem que pagar 20% para o advogado.

Com esse dedo aqui foi uma coisa engraçada. Eu saí da Justiça e aí apareceu um cidadão: “Olha, vai ao meu escritório que eu consigo um pouco mais para você, vai ser muito rápido”. Eu, molecão, de... acho que 18 anos, eu fui ao escritório e cheguei lá, assinei todos os papéis que ele pediu para eu assinar, sabe, a gente nem lê, assinei. Aí, quando eu fui receber meu dinheirinho, era 362 cruzeiros, cruzados, uma coisa assim. Ele queria me tomar 20%, Tarso. Como é que eu ia dar 20%? Aí, eu comecei a chorar... Como é



que eu ia falar para minha mãe que o advogado tinha me levado 20% do meu dinheirinho e meu dedo estava lá no belaléu?

Aí, eu fui ao advogado do Sindicato, ali, de São Paulo, na Rua do Carmo. E aí, peguei um advogado, até um famoso que cuidava de Previdência Social. E eu não sei... e ele ligou para o advogado, ligou e falou: “Olha, não é importante você cobrar do rapaz, o rapaz perdeu o dedo e ainda vai pagar?”. E eu cheguei lá, o advogado me deu um tremendo “carão”, me deu uma esculhambada, mas me deu meu dinheirinho todo. Então, eu fiquei quieto, fiquei quieto porque eu terminei não pagando, eu achei que era injustiça.

Agora, eu fico imaginando os milhões e milhões de mulheres e homens neste país, que diante de um problema não tem ninguém para defendê-los e, às vezes, são condenados por bobagens, porque também não tem ninguém para defendê-los. Ao fortalecer a Defensoria, nós estamos apenas garantindo ao cidadão mais humilde deste país o mesmo direito de alguém que pode contratar o mais importante advogado deste país. É o mínimo que nós... porque a democracia não seria democracia se a gente não garantisse a todos a mesma oportunidade.

Agora, eu penso, companheiros, que é preciso fazer um trabalho muito sério, Tarso, de propaganda sobre a Defensoria Pública. Eu acho que é preciso que as pessoas tenham um 0800, zero não sei quanto, e que seja divulgado na televisão para as pessoas andarem com isso, para as pessoas na hora em que precisarem, telefonarem, porque como este país é muito grande e tem muita desinformação, nós poderíamos pensar enquanto governo, enquanto Ministério da Justiça, o que a gente pode fazer para que a gente coloque esse número de vocês em rádio, em televisão, para que quando uma pessoa for abordada indevidamente na rua, ou for acusado injustamente, ou ele tiver um problema qualquer, que ele saiba que o Estado brasileiro, através de vocês, está dando a ele o advogado que jamais ele poderia contratar, porque não teria dinheiro para contratar.



Então, Jucá, eu quero dar os parabéns ao Senado, à Câmara. A gente, muitas vezes, fala mal da Câmara, fala mal do Senado, mas eu penso que quando eles têm projetos de interesse público, até agora o Congresso não faltou em aprovar nenhum projeto de interesse deste país.

E eu acho, então, que a gente deve reconhecer esse trabalho dos nossos líderes, do Jucá, do Mauro Benevides, de tantos companheiros que se dedicaram para isso. É importante vocês saberem que lá dentro vocês têm mais amigos do que vocês imaginam. Porque, muitas vezes, a gente vê uma denúncia qualquer, a gente já passa a julgar todo deputado como bandido, ou senador, quando, no fundo, no fundo, na hora em que a gente precisa, na hora em que a gente se organiza, a gente percebe que as coisas acontecem.

O pacto que nós fizemos, pelo Poder Judiciário, eu imaginava que a gente não ia ter sucesso, que ia demorar. E, quando chega no Congresso Nacional, com muita rapidez eles aprovaram as coisas. E a Defensoria Pública é uma dessas conquistas.

Eu queria que vocês tivessem consciência que grande parte dessas conquistas é de vocês, porque não tem um lugar que eu vou que não me apareça ou uma mulher ou um homem da Defensoria Pública pedindo para que a gente apressasse a votação deste projeto de lei.

Então, eu quero dar os parabéns. Acho que o povo pobre deste país, hoje, ele pode dizer, de forma mais orgulhosa, que ele tem mais advogado, muito mais preparado, e acho que ele tem agora a certeza de que ele não vai ser mais explorado e nem julgado sem defesa.

Parabéns, Tarso, pelo trabalho. Parabéns, Dilma. Sobretudo parabéns a vocês, que trabalham. E acho que vocês precisam aprender que cobrar do governo, reivindicar e exigir é obrigação de vocês, é obrigação, ou seja, muitas vezes vocês pensam que porque têm amizade comigo, porque me conheceram, que não devem reivindicar. Neste governo não é proibido reivindicar, não é proibido reivindicar. Até porque, as conquistas da sociedade,



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

elas só se dão na medida em que as pessoas aprendem a brigar pelos seus direitos. E eu acho que vocês mereciam esta lei, e vocês a têm. Bom proveito, e eu espero que menos gente seja punida injustamente neste país, porque terá os advogados e as advogadas da Defensoria Pública para defendê-los.

Um abraço e boa sorte.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia do Dia Nacional de Combate a Cartéis**

**Ministério da Justiça – Brasília-DF, 08 de outubro de 2009**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Justiça,  
Senhora Neelie Kroes, comissária para a Concorrência da Comissão  
Europeia,

Meu caro companheiro Jorge Hage, ministro da Controladoria e  
Transparência,

Senhor Scott Hammond, procurador-chefe da Divisão Antitruste do  
Departamento de Justiça dos Estados Unidos,

Nossa querida companheira Marina Tavares de Araújo, secretária de  
Direito Econômico, na pessoa em que saúdo todos os secretários do Ministério  
da Justiça,

Meu caro Mauricio de Sousa,

Meus amigos e minhas amigas,

Não seria necessário fazer uso da palavra aqui, porque eu penso que  
aquele cartaz que dois jovens estão segurando ali é o que eu gostaria de ver  
em uma foto amanhã, na grande imprensa brasileira.

Mas, de qualquer forma, estamos celebrando hoje, 8 de outubro, o Dia  
Nacional de Combate a Cartéis. Eu não sei se havia a intenção do Tarso Genro  
de fazer uma homenagem ao Che Guevara, porque hoje, o dia 8, é o  
aniversário da morte do Guevara.

Mas, com isso, nós buscamos fortalecer a economia nacional, dotando o  
país de critérios republicanos e transparentes na concorrência. Cartéis  
normalmente geram aumento de preço e pressionam os índices da inflação,



consequentemente prejudicando as pessoas que vivem de salário neste país.

Os desdobramentos recentes da crise mundial apontam para a necessidade de uma presença mais vigilante do Estado na economia. O país, que agora está transformado em um canteiro de obras... E é importante dizer que essa crise econômica, que causou um mal tão grande a todos os povos, ela, no fundo, no fundo, vai trazer um benefício, porque as pessoas estão hoje tendo consciência de que o Estado não pode ser mínimo, o Estado tem que ser o Estado que cumpre o papel de indutor do desenvolvimento dos países e, ao mesmo tempo, de fiscalizador das boas práticas financeiras também nos países.

Bem, é fundamental, assim, garantir um ambiente de muita competição. Essa é outra briga que nós temos na reunião do G-20. É que tinha tanta gente que falava em livre comércio que agora, que veio a crise, muita gente que defendia o livre comércio está defendendo agora o protecionismo, e isso não é uma boa prática para o desenvolvimento econômico, sobretudo, para ajudarmos os países mais pobres.

Bem, com a quantidade de obra que nós estamos fazendo, Tarso, em uma livre concorrência, a gente pode, de cara, economizar entre 10% a 20% nos preços. Permitirá, igualmente, garantir a qualidade dos produtos e serviços contratados. Será fundamental a iniciativa do Ministério da Justiça nessa rede de inteligência com os mais diferentes órgãos, como a Controladoria-Geral e o Tribunal de Contas da União, para combater os cartéis em licitações públicas. Apesar dos avanços, falta concluir a reestruturação do Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência, como prevê o projeto de lei, pendente de aprovação pelo Senado Federal. Ele garantirá o aumento de investimento no País, dotará o Brasil de um marco regulatório adequado, incentivando a eficiência econômica e a produtividade e a inovação tecnológica.

O cartel é grave lesão à concorrência, é um acordo para fixar preços, cotas de produção, divisão de clientes e de mercado. Às vezes, as reuniões



não se dão nem dentro do Brasil. Às vezes, é até em uma viagem, aparentemente de turismo, que se dão as grandes negociações de quem quer praticar o cartel dentro do nosso país e dentro de outros países. Prejudica seriamente os consumidores ao aumentar custos e restringir a oferta, tornando os bens e serviços mais caros e indisponíveis. Ao limitar artificialmente a concorrência, traz prejuízos também à inovação, impede que outras empresas aprimorem seus processos produtivos e lancem novos e melhores produtos no mercado. Isso resulta em perda de bem-estar do consumidor e, ao longo prazo, perda da competitividade da economia como um todo.

Desde o início do governo, fizemos do combate aos cartéis uma prioridade absoluta. A Secretaria de Direito Econômico passou a utilizar ferramentas sofisticadas de investigação, como a realização de operações de busca e apreensão e a celebração de acordo de leniência. A Secretaria tem cooperado crescentemente com autoridades estrangeiras. Paralelamente, o Cade passou a impor multas recordes a empresas, funcionários e sindicatos pela prática do cartel. Os avanços do Programa Brasileiro de Combate a Cartéis são reconhecidos hoje no mundo inteiro. A estratégia da Secretaria de focar seus recursos disponíveis no combate a cartéis tem permitido seu desmantelamento com impacto positivo na economia brasileira.

Além disso, o Cade tem demonstrado seu comprometimento com a punição severa dos cartéis. Aqui, o Tarso já disse alguns números. Foi o caso das companhias aéreas, em 2004, dos vergalhões de aço, genéricos e jornais, em 2005, do cartel internacional das vitaminas, das empresas de vigilância e frigoríficos, em 2007, e da extração de areia, em 2008. Multas impostas pelo Cade superaram o valor de 340 milhões para um único caso envolvendo três empresas. Eu preciso saber se essa multa nós vamos receber, não é? Porque...

Bem, as penas de multa e reclusão em relação à prática de cartel são um importante fator dissuasório. Ajuda a cooperação do Cade com as Polícias



Federal e Civil e com os Ministérios Públicos para assegurar que empresários que não participem do Programa de Leniência sejam responsabilizados criminalmente. Em 2009, lançamos a Estratégia Nacional de Combate a Cartéis, um foro que reúne diferentes autoridades, repetindo os bons resultados da Estratégia Nacional de Combate à Lavagem de Dinheiro. Hoje, há, pelo menos, cem administradores brasileiros e estrangeiros que enfrentam processos criminais no Brasil por prática de cartel. A Mariana já falou, nos últimos anos, ao menos 34 executivos já foram condenados.

Como se vê, meus amigos e amigas, buscamos dotar nossas instituições de instrumentos adequados e necessários para acompanhar os extraordinários avanços econômicos que tivemos até agora. Mas, sobretudo, nos preparamos para enfrentar os desafios que se colocam a um país que está ocupando um novo e promissor papel na economia global.

Aqui, duas coisas, Tarso, que eu não poderia deixar de falar, sem o meu discurso oficial, aqui, só uma palavra. Primeiro, normalmente, o cidadão que está praticando cartel, ele não tem cara de bandido. Normalmente é uma pessoa que você olhando na fisionomia dela e na conversa dele, você pensa que está diante do maior defensor do livre comércio, do maior defensor da licitação mais abrangente possível. E você se dá conta, às vezes, que está de frente de um homem bom e que só quer o bem do País.

Alguns, que eu já tive oportunidade de ver, eram pessoas assim. Eles nunca têm cara nem de malandro, nem de bandido. Porque, se tivessem, seriam, de vez em quando, pegos como suspeitos, como são pegos os malandros por esse país afora.

Então, eu acho que essa organização, esses acordos internacionais e essas leis próprias para combater os cartéis são uma necessidade de todos os países, mas é muito mais responsabilidade de um país que começa a ganhar a respeitabilidade que o Brasil tem ganho no mundo.

O problema de o Brasil virar um país grande economicamente, justo



socialmente, e começar a participar dos fóruns internacionais... Muita gente acha legal porque o presidente Lula está aparecendo nas fotografias, ao lado de Obama, de Sarkozy, de Angela Merkel, de Hatoyama. Isso é o menor, o problema é que aumenta a nossa responsabilidade. O Brasil passa a ter a responsabilidade de servir de exemplo, de virar paradigma, para que a gente possa se transformar em uma nação definitivamente respeitada no mundo inteiro. Porque, durante muito tempo, as pessoas trataram o Brasil como se nós fôssemos uma pequena republiqueta, sem nenhuma importância.

Então, na hora em que este país cresce politicamente, na hora em que este país começa a ter uma inserção internacional mais forte, pode ficar certo, todo mundo, que é servidor deste país, que a nossa responsabilidade aumenta e, portanto, nós temos que trabalhar mais e cada vez mais nós sermos sérios.

Qual é o problema que nós enfrentamos com o combate aos cartéis, com o combate à corrupção e com todos os combates que nós fazemos? É que as notícias começam a aparecer no rádio e na televisão. Talvez houve gente, neste país, que um dia preferiu colocar tudo isso embaixo do tapete, porque ninguém sabia, todo mundo passava incólume neste país, parecia que não tinha cartéis, parecia que não tinha corrupção. Na hora em que você levanta o tapete é que você percebe quanta sujeira estava escondida, acumulada.

E o que eu disse no começo do governo, e vou dizer agora? Quem não quiser ser importunado, é só agir corretamente. Ninguém vai importunar quem não estiver agindo corretamente. Então, no Brasil, quem não quiser ser importunado pela Controladoria, pela polícia, pelo Tribunal de Contas, por tudo o que a gente tem de fiscalização – nós temos muita – é só fazer as coisas certas que ninguém vai atrás, ninguém vai perseguir. Agora, se fizer errado, tem que ser punido, porque a lei tem que ser para todos, ou seja, rico ou pobre tem que cumprir a lei, este país tem Constituição e, portanto, todos nós somos igualmente brasileiros.

Dito isso, eu queria, Tarso, dizer que é muito importante que a gente



tenha um dia em que a gente possa comemorar, 8 de outubro, Dia Nacional de Combate a Cartéis. Porque essas coisas começam assim: é a primeira vez, é a segunda vez... Daqui a pouco, isso vai virar um negócio que quando a gente estiver fazendo em Brasília, estará acontecendo nos estados movimentos, estará acontecendo debate nos estados.

Você imagina: o Maurício conseguiu fazer com que essa coisa chamada “cartel” fosse, para a menina de hoje, uma coisa extraordinária, porque eles vão aprendendo dos velhos. Isso vai ser que nem internet, ou seja, um menino de oito anos leu esse gibizinho, ele já vai ficar sabendo o que é cartel primeiro do que o avô dele, porque a internet é a única coisa que as crianças são mais espertas que os velhos. Então, pode ter outras coisas que a gente não sabe, mas essa certamente. Então, eu acho que é um dia alegre, é um dia alegre, a gente comemorar um dia de combate aos cartéis, é uma coisa fantástica, porque isso demonstra que nós conquistamos maioria e não queremos mais ser tratados como um país pequeno, insignificante.

A segunda coisa agora para os nossos dois convidados. Eu sou muito amigo do presidente Obama, aliás, não sou só amigo, eu tenho uma expectativa muito grande com a eleição do Obama. Eu acho que a eleição do Obama representa para os Estados Unidos a quebra dos preconceitos que a minha eleição representou no Brasil, a quebra dos preconceitos que a eleição do Evo Morales mostrou na Bolívia, porque você imagina um índio ser eleito presidente de um país que tem 60% de índios e era governado por uma minoria. Você imagina quando o Mandela foi eleito presidente da África do Sul, o sucesso extraordinário que foi um país que tinha 26 milhões de negros contra 6 milhões de brancos eleger pela primeira vez um negro presidente.

Então, a eleição do Obama significa muito para mim. Obviamente que eu...Por isso, eu não estava torcendo para ele ganhar as Olimpíadas, mesmo eu gostando dele, adorando ele, eu estava torcendo para ele perder. Eu sou amigo do Zapatero há pelo menos 20 anos, eu também sou amigo dele, mas



estava torcendo para ele perder. E confesso a vocês que nós ficamos preocupados quando o Obama chegou a Copenhague, nós ficamos preocupados, porque, primeiro, só a presença americana já é uma coisa importante. Qual era a vantagem que nós tínhamos? Que os Estados Unidos já tinham feito quatro Olimpíadas, mais quatro de inverno, portanto já tinham feito oito. O Zapatero, Londres está fazendo agora, a gente suspeitava que os delegados não iam dar outra para a Europa, agora, em 2016, e também porque tem muito país europeu querendo fazer as Olimpíadas em 2020. Então, não poderia nunca ser três Olimpíadas seguidas na Europa. E o Japão, a gente achava que foi lá para marcar tabela.

Quando – o Obama não pode saber disso – mas quando Chicago, quando Chicago foi eliminada, naquela hora eu senti que a gente ia ganhar as Olimpíadas. Eu senti que a gente ia ganhar. E isso era um pouco visível por essas coisas que eu contei agora. A questão da América do Sul nunca ter feito uma Olimpíada e a questão do Brasil, ser a décima economia... o único país entre as dez economias do mundo que não tinha feito Olimpíadas, não teria muita explicação para os delegados. Depois, eu tinha aprendido uma lição: a França perdeu da Inglaterra porque o Tony Blair se dedicou a conversar com delegados, delegado que estava doente, ele ligava no hospital para desejar saúde para as pessoas. O Chirac não tinha feito isso, então foi a explicação que um sábio chinês me deu sobre a derrota da França. Eu falei: por falta de conversar, eu não vou perder.

Faz dois anos – o Obama só tem nove meses de governo – faz dois anos que eu estou conversando com delegados, faz dois anos que cada estrangeiro que vem aqui ao Brasil, primeiro ponto de pauta é a Olimpíada. Eu mandei carta para cada presidente, para cada primeiro-ministro, para cada delegado, mais que uma vez, por isso eu estava muito na frente, e eu tinha certeza. Eu confesso a você que, depois da vitória, eu fiquei com dó do Obama e fiquei com dó do Zapatero, porque quando você ganha de um amigo, você



sempre fica chateado, mas o que me segura é que eles não poderiam ganhar, tinha que ser o Brasil. Eu acho que foi um momento mágico para este país. Agora, já está na hora de parar de festejar a vitória e começar a trabalhar para a gente poder preparar uma grande Olimpíada e provar que um país pobre tem condições de fazer uma Olimpíada.

O Brasil não é pobre, mas também o Brasil não está entre os países poderosos. O que me alenta é que nós corremos um gostoso perigo, um gostoso risco de em 2016 já sermos a quinta economia do mundo. Quando eu fiz a primeira greve em 1978, eu disse uma vez, lá no estádio da Vila Euclides, que nunca mais ninguém ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores. Hoje, eu poderia dizer que ninguém nunca mais ouse duvidar da capacidade de conquista deste país chamado Brasil.

Muito obrigado e parabéns.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita a obras de revitalização do rio São Francisco**

**Barra-BA, 14 de outubro de 2009**

Primeiro, deixe-me dizer uma coisa para vocês. Eu tenho, na verdade, cinco minutos porque tem o avião que eu tenho que pegar em Xique-Xique e ainda vou para Pernambuco hoje, vamos dormir no lote de uma obra dessa daqui. E eu queria dizer que eu estou aqui com o nosso governador, o nosso querido companheiro Jaques Wagner, está aqui a ministra Dilma Rousseff, está aqui o ministro Geddel, está aqui o ex-ministro Ciro Gomes, que é um dos autores deste projeto, está aqui o nosso prefeito de Barra, está o nosso ministro das Cidades, o Marcio Fortes, o ministro Franklin Martins, o nosso general de Exército, general Enzo.

Eu vou dar apenas uma pequena palavrinha para vocês, gente. Primeiro, eu queria agradecer o carinho com que vocês estão nos tratando. Em segundo lugar, dizer para vocês que essas obras de revitalização do rio São Francisco são uma obra que estão sendo pensadas há mais de 200 anos e que nós, agora, resolvemos recuperar o Velho Chico. Fazer uma plantação em todas as margens do rio, de onde ele começa a onde ele termina, para que a gente possa fazer este rio voltar a ser navegável de Pirapora, lá em Minas Gerais, até Juazeiro na Bahia. Nós estamos fazendo nesta cidade o esgotamento sanitário, fazendo coleta de todos os dejetos de todas as casas para que gente evite que os dejetos sejam jogados no rio São Francisco. Ao mesmo tempo, o prefeito e o governador já estão reivindicando uma ponte aqui no rio São Francisco.

**Intervenção:** (incompreensível)

**Presidente:** ...Só, viu, então, então, eu queria dizer para vocês que nós vamos



fazer três dias de visita, nós vamos fazer a visita hoje aqui, já começamos em Pirapora, nós vamos a Arco Verde, vamos a Floresta, vamos a Cabrobó, vamos a Salgueiro. Essa é uma primeira visita oficial nossa às obras que estão sendo comandadas pelo ministro Geddel. Essas obras são importantes, porque na hora em que o rio estiver totalmente recuperado a gente vai levar água para 12 milhões de brasileiros que vivem no local mais seco deste país, no semiárido nordestino. E nós achamos que é justo a gente levar um copo d'água para quem não tem água. Ao mesmo tempo, é justo a gente recuperar o Velho Chico, não permitir que o Velho Chico continue como está, porque a verdade nua e crua é que nós estamos fazendo coleta de esgoto em mais de 100 municípios aqui da beira do rio São Francisco, para que nenhum município mais jogue esgoto dentro da água, jogue esgoto puro, *in natura*, dentro da água. Da mesma forma, nós sabemos que quando vem a enchente, a enchente vai desbarrancando o rio e vai comendo a margem do rio. Então, nós vamos arborizar, nós vamos plantar árvores em toda a margem deste rio, para ficar como vocês viram do lado de lá do porto, em que as enchentes não vão derrubar mais.

Então, essa é uma visita muito rápida. Como eu vim aqui em 94, de barco, quando eu deixar a Presidência da República, eu prometo a vocês que eu vou refazer essa viagem de barco, para que a gente possa ter mais tempo de conversar, sem ministros, sem segurança, sem governador. O Governador, vamos ver se eu vou convidar. Mas aí, eu quero... eu vou, embora eu não sendo Presidente, eu vou fazer a fiscalização deste rio até ele ficar totalmente pronto e o povo ter certeza que a gente cumpriu a promessa que a gente fez quando a gente fez o projeto de revitalização do rio São Francisco.

Eu quero agradecer a todos vocês, do fundo do coração, eu vou ter que sair muito rápido, que eu tenho que pegar o helicóptero aqui, ir até Xique-Xique, pegar o avião e vai até onde? Vai até Arco Verde, de Arco Verde tem



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

que pegar o helicóptero para ir dormir em um acampamento da obra para ver as pessoas trabalharem à noite.

Um abraço e até outro dia se Deus quiser.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia alusiva à visita às obras de revitalização do rio São Francisco  
Buritizeiro (MG), 14 de outubro de 2009**

Meus companheiros e minhas companheiras de Buritizeiro,  
Minha querida companheira Dilma Rousseff,  
Meus queridos companheiros ministros,  
Geddel Vieira, da Integração Nacional, responsável por essas obras,  
Companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,  
Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,  
Jaques Wagner, governador da Bahia,  
General Enzo Peri, comandante do Exército brasileiro,  
Meu companheiro deputado federal, ex-ministro e companheiro que  
trabalhou para que este projeto pudesse ser realizado, o ex-ministro e  
deputado federal Ciro Gomes,  
Companheiro Leonardo Monteiro,  
Reginaldo Lopes,  
Quero cumprimentar o padre Salvador, prefeito de Buritizeiro, por meio  
de quem cumprimento todos os prefeitos aqui presentes,  
Quero cumprimentar o nosso companheiro João Machado, da Agência  
de Águas,  
Quero cumprimentar os deputados estaduais aqui da região,  
Quero cumprimentar o Tadeu Mariano, vereador, presidente da Câmara  
Municipal de Buritizeiro,  
E quero cumprimentar a imprensa aqui presente.

Primeiro, eu queria dizer para vocês que no nosso projeto original de  
fazer essa viagem, não estava previsto a gente fazer comício, estava previsto a



gente visitar as obras, porque nós queremos fazer uma sinalização para o Brasil e para o mundo. Primeiro, porque essa obra...ela foi pensada em 1847, ainda no tempo em que D.Pedro era o imperador brasileiro. Essa obra, quase 200 anos depois, não conseguiu andar para a frente, porque nós tivemos muitos governantes de duas caras, que prometiam fazer a obra em um estado e não faziam a obra, e prometiam não fazer em outro estado. Porque tem muita gente de boa fé, que tem um cuidado enorme com o rio São Francisco, tem muita gente de boa fé. Mas é importante que a gente lembre que o primeiro sinal de boa fé que a gente tinha que ter com o rio São Francisco era não jogar os dejetos da cidade dentro do rio São Francisco, como vêm sendo jogados. O segundo sinal de gostar do rio São Francisco era não ter permitido que fosse praticamente dizimado todo o cerrado brasileiro para produzir carvão, acabando com toda a mata ciliar perto do rio São Francisco. A terceira coisa importante era não ter permitido que o rio São Francisco fosse assoreado como ele é.

Em 1994, quando eu vim fazer a caravana do rio São Francisco, a gente não pôde pegar um barco para ir até Juazeiro da Bahia, em Pirapora; eu tive que pegar em Carinhanha, na Bahia, porque o rio não era trafegável em Pirapora mais, porque uns irresponsáveis deixaram desmatar e deixaram assorear o rio São Francisco.

Quando nós decidimos fazer o projeto para levar água para 12 milhões de brasileiros que moram no lugar mais seco deste país, a gente tomou uma decisão anterior, e foi essa a minha orientação ao nosso querido José Alencar, vice-presidente da República, que foi o primeiro a tratar desse projeto; depois, ao companheiro Ciro Gomes; e depois ao Geddel: nós não podemos fazer com que a gente tire água do rio São Francisco para matar a sede de 12 milhões de nordestinos, sem antes a gente recuperar o rio São Francisco.

E para recuperar o rio São Francisco era preciso a gente fazer tratamento de esgoto em todas as cidades próximas ao rio São Francisco, não apenas para



evitar que o esgoto caísse no rio, mas para que a gente também possa evitar que as nossas crianças fiquem brincando em esgoto a céu aberto, nas cidades à beira do rio São Francisco.

Depois, resolvemos recuperar as margens degradadas do rio São Francisco. E por isso estamos fazendo o maior projeto de florestamento das matas ciliares do rio São Francisco que já foi feito. E vocês sabem que uma árvore a gente planta, e a gente tem que esperar ela crescer para a gente ver. Certamente, eu não vou ver, no meu mandato, tudo aquilo que está sendo feito. Mas, certamente, ainda estarei vivo para fazer uma outra caravana pelo rio São Francisco para a gente poder ver o que vai acontecer.

O dado concreto e objetivo é que esse projeto é um megaprojeto. Eu vou dar alguns números para vocês, só para vocês terem noção do que é a quantidade de dinheiro que nós estamos investindo para fazer esse trabalho, que eu acho que é um trabalho que vai ficar para a história do povo brasileiro. Bem, prestem atenção aos números, sobretudo os companheiros da imprensa. Do investimento total nas obras do programa de integração do rio São Francisco, R\$ 4,8 bilhões, mais da metade desses recursos serão aplicados em compensação ambiental. Entre outras ações, está prevista a aplicação de R\$ 1 bilhão em obras de esgotamento sanitário em 198 municípios da região. Já foram concluídos 6 sistemas: Bambuí, Jaíba, Japaraíba, Medeiros e Três Marias, em Minas Gerais, e a primeira etapa de Exu, em Pernambuco. As obras estão em andamento em mais 101 municípios, nos estados de Alagoas, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí e Sergipe.

Pelo Programa Água para Todos foram concluídas 4.121 cisternas, em 54 municípios. Estão concluídos os sistemas de abastecimento rural em Itamarati, em Juazeiro-Bahia, e a instalação de equipamentos para 63 poços tubulares em Minas Gerais. Já foram executados 28% dos programas básicos ambientais que visam a eliminação, minimização e controle dos impactos ambientais causados pelas obras.



Foi concluída a construção de 86 casas em comunidades indígenas e quilombolas, e a construção de 55 casas na vila produtiva rural do Junco. Estão em construção as vilas produtivas rurais de Fazenda Salão, Captação, Negreiros, Uri, Pilões, Descanso e Vassouras, além de mais 196 casas e três postos de saúde em comunidades indígenas e quilombolas.

Obras em ponto crítico de erosão: estão concluídos quatro empreendimentos de desassoreamento do rio Gortuba, em Janaúba, Minas Gerais; recuperação da barragem de Cacimba Velha, em Petrolina-Pernambuco; dique Cotinguiba; Pindoba, em Propriá; e viveiro de mudas, em Betume.

Bem, esses dados demonstram claramente o seguinte: a partir do momento da revitalização das obras do rio São Francisco, vocês vão ver aqui em Buritizeiro que mais da metade da cidade já está com tratamento de esgoto sendo executado, e algumas partes prontas.

O prefeito me dizia que faltam três regiões, três bairros para a gente fazer o esgotamento sanitário, e faltam 2.500 metros para a gente fazer drenagem. Pois bem, o que eu posso dizer para vocês é que - eu não sei se ainda no meu governo, Geddel - mas o que eu posso dizer para vocês é que a gente não vai deixar a obra pelo meio. A gente vai vir aqui inaugurar todas essas obras porque nós queremos que as cidades que beiram a margem do rio São Francisco, todas tenham 100% de coleta de esgoto para que esse esgoto, quando for jogado no rio, seja jogado tratado, para que a gente possa recuperar a dignidade do Velho Chico, tão adorado por alguns e tão depredado e degradado por outros.

Por isso, eu queria, Geddel, agradecer o ritmo das obras. Dizer aos companheiros prefeitos que, se tiverem projetos para apresentar, apresentem, porque durante muitos séculos esta região foi totalmente esquecida, esta região foi totalmente esquecida.



Hoje nós nos damos até ao luxo de estar fazendo uma obra que dom Pedro queria fazer 200 anos atrás. Essa obra vai ser feita para melhorar a qualidade de vida do povo desta cidade, desta região, e a qualidade da água do rio São Francisco, a navegabilidade do rio São Francisco, porque um dia nós vamos voltar a andar no rio São Francisco como a gente andava antigamente, de Pirapora até Juazeiro do Norte. Essa viagem, eu tive... Juazeiro da Bahia. Juazeiro do Norte é no Ceará. Desculpa, Jaques Wagner, mas nós vamos fazemos fazer um rio e vamos chegar até Juazeiro, na Bahia. No Ceará também.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu quero agradecer a vocês. Agradecer o carinho, mas, sobretudo, agradecer a vocês a capacidade de cobrar, a capacidade de cobrar, porque não é sempre que um Presidente vem a Buritizeiro, aliás, não sei se veio. Não sei se veio. Não sei se já veio algum Presidente aqui nesta cidade. Segundo: neste país, não havia costume de fazer saneamento básico, porque para fazer saneamento básico você tem que colocar manilha em baixo da terra e o povo não vê manilha e aí não dá para o político colocar o nome da mãe, o nome do pai, o nome da tia. Então, nós temos cidades inteiras no país, que não têm um metro de coleta de esgoto, porque antigamente, se preferia fazer ponte ou viaduto, do que fazer esgoto. As pessoas preferem ver o nome de um parente em uma ponte do que ver uma criança brincando descalça em uma rua sem fezes, sem urina sem esgoto a céu aberto.

Este país, este país começou a ser consertado e ele vai ser consertado. Este país não vai ser mais governado apenas para a elite política deste país, a elite política das capitais, a elite política das grandes cidades, a elite política de Brasília. Este país tem que entender que só tem sentido a gente ser governador, presidente da República e prefeito, se ele cuidar de todos, mas em primeiro lugar se ele cuidar da parte mais pobre do povo de cada cidade, de cada estado e de cada país. É o povo pobre que precisa do Estado



brasileiro. É o povo pobre que precisa da Prefeitura, é o povo pobre que precisa do estado e nós, então, estamos virando a página. Não existe mais possibilidade deste país eleger prefeitos, governadores e presidentes que vão governar para os coronéis que há 500 anos governam e mandam neste país.

Um abraço e boa sorte ao povo de Buritizeiro.

Um grande abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com trabalhadores do Lote 11 e moradores da região**

**Custódia-PE, 15 de outubro de 2009**

Não estava previsto na nossa agenda a gente fazer ato público ou comício, porque a gente está fazendo uma visita às obras do canal de São Francisco. Mas, também, a gente não poderia deixar de dar uma palavrinha aos trabalhadores, que são os responsáveis por esta magnífica obra que está sendo realizada aqui.

Eu queria, primeiro, dizer para vocês que estão aqui neste palanque o nosso governador da Paraíba, o companheiro José Maranhão; o ex-ministro e deputado Ciro Gomes, que foi o homem que começou este projeto; o companheiro Geddel, que é o ministro atual da Integração, responsável pela execução desta obra; o nosso companheiro prefeito de Custódia; o nosso companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco; a nossa querida prefeita Cleide, de Sertânia; a companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil; a nossa governadora do estado do Rio Grande do Norte, a companheira Wilma; o deputado federal de Petrolina, o cara que tem, acho, 28 filhos, companheiro Gonzaguinha, ele é nascido aqui em Sertânia; e o nosso querido Cid Gomes, governador do estado do Ceará; e o nosso general Enzo, que é o responsável por uma das obras que estão sendo feitas aqui; o João Santana, que é o secretário-executivo do Ministério da Integração que, na verdade, é quem toca a obra; o deputado Fernando Filho, que está aqui do nosso lado, é o mais novo deputado lá em Brasília; o companheiro Zé Machado, presidente... aquela ANA de que vocês ouviram falar é a Agência Nacional de Águas, o nosso companheiro Zé Machado, que está aqui e é o presidente da Agência; os empresários aqui atrás, que são os empresários



responsáveis por este lote; e o nosso companheiro Franklin Martins, que está sempre escondido, que é o ministro da Comunicação do governo federal.

Bem, eu vou ser muito rápido porque o sol está para derreter a cabeça. Eu vou apresentar para vocês... É que vocês não estão vendo aqui o meu general, esse sol já derrubou todo o cabelo dele, derrubou todo o cabelo dele, agora, para vir dali até aqui, derrubou o cabelo. Então, eu não quero que vocês percam o cabelo, eu vou ser rápido aqui.

Olha, primeiro, companheiros, a minha alegria... Está aqui o nosso prefeito de Arcoverde, o companheiro Zé. Olha, primeiro, a minha alegria de saber que algumas empresas, atendendo a um pedido meu e um pedido do companheiro Geddel, resolveram trabalhar em dois turnos. Porque quando surgiu a crise econômica, que vocês viram pela imprensa, Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, tudo passando por uma crise tremenda, nós decidimos que, para enfrentar a crise, a gente tinha que fazer mais investimentos e a gente convencer que as obras do PAC deveriam ser contratadas em dois turnos ou três turnos. O que a gente queria com isso? Não era só fazer a obra mais rápido, era gerar empregos, porque o emprego é que garante a sobrevivência do povo brasileiro.

E, ontem, visitando a obra à noite, conversando com alguns trabalhadores, eu vi a alegria estampada no rosto de vocês. Eu vi a alegria de um homem que sustenta a sua família com o suor do seu trabalho, com a carteira profissional assinada, com os direitos trabalhistas a que todos nós, brasileiros, temos direito. Isso não é pouca coisa.

Esta obra, aqui, ela está significando uma oportunidade extraordinária de todos os políticos compreenderem que o Nordeste não quer mais viver de frente de trabalho quando vem a seca. Eu dizia sempre: a seca é um problema da natureza. A gente não vai combater a seca, a gente vai resolver a convivência das pessoas que moram em região que tem seca levando água para as pessoas poderem beber e dar água para os seus animais.



Uma vez eu dizia, Geddel: eu nunca vi o governo do Canadá dizer que ia combater o gelo. Não. Ele resolveu uma convivência com o gelo. E nós, com esse canal, estamos estabelecendo a manutenção do povo que mora no semiárido na sua cidade, na sua rocinha, e levar a água para próximo dessas pessoas, para que a gente não tenha mais aquela visão de milhares e milhares de pessoas carregando potes d'água na cabeça seis léguas, oito léguas, dez léguas ou, muitas vezes, sendo extorquido pela chamada indústria do carro-pipa, que muitas vezes a gente vê na televisão.

Então, gerar emprego, manter as pessoas na sua terra natal, fazer com que as pessoas recebam o bem maior que um governo pode dar para o povo, que é o direito elementar de ter o direito de trabalhar e ter o direito de ter água para beber, para tomar banho... Eu lembro que uma vez eu fui a Afogados da Ingazeira, eu fui visitar uma obra lá, aquele chamado, é um programa que um cidadão vai juntando a água, é um programa chamado Base Zero, ele vai juntando a água, a água vai entrando na terra e depois ele faz um poço e vai levando água, um negócio. E eu passei em uma casa no aeroporto, Eduardo. Você, acho que não estava comigo, não, porque você não era o governador e o outro governador não ia comigo aonde eu ia. Então, não ia porque não queria ou porque tinha medo de ser vaiado quando ia. Este é o problema.

Pois bem, e eu cheguei à casa do aeroporto, as meninas não estavam indo à escola porque não tinha água nem para tomar banho, nem água para lavar a roupa. Se a gente conta isso lá em São Paulo, ninguém acredita. Sobretudo para alguém que é do Sul e que não conhece o sofrimento de quem mora nas regiões mais secas do Nordeste brasileiro. Na verdade, na verdade, o que eles estavam habituados a ver eram os pobres do Nordeste, na época da seca, chegar a São Paulo para procurar um emprego na construção civil.

Agora, o que nos estamos dizendo é que quem quiser trabalhar na construção civil não precisa mais ir para São Paulo porque tem emprego no Nordeste brasileiro. Ou seja, na hora que a gente garantir o desenvolvimento



do Nordeste, vai melhorar a vida do Nordeste e vai melhorar a vida do Sudeste e vai melhorar a vida do Norte do País porque nós queremos tornar o País mais igual, o País mais justo.

Então, eu quero aqui de público agradecer aos nossos governadores que têm sido parceiros. Eu acho que é a primeira vez na história do Brasil que o Brasil tem um presidente que se relaciona com os governadores e com os prefeitos sem perguntar a que partido pertence o prefeito ou a que partido pertence o governador. Nós aprendemos, a nossa geração está aprendendo que quando a gente quer falar mal de um adversário a gente fala durante a campanha. Quando a gente ganha, que vai governar, a gente não pode ficar olhando para que time a pessoa torce, que religião a pessoa pratica ou de que partido ele é. Nós fomos eleitos para governar, nós prometemos coisas durante a campanha e nós temos que cumprir aquilo que nós prometemos.

Eu fiz questão de pedir para o companheiro Franklin Martins convidar a imprensa nacional e a imprensa estrangeira para ver a obra, porque a gente falando, a gente não tem dimensão do que é a obra. Se vocês chegarem à casa de vocês e forem contar a obra que vocês estão fazendo, as pessoas não acreditam. Ontem, eu pude ver com os meus próprios olhos a competência da engenharia brasileira e a competência dos trabalhadores brasileiros. Por isso é que eu convidei a imprensa estrangeira para vir junto, ela esteve visitando aqui, acho que por dois ou três dias, porque essa eu acho que é uma das maiores obras que está sendo feita no mundo hoje. Só tem coisa igual quando o presidente Roosevelt pegou o lugar mais pobre dos Estados Unidos, chamado Vale do Tennessee e resolveu transformar aquela região em uma região produtiva.

E nós estamos fazendo com o nosso querido Nordeste, é tornar o Nordeste produtivo, é ter mais escolas no Nordeste. O Nordeste não tem que produzir mais pedreiros, o Nordeste tem que produzir engenheiros, tem que produzir técnicos. É por isso que nós estamos investindo em educação, é por



isso que nós estamos investindo em universidades, é por isso que estamos investindo em escolas técnicas, para as pessoas não dizerem: “Ah, o nordestino é ótimo, ele vai para São Paulo, vai para o Rio, vai para Minas Gerais, ele sabe trabalhar”. Aí mostram os prédios para a gente: “Eles fazem isso aqui, eles fazem essa ponte”. Não, nós queremos fazer pontes também, fazer prédios. Mas nós queremos ser mais do que pedreiros ou ajudantes de pedreiros. Nós queremos que os nossos filhos tenham a oportunidade que nós não tivemos.

Por isso eu quero dizer para vocês, nós vamos passar dois dias... até amanhã eu estou visitando, vamos para outras cidades, mas eu queria dizer para vocês o seguinte: quem não é daqui, quem não vive aqui, muitas vezes vê na televisão... teve um bispo que até fez greve de fome para que a gente não fizesse essa obra. De vez em quando aparece um movimento em São Paulo, em Salvador, no Rio de Janeiro, contra a gente fazer água. Eles não têm conhecimento. Na verdade, eles não têm conhecimento do bem que essa obra está fazendo. Eu não quero que a gente mate um passarinho, eu não quero que a gente mate um calango, eu não quero que a gente mate uma cobra. Agora, eu não posso deixar o povo pobre morrer de sede e de fome, morrer de sede e de fome no Nordeste, não posso. Se a gente não cuidar, o principal animal em extinção no mundo é o ser humano, porque a FAO está afirmando para quem quiser ver que nós temos 1 bilhão de pessoas pobres neste mundo, passando fome, 1 bilhão. Ou seja, não é pouca coisa, e não é por falta de tecnologia, não é por [in]capacidade de produzir. É porque quando a gente quer fazer uma obra como esta, aqueles que tomam café de manhã, almoçam, jantam, tomam água gelada todo dia, são contra a gente fazer esta obra.

Bem, então eu volto com o coração mais alegre, porque eu estou vendo a obra andar. Nós vamos inaugurar o primeiro trecho em 2010 e vai ter 70% do Eixo Norte pronto, também, até 2010. E, depois, a gente vai terminar esta obra.



Então, essa palavra minha aqui é para agradecer a vocês, é para ver a cara da alegria de vocês, dos prefeitos e das prefeitas, porque eles sabem que nunca teve um presidente da República que tratasse os prefeitos com o respeito que nós tratamos os nossos prefeitos.

Olha, (falha no áudio) o jogo ontem, lamentavelmente... mas nós ganhamos as Olimpíadas para o Brasil, o que é uma coisa extraordinária.

Eu vou começar, agora, a pedir para que mais deputados venham ver esta obra, que mais governadores de outros estados venham ver esta obra, que mais professores universitários venham ver esta obra, porque está provado que quando a gente quer fazer, a gente faz. Está provado, está provado que não existe nada que seja impossível quando a gente tem determinação de fazer.

Esta obra está sendo pensada desde 1847, o imperador dom Pedro II queria fazer esta obra. Eu estou falando de mais de 200 anos. E eu resolvi fazer. Talvez, não porque eu seja engenheiro e conheça; é porque eu, com sete anos, carreguei pote de água na cabeça e eu sei o sacrifício.

Eu quero, então, companheiros, agradecer a todos vocês, agradecer aos empresários, agradecer aos governadores, aos prefeitos, e dizer para vocês: nestes 10 minutos que eu estou com vocês, nós já deixamos de produzir meio quilômetro de canal que nós deveríamos estar produzindo.

Gente, que Deus abençoe vocês. Vamos continuar trabalhando porque o Nordeste vai mudar a sua cara para melhor.

Um abraço, gente.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita aos canteiros de obras na tomada d'água do Eixo Leste**

**Floresta-PE, 15 de outubro de 2009**

Olha, primeiro, eu acho importante apresentar os companheiros que tiveram muito a ver com essa obra. Quando nós tomamos posse, eu pedi para o meu vice, José Alencar, começar a cuidar desse projeto porque muitos governos começaram a discutir esse projeto, mas chegava na Bahia, o Antônio Carlos Magalhães era contra, então o governo ficava quieto. Chegava no Piauí, em Sergipe, ficava quieto. Chegava em Alagoas, ficava quieto, porque as pessoas se autointitulavam donas do rio. Ou seja, o rio estava ali de passagem, a água vai cair no Oceano Atlântico, a água vai lá para o mar, então a gente queria tirar um pouco dessa água para dar para a região mais seca do País, que é o semiárido nordestino e fazer com que as pessoas tivessem possibilidade de ter água para beber e ter água até para criar pequenos animais, para fazer pequenas irrigações.

Bem, então o José Alencar foi o primeiro a começar esse projeto. Depois, eu dei uma outra função para o José Alencar e esse projeto passou para as mãos, para as mãos do companheiro Ciro Gomes, que foi quem elaborou o projeto, mas depois também ele quis sair para ser candidato a deputado, terminaram as eleições, eu convidei o companheiro Geddel para ser ministro e esse companheiro deu continuidade à obra e colocou o João Santana para trabalhar, que é esse senhor que parece velhinho, de bigode, mas é mais novo do que eu, mas está mais judiado do que eu, mais judiado...

Pois bem, esse companheiro, na verdade, é o mestre de obras dessas obras aqui. E qual era o interesse? O interesse era ajudar o estado do Ceará, uma parte do estado de Pernambuco, porque tem uma parte que passa o rio São Francisco do lado de Petrolina, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, que



eram os estados mais afetados, não é? Então, resolvemos que nós íamos fazer essa obra. Foi uma briga que vocês não queiram imaginar o que é a gente enfrentar pessoas que não têm dimensão do que é o Nordeste, pessoas que não sabem o que é a seca, pessoas que não sabem, não têm a menor noção do que... ver uma mãe pegar um filho com lata d'água, andar seis quilômetros, sete, oito quilômetros ou passar o carro-pipa, cobrar alguma coisa para entregar, se não tiver não pega água e a pessoa vendo o seu cabritinho morrer, a sua cabrita morrer, a sua vaquinha já morreu, e as crianças não podem tomar banho, não podem lavar roupa. As pessoas não têm dimensão do que é isso, é preciso ter vivido aqui para ter clareza do que é a seca no Nordeste.

Pois bem, nós vencemos todos os obstáculos e essa obra, é a primeira visita que eu faço à obra, é uma visita de três dias. Ontem, começamos por Minas Gerais, depois passamos na Bahia, fomos à cidade daquele bispo que fez a greve de fome contra a obra. Lamentavelmente, ele não estava lá, porque eu não tenho nada, eu iria até visitá-lo, mas ele não estava lá. E nós, então, estamos aqui agora, em Floresta. Eu vim a Floresta, vi, Prefeito, em 1980, fundar o PT. Eu vim em uma Brasília velha, emprestada pelo Humberto Costa. Quando – eu estava contando para o Eduardo – quando a gente voltou, mais ou menos à meia-noite, o carro fura o tanque de óleo e nós passamos a noite inteira à beira da estrada, esperando passar um carro, um caminhão ou um ônibus. Passou um caminhão de carga e nós fomos em cima, para poder chegar ao nosso destino. Se fosse hoje, com o canal, eu iria nadando, mas naquele tempo tinha que andar.

Bem, eu quero cumprimentar... Também mostrar para vocês, está aqui o nosso querido Cid Gomes, que é o governador do Ceará, que vai ser um estado beneficiário; o companheiro Ciro Gomes, a quem vocês já foram apresentados aqui; a nossa prefeita de Floresta; o prefeito de Jatobá e o prefeito de Itacuruba, levantem a mão aí para o pessoal ver os dois prefeitos; a



nossa companheira Dilma Rousseff, que é a ministra-chefe da Casa Civil; e o nosso companheiro Geddel; e também o nosso Zé Machado, que é o presidente da Agência Nacional de Águas, mais conhecida por ANA; o nosso companheiro Franklin Martins, que está ali em pé, o Franklin é o ministro da Comunicação Social do governo, ele não gosta de aparecer aqui na frente não, não sei por que.

Bem, eu quero cumprimentar também os diretores do consórcio Canter-Engesa, em que muitos de vocês trabalham. Quero cumprimentar os trabalhadores e a direção da (incompreensível). Quero cumprimentar o nosso general Enzo, que é o companheiro que começou a tocar estas obras aqui. Hoje nós temos o Exército trabalhando em muitas obras no Brasil.

Aqui, Eduardo, é importante dizer que quando nós tomamos posse, em 2003, a gente queria dar uma pequena obra para o Exército, e nós descobrimos que o Batalhão de Engenharia do Exército estava falido, não tinha caminhão, não tinha máquina, não tinha nada. Hoje, muitos empresários se queixam que o Exército está virando uma grande obra, uma grande construtora, e está competindo com eles.

Mas deixa eu dizer uma coisa para vocês: nós utilizamos o Exército em muitas obras. Na BR-101, por exemplo, nós utilizamos o Exército aqui, no Nordeste, porque alguns empresários começaram a fazer corpo mole e nós, então, colocamos o Exército para trabalhar. Depois que o Exército começou a trabalhar, todos os empresários entraram e a obra está sendo tocada muito rapidamente.

Então, eu sempre pensei que a coisa mais sagrada... eu não sei como é que vocês se sentem aqui, mas ver esse pessoal vestido com macacão me dá a convicção de que vocês estão trabalhando, ganhando um salário que pode não ser o melhor do mundo, mas talvez seja o melhor que vocês já ganharam, muitos aprenderam uma profissão, portanto, quando terminar essas obras, certamente vai ter outras, porque o Brasil não vai parar mais.



Uma das coisas que nós pedimos aos empresários era que tentassem contratar os trabalhadores da região. Porque, muitas vezes, antigamente, acontecia isso: as empresas vinham de São Paulo, contratavam os empresários [empregados] de São Paulo, trazia para cá, então ficavam os trabalhadores de São Paulo ganhando (incompreensível) e os trabalhadores daqui acorados na beira de uma esquina ou de um boteco, à espera que Deus desse um jeito.

Na hora em que a gente começa a contratar gente daqui, o que acontece? Há uma revolução na cidade, porque aí os bares começam a vender mais, todo mundo, de vez em quando, gosta de uma cervejinha, que ninguém é de ferro, não é? Eu falei cervejinha para não falar uma “caninha”. Bem, os restaurantes começam a vender mais, os vendedores ambulantes começam a vender mais, as pessoas começam a melhorar a sua casa. Dali a pouco, as pessoas estão pensando em comprar um carrinho. Não é para isso que nós queremos nascer, crescer? É para isso, é para a gente melhorar de vida. Um pai de família pegar a mulher e o filho de manhã, ir a um supermercado comprar tudo que tiver para comer, não precisar de cesta básica de governo, mas comprar, escolher do melhor. Porque o pobre precisa aprender a gostar do melhor. A gente não pode se contentar com o mínimo, nós sempre temos que estar brigando pelo máximo, é esse o objetivo nosso, na nossa~passagem pela Terra. Então, quando eu vejo vocês com esse macacão, eu fico extremamente feliz porque eu sei que vocês estão trabalhando. São 8 mil trabalhadores e até dezembro serão 10 mil trabalhadores trabalhando nesta obra. Eu acho que nunca teve empresa que tivesse 10 mil trabalhadores trabalhando em uma única obra no Nordeste. É gente do Exército, é gente contratada pelo Exército, são vários consórcios de empresas e eu, portanto, fico extremamente feliz.

A segunda coisa que eu acho importante é que vocês precisam ter clareza que nós tomamos uma decisão de fazer com que o Norte e o Nordeste do País, que sempre foram a parte mais atrasada do País, sempre foram a



parte mais atrasada do País, andem mais rápido para poder igualar à parte mais avançada do País. Ou seja, melhorar a educação no Nordeste, fazer investimento de formação profissional, cuidar dos nossos jovens fazendo universidades, é aqui no Nordeste que nós estamos fazendo mais extensões universitárias, é aqui no Nordeste que nós estamos fazendo mais escolas técnicas, porque é preciso a gente tirar o atraso. Todos vocês precisam brigar para que os filhos de vocês tenham mais oportunidades do que vocês tiveram, todos. É uma obrigação moral nossa enquanto pai. Nós não podemos nos conformar do nosso filho ser igual ou menor do que a gente, ele tem que ser melhor. Para isso, ele tem que estudar. E para estudar tem dois compromissos: o governo fazer as escolas e os pais ficarem no pé do filho, porque sabe que moleque também é malandro. Se arrumar namorada e ele puder ir namorar em vez de estudar, ele vai. Mulher e homem, não é só o moleque não.

Então, eu acho que quando a gente conseguir fazer as crianças estudarem, este Nordeste vai dar um salto de qualidade extraordinário. E esta obra aqui, vocês estão construindo uma obra que vai beneficiar pelo menos 12 milhões de pessoas no Nordeste brasileiro. Nós não queremos mais ver gente com mochila nas costas, andando para lá e para cá quando tem seca. Às vezes, mendigando uma ajuda e, às vezes, o estado também não tem para dar e as pessoas tiram pedra de um lado, põe para o outro, tira do lado, põe para o outro, e não acontece nada. Então, esta obra aqui é uma obra muito cara. Aqui serão mais de R\$ 6 bilhões que estão sendo investidos. É um canal de mais de 600 quilômetros. Talvez, eu não sei se tem algum canal nessa magnitude, mas é um canal. E nós estamos fazendo isso com a convicção de que é o dinheiro mais bem empregado que nós estamos fazendo, porque nós vamos saber o resultado final: é que as pessoas vão ter aquilo que é (incompreensível) ao corpo humano que é água limpa, tratada, para beber e não vão beber água de açude, barrenta, cheia de caramujos.



Eu quando morava em Garanhuns, a gente ia pegar água no açude, era o cavalo fazendo cocô do lado, fazendo xixi do outro, a vaca, o cabrito e a gente pegando a mesma água para beber. Não tinha escolha e nem tinha filtro, era levar aquela água em um pote chegava em casa colocava em um outro pote para descansar, aí quando ela estava descansada deixava de ser barrenta para ser da cor do macacão de vocês. A gente tirava com uma canequinha de cima, até quase bater na lama em baixo, aí tirava, colocava em outro lugar, colocava um saco de farinha assim... um pano de saco de farinha para coar, e ficava um metro de barro em baixo da água com caramujo, com lesma, com sanguessuga e com tudo. Era essa água que ainda hoje tem muita gente que bebe no Nordeste brasileiro.

Então, não é possível que um país possa ser justo se uma parte do país é tratada desigualmente com outra parte do país. Nós não queremos tirar nada de nenhum estado. O que nós queremos é tornar este país mais igual como vocês fazem. Quando vocês estão na casa de vocês, que vocês têm dois, três ou quatro filhos, se tiver um mais fraquinho, um mais doentinho, é daquele que vocês vão tratar.

No mundo animal quando tem um mais fraquinho a mãe mata. Mais o ser humano, não. O ser humano quando tiver o mais necessitado, é aquele que a gente tem que tratar com mais carinho, é aquele que a gente tem que dar o melhor bife, tem que dar o melhor prato de arroz, para o “bicho” ficar com sustança. Não é isso? E é isso, é isso que nós estamos fazendo aqui, ou seja, é preparar o povo nordestino para se transformar em cidadãos brasileiros completos, cidadãos de primeira classe, cidadãos que vão ser olhados como cidadãos brasileiros e não como “aqueles nordestinos”. Vocês não sabem quantas piadas eu ouço de nordestino, e quantas brigas eu fiz porque as pessoas me chamavam de “baiano”. Porque em alguma parte do país, tudo é baiano. Não tem pernambucano, não tem maranhense, tudo é baiano. E como Pernambuco, como Pernambuco tem muito orgulho, eu não admitia ser



chamado nem de paulista, nem de baiano, nem de carioca, eu queria ser pernambucano e queria que me chamassem de pernambucano.

Pois bem, isso aqui... Conheço, lembro. O meu companheiro metalúrgico da Brastemp está aí, grevista natural. Pois bem, então, companheiros, nós estamos vivendo um momento especial no Brasil, e isso é orgulho para todos nós. Os empresários sabem, os jornalistas sabem, e vocês têm que saber que o mundo passou por uma crise sem precedentes.

Só para vocês terem ideia, o dinheiro que os países ricos tiveram que colocar, para salvar os bancos, chegou a US\$ 3 trilhões. Se esse dinheiro fosse colocado para ajudar os pobres do mundo, a gente iria diminuir muito a pobreza, ou seja, o Estado não ajudou, mas quando os banqueiros quebraram tinha dinheiro para ajudar os banqueiros.

Nós aqui, no Brasil, dizemos à imprensa e dizemos ao mundo: a crise não vai chegar tão forte aqui e ela vai acabar primeiro. Hoje, o Brasil está batendo recorde de produção de automóveis, a cada mês nós batemos o recorde de produção de automóveis, reduzimos impostos, estamos vendendo geladeira, a mulher agora aprendeu que lavar louça é ruim, estão comprando máquina de lavar louça como nunca compraram na vida, aumentou 35% a venda no mês, no mês. Imagina: acabar de comer, normalmente o homem não faz isso, é a mulher que faz, levantar, pegar o prato cheio de gordura, ir lá, passar a mão naquela bucha, e fica com a mão gordurosa, a unha foi feita no dia anterior, fica olhando para a unha e depois tem que pagar outra vez o “unheiro” para fazer a unha. Não é o “unheiro” quem faz a unha? É o “unheiro”. Bom... Por que inventaram manicure, se é unha? É “unheiro”. Então, as mulheres vão no “unheiro”, gastam o nosso dinheiro. Então... Quando elas trabalham, gastam o delas.

Bem, então as mulheres aprenderam. Nós estamos vendendo muita geladeira, muito fogão, muita máquina de lavar roupa, muito carro e muita comida. O lugar em que se vende mais comida é aqui no Nordeste, por quê?



Porque o pobre passou a ter direito de comer.

Então, eu, que estava acostumado aqui, Geddel, você não sabe disso, mas levantar de manhã para procurar um preá para comer. Quando achava, a gente comia, quando não achava: vou procurar lambu para comer. Aí, se não tivesse, valia beija-flor, valia qualquer coisa. Bicho quando está com fome, tem paladar. Bicho rico tem paladar, mas pobre tem é fome. Então, o que passar na frente, a gente comia.

Então, eu acho que como eu passei por isso na minha infância e eu sei que tem muita gente ainda passando por isso, nós precisamos dar um jeito. E como eu senti isso na pele, eu tenho obrigação moral e política de acreditar que as futuras gerações não têm que passar pelo o que eu passei, nem pelo o que vocês passaram. O fato de vocês estarem trabalhando é uma coisa mais extraordinária. Esta obra, uma parte dela vai ficar pronta até 2010 e a outra parte vai mais para frente porque vai estar 70% pronta, mas até 2011, 2012, este canal estará todo inaugurado, com água correndo para cima e para baixo e a gente ajudando os pequenos, a gente ajudando sempre aqueles que precisam mais, para que o Nordeste se transforme em um forte atrativo para investimentos. E que o povo nordestino não tenha mais que sair de sua terra natal para ir morar em uma favela em São Paulo, no Rio de Janeiro. Ele tem que viver bem é na sua terra. Se ele quiser ir para São Paulo, ele vai passear, ele vai fazer turismo. É isso que nós almejamos.

Por isso, gente, muito obrigado, do fundo do coração, aos empresários pela disposição, pelo empenho, hoje é Dia dos Professores, parabéns aos professores e às professoras deste país. E eu quero agradecer a vocês, agradecer porque eu vejo na cara de vocês a alegria. Hoje vocês são mais cidadãos do que vocês eram antes, porque muitos de vocês aprenderam uma profissão. Eu fui ao estaleiro com o Eduardo Campos... pegar um cortador de cana e formá-lo soldador é uma revolução, é uma revolução. O cidadão deixar de ficar acorçado em uma esquina de um bar, para trabalhar de soldador (falh



no áudio) é um milagre. E é o que aconteceu com vocês.

Então, meus companheiros... Aí, operador de escavadeira. Então, essa é uma coisa, essa é uma revolução que está acontecendo também no Brasil, os empresários estão percebendo que fica mais barato para eles formar os seus próprios funcionários. Fazem um investimentozinho, formam os funcionários, daqui a pouco ele tem mão-de-obra qualificada, ganhando um pouco mais e cuidando da mulher e dos bruguelinhos.

Um grande abraço, gente, que Deus abençoe todos vocês e vamos trabalhar para este país ir para a frente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia alusiva à visita à Vila Produtiva Rural Junco**

**Cabrobó-PE, 16 de outubro de 2009**

Olhem, nós temos que fazer o sorteio... São 59? Cinquenta e cinco casas. Nós sortearmos três, aqui, porque mandou fazer aquela chave grande, que aquela chave não serve para a porta, porque se tiver uma fechadura com um buraco daquele tamanho é melhor dormir com a porta aberta.

Agora, nós temos, aqui, mais umas casas para sortear. Eu acho que em vez de a gente ficar fazendo discurso, a gente poderia sortear todas as casas. A gente vai chamando, a pessoa sobe por aqui, recebe a chave ou a fila, não sei se o coronel Rui tem tudo pronto para entregar aí. Mas a nossa assessora aqui vai dando os nomes das casas, nós vamos sorteando. É melhor do que ficar aqui discursando, discursando, discursando. É melhor entregar a casa para vocês.

Vamos tirar uma agora? Eu vou tirar uma... Eu vou tirar uma, depois eu vou pedir para os companheiros aqui. Mexe, mexe isso aí, mexe isso aí. Eu não quero nem olhar. Eu, agora, vou sortear a casa número 1, está bem? Eu não quero nem ver quem que eu vou pegar aqui.

\_\_\_\_\_ : Damião Aristides Marcos de Brito.

**Presidente:** Olha, o Damião já vai subindo aqui e vai conversando com a nossa secretária aqui, que ela já vai anotando o Damião aqui. Então, o Damião já pode ir subindo aqui.

Agora, eu vou pedir para o ministro Ciro Gomes tirar a casa número 2. Então, agora, o Damião é da casa 1... Damião, se ficar demorando vai perder a casa, meu filho. Então, agora, o Ciro Gomes tirou a casa número 2, como é o



nome da casa número 2?

**Ministro Ciro Gomes:** Marcos Antônio da Silva.

**Presidente:** Marcos Antônio da Silva, da casa 2. Suba aqui, meu filho! Você vai perder a casa, rapaz! Do jeito que tem gente precisando de casa, se demorar dois minutos... Rapaz, espera aí, deixa eu ver. Essa aqui é apenas a primeira vila, são 18. Nós vamos fazer, este ano vamos vir aqui inaugurar mais. Não dá para as pessoas subirem por aí? Olha, os companheiros que eu for chamando, vão entrando por aqui, sobem nessa escada, passa por aqui e desce por ali.

Agora, eu vou sortear a casa número 3. Já foram um e a dois, agora vai a três. Companheiro, governador do Ceará, tira a casa número três aqui. Fecha os olhos, fecha os olhos, aí... Diga o nome aí.

**Governador Cid Gomes:** Manuel Vieira da Silva.

**Presidente:** Manuel Vieira da Silva, está aí? Levanta a mão, Manuel. Aí, venha por aqui meu filho. Manuel Vieira é o número três. Aí, Maneco. Ele deve ser chamado de Maneco aí na vila. Depois, olha, vocês estão recebendo, vocês estão recebendo o papel com o número da casa, depois o coronel Rui vai cuidar de entregar a chave pequenininha, com buraquinho menor, para ninguém ficar olhando na fresta da porta, porque se for aquele "chavão"...

Agora, o Franklin Martins tira a casa número quatro.

**Ministro Franklin Martins:** Manuel Marivaldo dos Santos.

**Presidente:** Manuel, venha cá, Manuel. Manuel Marivaldo dos Santos, a casa número quatro você tirou. Agora, vamos tirar a casa número cinco. Olhe, cadê



o João Batista dos Santos? Não, o João Batista. Ah, esse aqui foi o nome que o Eduardo... leia o nome, Eduardo.

**Governador Eduardo Campos:** João Batista dos Santos, vem cá.

**Presidente:** Essa é a casa número cinco. A número cinco... Olhe, o pessoal vai pegando um papel aqui, depois o coronel Rui vai entregar a chave da casa, está bem?

A casa número seis, Geddel... gente, foi sorteado o nome da primeira mulher.

\_\_\_\_\_ : Comigo, que sou da Bahia. Aqui, ó... Maria do Socorro Parente dos Santos. Venha, Maria!

**Presidente:** Agora, vou pedir para o general Enzo tirar a casa número oito aí. Agora, a casa número oito que o general Enzo tirou.

**General Enzo:** Paulo Manuel da Silva.

**Presidente:** Paulo Manuel da Silva é a casa número oito. O Paulo não está por aí? O Paulo já subiu? Êta, bicho esperto, eu nem chamei, o bicho já ganhou a casa. Bem, então, o Paulo ganhou a casa número oito. Agora, vamos tirar a casa número nove, é isso? O número nove. O nosso prefeito Eudes vai sortear a casa número nove.

**Prefeito:** Claudenir Alves de Carvalho.

**Presidente:** Claudenir Alves de Carvalho. Cadê o Claudenir? Rápido, rapaz! A nossa secretária vai sortear aqui a casa número 10, não é isso? A dez. casa



número 10.

\_\_\_\_\_ : Teodomiro Pedro da Silva.

**Presidente:** Teodomiro Pedro da Silva. Cadê o Teodomiro? Ê, Teodomiro, venha cá, meu filho, a casa número 10. Agora, vamos sortear a casa número 11.

Teodomiro, meu filho, olha, você vai receber isso aqui, depois o coronel Rui vai lhe entregar a sua chave, depois o coronel Rui vai entregar a sua chave, está bem? Parabéns. Quantos filhos você tem? Cinco? Todos grandinhos? Todos bons para trabalhar? É isso, então vão plantar o que aí? Cebola?

**Senhor Teodomiro:** Só cebola e vagem.

**Presidente:** Ah...

**Senhor Teodomiro:** Só agricultura.

**Presidente:** Isso mesmo. Criar umas galinhas capote.

**Senhor Teodomiro:** Exatamente. Criação de bode.

**Presidente:** Uns peruzinhos.

**Senhor Teodomiro:** De ovelha.

**Presidente:** Uma cabrinha leiteira. Muito bem. Vamos à casa número 11. Onze. O nosso câmera da televisão vai tirar, aqui, a 11. João Antônio dos



Santos. João Antônio dos Santos, está aí? Corra, João.

Agora, a número 12. Mário, o nosso general Mário vai tirar, aqui, para sortear a casa número 12.

**General Mário:** Adernil Ribeiro da Silva.

**Presidente:** Adernil. Eu sorteei a casa número 12, mas é importante vocês saberem que todas as casas são iguais, todas as casas são iguais, não tem diferença. Ô, Adernil... Agora, a número 13.

Bem, a número 13, eu quero pedir licença para vocês, porque eu mesmo vou tirar, porque o 13 tem muito a ver comigo e com o Zagalo. E com o Zagalo, porque o Zagalo também tem o 13. Adernil, meu filho... Eu vou tirar a número 13: Francisco José dos Santos. Francisco José dos Santos. Cadê o Francisco? Levanta a mão. Aí, Chico.

\_\_\_\_\_ : Fica em pé.

**Presidente:** Agora é a casa número 14... não, 13... Ah, 14. Ah, 14, é que não entregou ainda. Venha cá meu caro Francisco, da casa nº 13. Venha lá, aqui, rapaz. Tudo bem? Preparado para trabalhar? Quantos filhos você tem?

**Senhor Francisco:** Ah, não tenho não, mas tenho irmão.

**Presidente:** Ah, tem irmão? Muito bem. A número 14, hein? Wallace Gonçalves Parente. Wallace Gonçalves Parente, a número 14. Dudu, fica em pé ali, e vai tirando.

Olha, o Wallace está aqui para receber aqui a 14. Agora, a número 15, Maria Pereira de Souza. Cadê a Maria Pereira? Agora, outra mulher: Maria do



Socorro de Souza. Dona Maria Pereira. Vamos lá, Dudu, outra. A casa número...

\_\_\_\_\_ : É Maria Ana. Maria Ana dos Santos.

**Presidente:** Maria Ana dos Santos, Maria Ana dos Santos. Cadê a Maria Ana? É a casa número 17. Venha, Maria. A casa número 18, Fabiano Sebastião dos Santos. A 19, Fábio Júnior Vieira da Silva. Você é cantor? Mas não tem um Fábio Júnior cantor? E, você, não canta nada? Canta, canta...

**Senhor Fábio Vieira da Silva:** E se você soubesse meu apelido?

**Presidente:** Como que é o apelido?

**Senhor Fábio Vieira da Silva:** Pelé.

**Presidente:** Pelé.... rapaz, o cara não é mole não... é Pelé e Fábio Júnior ao mesmo tempo. Essa daqui qual é que é?

\_\_\_\_\_ : 19.

**Presidente:** Então, entrega a dele. Agora, é a casa número 20. Como tem Francisco aqui, hein? Francisco de Assis dos Santos. Cadê o Francisco de Assis dos Santos? Suba aqui meu filho. Agora, como a 21 foi daqueles três primeiros, eu vou sortear agora a 22, Antônio Gesildo da Silva.

Agora, é a 23? Vinte e três, Lindoval João dos Santos. Lindoval é a 23, anota logo aí. E agora, a 24, Sebastião Antônio dos Santos, Sebastião Antônio dos Santos. Agora, a casa número 25. A 25, Webson? Êta, nome complicado... Webson Parente Gonçalves. Eu, se tivesse um nome desses, seria Presidente



da República. Webson Parente de Souza Gonçalves. O 26, Ledivaldo João dos Santos. Cadê o Ledivaldo? Aí, Ledivaldo é a 26. Vai anotando aí a 26. A Vinte e sete agora. Alexandre Joaquim da Silva. Alexandre. O Alexandre é o 27. Alexandre Joaquim da Silva.

Mariana... Não, é 28. Mariana Barros da Silva Santos. Quem é a Mariana? Mariana Barros da Silva Santos. Agora é o 30... Vinte e nove. Maria Lindinalva dos Santos.

Eu queria saber se a Mariana... Mariana Barros da Silva Santos. Olha, tem uma Mariana, ela já subiu, ela já recebeu. Por que ela foi sorteada agora, 28? É que você levou a de outra pessoa. Acerte com a nossa secretária ali, minha filha. Agora, você devolva... devolva aquela que você pegou e a sua é essa. Você não pegou um papel desses? Ela levou da Maria Ana, está bem?

Como é a companheira aqui? Lindinalva? Maria Lindinalva? Agora, essa aqui é a 30? A casa número 30, Edmilson Vieira de Souza. Cadê o Edmilson? Vem, homem! Edmilson, número 30. E a 31? Antônia Anita Vitorino. E a 32: Francisco de Assis de Oliveira. Cadê o Francisco Assis de Oliveira? Está aí. Cadê o Chico de Assis? Vai a 33, vai aí, Eduardo.

Agora, é a casa número 34. Naneide Adelina Gonzaga. Naneide Adelina Gonzaga. A casa número 35. Ubaldo Pereira Calom. Trinta e cinco. Essa agora, qual é? A 36. Josival Clementino de Sá. Josival Clementino de Sá. A 37. Nilvan Otávio de Andrade. A casa número 37, Nilvan Otávio de Andrade. A 38. João Paulo Gomes dos Santos. A 38, João Paulo Gomes dos Santos. A 38 aqui, está aqui, olha. A 39.

O Francisco não subiu? O Francisco não subiu? E a esposa... Nós não entregamos para o Francisco? Não, mas a esposa dele está ali, ele não veio. Veio? Não, acho que ele recebeu, querida. Como que é o nome dele? Francisco de Assis de Oliveira. Ele já subiu, não já? Cadê o Francisco de Assis de Oliveira? Olha, o Francisco de Assis de Souza Santos... Não é esse. Não, não, é Francisco de Assis, não é? Francisco de Assis de Oliveira. Vê se tem



Francisco de Assis de Oliveira. Não tem, não tem.

Vamos lá. A casa 39. Joaquim Rodrigues Filho. Seu Joaquim, seu Joaquim... Suba aqui, seu Joaquim. Não, mas o que é isso, hein, gente? Olha, o Joaquim Rodrigues está aqui. É a trinta e...? Trinta e nove.

A 40, a casa número 40. Aderval Ribeiro da Silva. Aderval Ribeiro da Silva é a casa número 40. A casa 41. Francisco Joaquim da Silva. Francisco Joaquim da Silva. Cadê o Francisco Joaquim da Silva? A casa 43... Ou dois? Quarenta e dois. Renato Pereira da Silva. Cadê o Renato? É a esposa do Renato? Suba, minha filha.

Olhem, a casa 43. Marcos Antônio Pereira dos Santos. Cadê, cadê? É a esposa? É filha? E cadê o Marcos? Venha cá, Marcos. Traga a filha junto, meu filho. Traga a filha junto. Quarenta e quatro. Cícero Miguel Ferreira. Cícero Miguel Ferreira. É a esposa do Cícero que está vindo ali.

Luiz Alcantuário. Luiz Alcantuário... deve ser de Silva Santos. Luiz Alcantuário. A casa número 46. Vamos ver. Isabel Maria da Conceição. Isabel Maria da Conceição – vamos, Isabel – Isabel Maria da Conceição. Agora, a casa 47: José Joaquim da Silva. Cadê o José Joaquim da Silva? Aí, meu filho! A casa 48: José Nilton Ferreira. (incompreensível) depois o coronel Rui vai entregar. Ô, gente, faltam poucas casas. Quarenta e nove: Manoel Honório da Silva. A casa de número 50: Ana Paula Ribeiro. Essa moça estava agoniada, ali, Ana Paula Ribeiro. A casa 51: Nívea Marisa da Silva. A 52: Genivaldo Ferreira da Silva. É o nome do meu irmão Vavá, Genivaldo Ferreira da Silva. A casa 53: Josemir José da Silva. Cadê o Josemir? A 54: Maria Pereira da Silva. Cadê a Maria Pereira da Silva? Ô, gente, olha, agora a última casa.

Vocês sabem que são 18 vilas, esta é a primeira a estar pronta, mas até o final do ano a gente vai vir inaugurar mais um monte delas e nós vamos fazendo as outras. Eu quero ver se antes de terminar o governo, a gente inaugura todas as 18 vilas para entregar as casas para vocês. A última casa



que eu vou entregar hoje é a casa do companheiro Mariano Barros de Andrade. Cadê... está a esposa dele aí, né? Olha o sorriso dela!

Gente, olhem, acabou. Deixem eu falar uma coisa para vocês, olhem. Ô, gente, olhem, eu vou pedir agora, companheiros, para o ministro Geddel Vieira, que é o responsável por esse programa, para ele explicar para vocês o que vai acontecer nos próximos meses, está bem? Porque nós vamos assentar 790 famílias, todas casas de qualidade como essa, de 90 metros quadrados. A pessoa vai ter terreno de 5 mil metros para poder ter um quintal para criar uma cabrinha, um capote, um peruzinho, uma galinha poedeira, um preazinho, um coelhinho, um bodezinho, uma cabrinha e mais outras coisas. Agora, depois vai ter a parte produtiva, que tem lotes de 2 e 5 hectares, que irrigada, aí vocês vão poder dizer, respeitosamente, com muita dignidade. Então, eu vou passar para o Geddel explicar para vocês o que vai acontecer daqui para a frente.

Olha, eu vou assumir o compromisso com o Geddel e com vocês de que nós vamos vir nas outras inaugurações. Eu acho que é sagrado as pessoas ganharem as suas casas, as pessoas terem a tranquilidade. Muita gente vai ficar de boca aberta quando souber que vocês vão ter um quintal de 5 mil metros quadrados para as crianças brincarem. E nós temos pressa em fazer essas casas para resolver logo os problemas das pessoas que foram desapropriadas. E queremos fazer com que a irrigação chegue logo, para que as pessoas possam produzir com qualidade, ganhar dinheiro e sustentar a sua família.

Por isso, companheiros do Junco, por isso companheiros de Cabrobó... Olhem, eu estou sendo pressionado aqui, porque nós vamos sair daqui e nós vamos para o Ceará. Depois eu vou para Juazeiro, ainda, do Norte, pedir a benção de padre Cícero. E depois eu vou para Brasília. Então, não se assustem não, porque nós vamos sair muito rapidinho daqui, tá?



Tem uma senhora que teve um problema aqui, do Francisco de Assis, que ela disse que tinha sido chamado. O nosso pessoal vai cuidar para saber se houve algum problema.

Mas, de qualquer forma, meus queridos e queridas companheiras, para mim foram três dias de muita emoção, visitando as obras do rio São Francisco. É uma coisa que era inacreditável. Desde 1847, o imperador dom Pedro II tentou fazer esta obra, nunca conseguiu fazer esta obra. E nós resolvemos fazer e ela vai sair, porque o sertão nordestino precisa ser tratado com respeito e com decência, porque as pessoas que moram aqui querem trabalhar, não querem ir para São Paulo trabalhar e morar em uma favela, querem trabalhar é aqui, em sua terra natal. E é isso que a gente vai garantir, está só começando, está só começando.

Então, gente, que Deus abençoe vocês. Obrigado, ministro Geddel. Obrigado companheiro Governador, nosso querido Dudu, nosso companheiro de jornada. Obrigado aos ministros que trabalharam.

E, finalmente, resolveu o negócio da casa desta mulher bonita aqui, ó.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras do Eixo Norte na cidade de Mauriti**

**Mauriti-CE, 16 de outubro de 2009**

Eu tenho um compromisso que é quase uma profissão de fé, porque não é possível que este país, do tamanho que é, com a riqueza que tem este país, se desenvolva apenas para um lado do país e não se desenvolva para todo o território nacional.

Há quantas décadas o Nordeste brasileiro é considerado uma das regiões mais pobres do país? Há quanto tempo o Norte do país, o Amazonas, o Pará, Rondônia, são considerados regiões pobres do país? Este país vai crescendo apenas para um lado e as pessoas mais pobres vão saindo da sua terra natal e vão ocupando cada vez mais espaços inadequados para morar, em São Paulo, Rio de Janeiro, morando em favelas, em situações degradantes.

Enquanto a gente não resolver o problema do desenvolvimento do Nordeste, a geração de empregos, a geração de renda e as condições de educação, a gente vai continuar tendo retirantes nordestinos indo para São Paulo como eu fui, com mãe e mais oito irmãos para São Paulo em 1952.

Agora, não é possível que quando a gente pega as estatísticas do IBGE e a gente vai analisar onde é que morrem mais crianças antes de completar um ano de idade, é no Nordeste brasileiro. Quando a gente vai ver as estatísticas de onde é que tem o maior número de crianças desnutridas, é no Nordeste brasileiro. Quando a gente vai conversar sobre onde é que tem menos mestres e doutores dando aula, é no Nordeste brasileiro. E não é possível a gente não compreender que quanto mais o Nordeste ficar pobre, mais o Brasil vai continuar pobre, e quanto mais o Nordeste crescer, mais o Brasil vai ficar rico e os outros estados vão crescer em igualdade de condições.



Este país, lamentavelmente, desde que foi proclamada a República, não pensou o Brasil como um todo. Você veja, Cid, que de 1909 até 2003, todos os governos que passaram, em 100 anos, fizeram apenas 140 escolas técnicas profissionais. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais. Em oito anos, nós vamos fazer o que eles fizeram em 100 anos.

Se a gente olhar a universidade, vocês vão perceber que tem presidentes que ficaram tempos no governo e não fizeram uma única universidade. Nós estamos fazendo 12 universidades novas, tem mais duas no Congresso Nacional, uma para Redenção, aqui no estado do Ceará, que é uma universidade para fazer em parceria com os países africanos de língua portuguesa. E mais ainda, já vamos terminar o mandato com 104 extensões universitárias, levando cursos das universidades federais do Ceará para o interior do Ceará, porque não é justo ter universidade apenas na capital, porque o estado não é apenas a capital.

Pois bem, esta obra aqui tem uma coisa que tem marcado a minha vida. Eu sou retirante nordestino, eu acho que eu não tenho pescoço porque com sete anos eu carregava água de um açude numa lata d'água. Um dia coloquei dois potes no caçuá, coloquei em cima da jumentinha; no meio do caminho a jumenta me derrubou e quase me come vivo.

Pois bem, eu tinha em conta que era necessário fazer esta obra. Até porque muito tempo atrás, nas disputas eleitorais, eu vim ao estado do Ceará e os deputados do Ceará aprovaram um ato de repúdio ao presidente Lula porque não assumiu o compromisso de fazer a Transnordestina [transposição do rio São Francisco]. Os meus adversários chegavam em Fortaleza e, como o Ceará precisava d'água, eles diziam: "Eu vou fazer". Aí, chegavam na Bahia, o Antônio Carlos Magalhães era contra, e eles diziam: "Eu não vou fazer". Chegavam na Paraíba, o povo precisava d'água, e eles diziam: "Eu vou fazer". Chegavam em Alagoas, o governo era contra, e eles diziam: "Não vou fazer". E assim ia. No estado que precisava d'água, eles eram favoráveis; no estado por



onde o rio passava, eles diziam: “Não vamos fazer”. Ou seja, políticos de duas caras. É o que não faltou neste país, ao longo de muito tempo.

Eu nunca prometi porque eu acho que é feio a gente prometer e não cumprir. Quando eu ganhei as eleições, eu chamei o companheiro Ciro Gomes para ministro da Integração. O Ciro andava meio desanimado com a política, e eu dizia: Ciro, você não pode desanimar porque você perdeu uma eleição. Eu já perdi três, meu filho, e estou aí, na luta. Vamos topa essa coisa, rapaz. A gente vai perdendo e vai aprendendo, vai perdendo e vai aprendendo. Um dia, a gente ganha.

Pois bem, chamei o companheiro Ciro e pedi para o companheiro Ciro que eu queria fazer duas coisas principais. Eu queria fazer a transposição das águas do rio São Francisco, que o imperador dom Pedro I tentou fazer isso em 1847 ou 1850. Portanto, mais de 150 anos atrás essa obra foi pensada. Só para vocês terem ideia, o engenheiro que dom Pedro trouxe para cá em 1850, sem nenhuma coisa sofisticada de engenharia, ele marcou o ponto onde a gente ia pegar água. E hoje a engenharia sofisticada foi pegar água exatamente no ponto que o cara marcou 150 anos atrás.

Mas eu teria que fazer essa obra. A primeira coisa que eu fiz foi pedir para o nosso companheiro Zé Alencar, que é o nosso vice, a trabalhar o projeto. O Zé Alencar começou a trabalhar o projeto na primeira fase. Aí depois eu disse ao companheiro Ciro Gomes que era preciso fazer o projeto e enfrentar os debates, para que a gente pudesse concluir essa obra. E muita gente não acreditava, muita gente dizia que não ia acontecer. Eu dizia: vai ter que acontecer, vai ter que acontecer. A gente tem que enfrentar muita discussão.

Vocês sabem que hoje, para a gente fazer uma obra no Brasil é difícil, porque quando a gente começa a fazer o projeto... Você terminou o projeto básico, você já poderia começar a obra. Aí você vai pedir para o Ibama liberar o EIA/Rima. Aí começa a peregrinação, porque nós temos leis muito rígidas.



Nós, no Congresso Nacional, aprovamos leis que, depois, quando a gente vai governar, a gente acha que a gente não sabia o que estava fazendo lá no Congresso Nacional, porque a gente impõe muita fiscalização.

O João Santana me contou uma história que merece ser contada para vocês. A gente estava trabalhando essa obra lá em Cabrobó. Aí, foi o pessoal... de onde? Do Iphan, cumprindo a lei, a menina viu a pedra e falou: “Essa pedra deve ser uma machadinha de índio, de antigamente.” E por causa dessa pedra, que foi para fazer estudos se era uma machadinha de um índio, nós esperamos nove meses para a pessoa dizer que não era machadinha de índio.

As pessoas não têm dimensão do que é uma obra gigantesca dessas, parada por nove meses. As pessoas não têm dimensão do custo que isso tem, porque a empresa manda os trabalhadores embora, a empresa desativa as suas máquinas. Ninguém pode ficar esperando a vida inteira. Mas isso, somos nós que somos os culpados, porque nós é que fizemos a lei para regulamentar.

Outro dia, Ciro, lá no Rio Grande do Sul, Cid, uma perereca parou uma obra por oito meses, porque onde ia passar o túnel tinha uma perereca, e aí precisava estudar se a pererequinha estava em extinção. Oito meses pesquisando essa perereca, para poder autorizar a gente a abrir o túnel.

Então, eu quero que vocês imaginem a dificuldade entre a gente decidir fazer uma obra e começar a fazer uma obra, no Brasil. O Cid sabe, quando pensa que vai começar, aí aparece um Tribunal de Contas e acha uma deficiência. Às vezes, a deficiência não é verdadeira, é só achar que era deficiência. E tem vezes que tem mesmo coisa errada, e tem que fiscalizar. Quando está tudo pronto, aí o governador ou o ministro pensam que vão fazer licitação. Lança o edital para fazer a licitação. Aí aparecem as empresas. Quando as empresas aparecem, ganha uma e a que perdeu entra com um processo na Justiça. Aí fica mais oito meses, um ano, a obra parada. Quando está tudo pronto, que a gente pensa que vai começar, o Ministério Público entende que tem alguma coisa errada e para a obra por mais um ano, três



meses, quatro meses. É, na verdade, um verdadeiro martírio a gente começar uma obra no nosso querido país.

Mas nós resolvemos. Teve até um bispo que entrou em greve de fome, contra a transposição das águas do rio São Francisco. Nós tivemos paciência, o Ciro ficou nervoso, depois o Geddel veio com muita paciência, conversamos, rezamos, falei com o Papa, falei não sei com quem, e vamos lá, até que o nosso bispo resolveu parar com a greve de fome, para a gente continuar essa obra.

Agora, eu estou aqui. Essa empresa que pegou o Lote 6 já tem, acho que 500 trabalhadores. Ela vai chegar a 800. Mas ainda falta começar o Lote 4, ainda falta começar o Lote 5 e ainda falta começar o Lote 7. Eu quero, Junior, e meu companheiro Cid, ver se lá para março do ano que vem eu volto aqui, porque nós vamos ter mais de 3.500 trabalhadores trabalhando e ganhando dinheiro aqui nesta região. Aqui no Ceará, só nesta parte aqui são 40 quilômetros, mais um túnel de 15 quilômetros para chegar na Paraíba. E nós vamos ter homens trabalhando, levando salário para casa para sustentar a sua família com o suor e a dignidade do seu trabalho.

Mas eu vou contar uma história: uma mulher chamada Eliane, lá em Cabrobó, mas não foi em Cabrobó? Em Floresta, uma mulher chamada Eliane, quando essa obra começou, ela tomou R\$ 50 emprestados ao afilhado dela e ela pediu autorização para um coronel do nosso Exército, que estava fazendo a obra, para permitir que ela fizesse pastel para vender lá na obra. Ela agora já montou uma empresa e serviu até 400 refeições por dia.

Uma obra como esta é oportunidade extraordinária para uma região. Mas esta obra não é só o canal, porque o canal não vai resolver todos os problemas do mundo. O canal vai resolver o problema mais elementar do ser humano, que é água tratada para beber e água tratada para criar pequenos animais. Não é possível alguém pensar que vai irrigar mil hectares de cana aqui, não é possível. Mas é possível uma pessoa irrigar três, quatro hectares



de terra para cuidar da sua família e para produzir as coisas necessárias para a nossa sobrevivência.

Nós, agora, estamos em uma fase. Eu queria até que os deputados do Ceará pedissem para os deputados que assinaram aquele repúdio a mim, que eles viessem ver esta obra e anulassem aquele repúdio porque eu estou fazendo o que eles não tiveram coragem de fazer.

E vejam, a Petrobras, a Petrobras fazia 20 anos que não fazia uma refinaria. A maior refinaria que ela tem no Brasil é a refinaria de Paulínia, a Replan, me parece que duzentos e poucos barris que ela refina por dia.

Pois bem, o Ceará vai ganhar uma refinaria de 300 barris por... 300 mil barris por dia, vai ser uma das maiores refinarias deste País. Desde 92 que o Ceará imagina que ia vir uma siderúrgica para cá, não veio. Agora, vai vir uma siderúrgica para o estado do Ceará. A Transnordestina, há quantos anos essa ferrovia foi prometida, ela estava paralisada, foi privatizada? Este companheiro levou três anos preparando a engenharia financeira para a gente começar a fazer a ferrovia, ligando a capital do Ceará, o porto de Pecém, à capital de Pernambuco, no porto de Suape, passando por Eliseu Martins, no Piauí, para pegar a carga da soja do Piauí e ligar os dois portos, pegar o gesso de Araripina, pegar a produção que vai acontecer nos estados e fazer com que aconteça um processo natural de industrialização em todo o trecho da ferrovia Transnordestina. Alguém dizia: “Mas ela não é economicamente viável”. O Estado não pode pensar apenas na coisa economicamente viável, isso vale para o empresário privado. O Estado tem que pensar que se não tem ferrovia e o país precisa, nós vamos fazer essa ferrovia e ela vai se tornar viável ao longo do tempo.

Portanto, companheiro prefeito Júnior, a sua cidade vai ser beneficiada não apenas com os empregos, porque vão crescer restaurantes, vão crescer os empregos indiretos, mas aqui nós vamos fazer tratamento no esgoto sanitário de toda esta cidade para que as pessoas tenham água de melhor



qualidade, que o esgoto seja canalizado e seja tratado, para depois cair na água de forma que o rio continue limpo.

Então, eu estou, Cid, feliz. Eu estou feliz de estar aqui porque esta obra, mais do que um desejo, eu sei que é uma necessidade. Só pode ser contra uma obra dessas quem nunca viu o seu animal, uma cabritinha morrer de fome e de sede porque não tem um copinho d'água para beber. Não sabe o que é a gente beber água barrenta, não sabe o que é, em um açude velho, pegar uma lata d'água com o cavalo fazendo xixi de um lado, a vaca [fazendo] cocô do outro, o cabrito do outro, e a gente ter que pegar aquela água, colocar em um pote e levar para casa para assentar, para a gente beber em uma canequinha. Somente quem não sabe o que é isso é que pode ser imbecil e ser contra uma obra dessa magnitude, que vai beneficiar muita gente neste país.

Meus companheiros, já me passaram um papelzinho aqui porque eu tenho horário para levantar [vôo de] helicóptero, enquanto tem luz do sol, porque depois a gente vai ficar areado e vai se perder por aí.

Então, eu quero assumir, ô Júnior, o compromisso com você; com o João Santana, que é o mestre de obras desta obra, o nosso chefe de gabinete do Geddel; quero assumir o compromisso contigo, Cid, que mais ou menos no mês de março eu quero voltar aqui para ir com vocês ali na beira do canal para vocês verem que obra gigantesca, que vai ser motivo de orgulho. Quem for contra essa obra, não precisa falar mal de nós pela televisão ou pelos jornais. Venha ver a obra. Quando vir, se ajoelhe e peça desculpas, porque essa obra será uma das redenções do Nordeste brasileiro.

Um grande abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com trabalhadores das obras do Eixo Norte**

**Cabrobó-PE, 16 de outubro de 2009**

Se eu for baixar o microfone, vocês vão perceber que eu sou mais baixo do que o Eduardo Campos, e eu quero sair daqui com a ilusão de que eu tenho o mesmo tamanho dele.

Olhem, primeiro cumprimentar os nossos companheiros governadores que estão aqui e, cumprimentando o companheiro Eduardo, eu cumprimento o Ceará e cumprimento o Piauí.

Quero cumprimentar os companheiros ministros que fizeram uso da palavra,

Cumprimentar os deputados federais,

Deputados estaduais,

Os prefeitos e, cumprimentando o Eudes, eu estou cumprimentando o prefeito de Abaré e outros que podem estar aqui,

Os vereadores que devem ter aqui, no meio de nós,

Cumprimentar os empresários que estão fazendo essa obra,

Cumprimentar o Exército brasileiro pelo trabalho extraordinário, que está ajudando o governo a fazer muitas obras neste país. Está aqui conosco o general Enzo, que é o comandante do Exército.

E eu fico muito agradecido porque quando nós chegamos no governo, o Exército estava falido, o Exército não tinha uma máquina, um caminhão, mas era famoso que o Exército tinha o seu Batalhão de Engenharia e que podia fazer muita coisa por este país. Mas só podia fazer se tivesse equipamentos. E hoje, graças a Deus, nós recuperamos praticamente todo o potencial do nosso Batalhão de Engenharia fazer obra, não apenas no Amazonas, ou na



Amazônia, mas fazer obras no Nordeste e, se for necessário, fazer em São Paulo, porque quando alguns empresários começarem a não querer fazer determinadas obras, a gente tem o Exército brasileiro preparado para assumir a responsabilidade e fazer obra. E é importante que a gente mantenha o nosso Exército, com o seu Batalhão de Engenharia, sempre preparado, com máquinas modernas, porque a quantidade de obras que nós vamos fazer, as nossas empresas não estavam habituadas, porque havia 25 anos neste país que a economia não tinha o desenvolvimento que está tendo agora. O último presidente da República a investir em infraestrutura foi o presidente Geisel, entre 1975 e 1980. De lá para cá, este país entrou em um processo de atrofiamento, se falava muito e se fazia pouco. A única coisa que crescia era a inflação, e a única coisa que crescia era a perda de poder aquisitivo do salário do trabalhador brasileiro.

Então, essas coisas nós superamos e o povo está percebendo que é possível a gente governar o Brasil diferente do que ele era governado. Eu quero agradecer, Marinho, o poema, o verso. Quero agradecer ao Maciel, ao Petrus, ao companheiro de... Zezito, Salgueiro, porque vocês viram aqui que já tem três músicas e um poema sobre o rio São Francisco. Só agora, tudo isso foi parido em meia hora aqui. Você imagina o que vai ser de cantoria e de versos e de repente que vão aparecer por este País afora sobre as águas do rio São Francisco.

Então, eu, quero dizer para vocês que essa obra é uma obra muito significativa na minha vida como nordestino, como um companheiro que igual a vocês vestiu um macacão pela primeira vez com 14 anos de idade, trabalhei 27 anos dentro de uma fábrica. E nós estamos tentando mostrar à elite política deste País, que governou este País desde que Cabral chegou aqui, que é extremamente importante que os trabalhadores saibam que não existe nada impossível quando a gente está determinada a fazer as coisas. O impossível existe só para quem é incompetente.



Talvez, a elite brasileira, sobretudo aqueles que participam da vida política e que governaram este País, com exceção de um homem como Getúlio Vargas que tinha visão ou um Juscelino Kubitschek que foi um grande desenvolvimentista, o Brasil perdeu a noção do que era o Brasil. Eu me convenci, com a derrota que eu tive em 1989, que para a gente governar este País e torná-lo mais igual era preciso que a gente conhecesse o País; que a gente conhecesse o Norte, o Sul, o Sudeste, o Nordeste e o Centro-Oeste; que a gente tivesse acesso ao aprendizado cultural de cada região, às necessidades de cada região e aprendi também que não era possível a gente governar o Brasil apenas de Brasília. Não era possível. Não era possível alguém com uma mentalidade apenas de uma região, seja nordestino ou seja sulista, governar este país, se ele não tiver noção exata do que é este país, com a sua diversidade cultural, com a sua diversidade de cor e com tudo que nós temos de diferença, que nos tornou esse povo miscigenado, de forma extraordinária.

Pois bem, essa água, ela está sendo prometida há pelo menos 150 anos. O Imperador D. Pedro, eu não sei se foi em 1847 ou em 1850, que começou a pensar a fazer esse canal. Veja que coisa fantástica: aonde nós vamos fazer a tomada d'água, hoje, com toda a sofisticação de engenharia, é no mesmo lugar que em 1850, há 160 anos atrás, praticamente, há 150 anos atrás, um engenheiro, contratado por D. Pedro veio aqui e disse que era exatamente perto desse morro que a gente ia fazer a tomada d'água. Talvez ele não tenha tido dinheiro para fazer. Talvez os governadores dos estados, que eram contra, não deixaram.

Eu lembro que ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, ele colocou um companheiro para ser do Ministério da Integração, e esse pediu uma reunião com o PT. Os companheiros do PT eram contra a transposição. Eu nunca... Não os de Pernambuco, ou os da Paraíba, ou do Rio Grande do Norte, ou do Ceará, mas aqueles que, como eu, viviam em São Paulo. Eu



nunca prometi, nunca, porque eu conhecia a história de muitos candidatos que chegavam aqui, perto de Petrolina, ou mesmo em Pernambuco, ele era contra, ele era contra, porque Petrolina, o rio já passa lá. Quando chegava na Bahia, era contra. Então o presidente, o candidato, que tem duas caras, ele chegava no Ceará, o Ceará queria a água, ele era favorável; aí ele ia para Sergipe, Sergipe era contra, ele era contra; aí ia para a Paraíba, Paraíba era favorável, ele era favorável; ia para Alagoas, Alagoas era contra, ele era contra. E quando o ACM governava a Bahia, ele nem tinha coragem de ir lá, nem para ser contra.

Eu, então, nunca prometi. Eu falei: deixa ganhar as eleições que nós vamos trabalhar com muito carinho a possibilidade de construir essa obra. E posso dizer para vocês que essa obra vai ter uma parte pronta ainda no meu mandato e vai faltar 30% apenas para ser terminada já no outro governo.

Vocês estão lembrados que eu dizia que essa obra teve uma discussão atravessada, ou seja, na verdade nós não estamos tirando água de ninguém. Primeiro porque a água não é colocada lá na nascente por nenhum homem. Ela foi colocada lá pela obra divina de Deus, quando construiu o mundo... Ele disse que ali, lá, em Minas Gerais, ia ter uma nascente e esse rio vem percorrendo, pegando água de outros afluentes, afluentes, e ela vai ser jogada no mar. Não era justo a gente deixar essa quantidade de água imensa ir para o mar e não tirar um “tiquinho” dela para levar para o semiárido, para 12 milhões de nordestinos que vivem em uma situação extremamente difícil.

Eu faço questão de dizer porque eu gosto que a imprensa registre. Muitas vezes, não registra na primeira vez que eu falo, mas eu falo tanto que um dia eles ficarão com vergonha e colocarão. E eu faço esta obra porque eu sei o que é a sede, eu sei o que é carregar pote na cabeça com 7 anos de idade, eu sei o que é tomar água barrenta, eu sei o que é ficar separando para pegar uma caneca d’água entre a merda dos animais, os caramujos, para pegar um pouquinho d’água, para colocar em um pote para assentar, para a



gente beber. Porque nem cultura para ferver a água a gente tinha... assentava e depois ia tirando com uma canequinha para a gente beber e se não tivesse cuidado, a molecada era toda barrigudinha, perninha fina e barrigudinha de verme.

É por isso que aqui no Nordeste o índice de mortalidade infantil é muito maior do que no restante do Brasil. Porque se as pessoas não têm nem água tratada para beber, as pessoas ficam doentes com mais facilidade.

Então, eu resolvi fazer esta obra por conta disso, e quero dizer para vocês: eu não estou morando mais em Pernambuco, mas tenho um orgulho profundo de ser um pernambucano quem tomou a decisão de fazer esta obra. Pois bem, fizemos todas as discussões que tínhamos que fazer, disputamos, sabe, enfrentamos todas as adversidades. As pessoas só vão reconhecer essa obra quando ela estiver pronta e produzindo os efeitos que vai produzir.

Por enquanto, a pessoa vê o canal... se eles sentissem a emoção que eu senti quando eu descii, lá naquele buracão. E saber que daqui a alguns meses aquilo vai estar cheio d'água. Sabe, as pessoas não fariam a quantidade de bobagem e de asneiras que falam da transposição das águas do rio São Francisco.

Eu queria dizer para vocês que quando a gente chega à Presidência da República, nós não temos o direito de ficar respondendo às críticas. Porque o papel da oposição é esse. A oposição é como o jogador que está no banco de reserva, ele diz que é amigo do que está jogando, mas está doidinho para o que está jogando tomar um cartão vermelho ou machucar, para ele entrar no lugar dele.

O papel da oposição, o papel da oposição é ver defeito. O papel da oposição é ver defeito. Não espere que a oposição faça elogio, porque não vai fazer. A oposição não quer que as coisas deem certo. Como o torcedor do Náutico não quer que o torcedor do Esporte seja feliz. Quer que ele chore todo



domingo à noite. É como o torcedor do Corinthians que jamais torcerá pelo Palmeiras ou o Palmeiras jamais torcerá pelo Corinthians. A oposição é isso.

O papel da oposição é ficar lá xingando e falando coisa. E nosso papel, Geddel, é trabalhar, trabalhar e trabalhar. Porque é isso que nós vamos mostrar quando terminar o nosso mandato.

Por último, eu queria dizer para vocês... Por último, eu queria dizer para vocês, que nós sabemos que ainda tem muita coisa para fazer no Brasil, nós estamos apenas começando. E a gente não conserta em 8 anos os desmandos de 500 anos, a gente não conserta. Mas, a verdade é que nós já demos passos extraordinários.

Esse moço aqui falou da Educação. Então vocês poderiam perguntar, porque que um Presidente da República que não tem diploma universitário - nem o meu vice tem diploma universitário - acho que é a primeira vez no mundo que um país tem um presidente e um vice-presidente que não são doutores. É a primeira vez no mundo. Pois bem, é porque as pessoas acham ou confundem o saber com inteligência. Inteligência é uma coisa nata. Se você pegar um livro e ler uma vez e não compreender, leia a segunda. Daqui a pouco você está falando igualzinho a doutor. Isso não significa inteligência. Inteligência é aquela coisa que esse moleque fez aí. Você viu o tanto de palavras que ele falou, sem tomar fôlego? Se eu tivesse o poder que ele tem, eu não seria Presidente, eu seria poeta, eu sairia pelo Brasil cantando e vendendo coisas bonitas aí. Quem sabe, quando eu deixar a Presidência, se eu não conseguir ser poeta, eu vou ser pastor, vou ser alguma coisa.

Mas imaginem uma coisa: nós tínhamos que ter o compromisso de investir na educação. Eu estou vendo essas meninas aqui estudando, estou vendo um monte de jovens aí que dizem que estão numa escola em tempo integral. Se a gente não estudar enquanto a gente tem idade para estudar... e essa idade do estudar que começa hoje no Brasil aos 6 anos de idade, no ensino fundamental; pode ter a pré-escola, que começa antes, e se a gente



não tiver a sabedoria de que a gente tem que estudar até se formar, a gente vai perceber que se a gente não se formar, a gente vai virando cidadão de segunda classe, enquanto aqueles que estudam vão sendo cidadãos de primeira classe.

Como eu estou vendo meninas aqui, eu queria dizer, sobretudo para as meninas. Eu vou repetir uma coisa que eu falo mais de 200 vezes por ano aqui. Eu, graças a um diploma de torneiro mecânico, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ganhar mais que o salário mínimo, eu fui o primeiro a ter uma casa, eu fui o primeiro a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma televisão colorida. Você não imagina, Eduardo Campos, em 1974 eu comprei uma televisão para pagar em 14 prestações, da Sharp, colorida, para ver a Copa do Mundo, e o desgramado do Brasil perdeu da Polônia por 2 X 0, de um tal de Cruyff, que entortou o Brasil... Nós tínhamos comprado... da Holanda. Nós tínhamos comprado uns conhaques para beber, pela vitória, e tivemos que beber pela tristeza e pela derrota. A bebida desceu mais amarga, fervia e queimava o canal da transposição da boca para o lugar que tem que ir.

Pois bem, meus companheiros, vocês jovens que estão estudando, eu estou vendo muito rapaz novo que trabalha nessa empresa. Vocês têm chance de estudar. Eu digo para as mulheres uma coisa mais forte do que eu digo para os homens. A mulher tem que se preparar até melhor do que o homem. Por quê? Porque uma mulher hoje, no século XXI, nestes tempos modernos, a mulher não pode ficar em casa dependendo do salário do marido. Ela tem que ajudar no orçamento familiar e ela tem que ter independência, porque é humilhante uma mulher ficar esperando o marido chegar com o salário para pedir R\$ 10 para comprar uma coisa para ela ou uma coisa para a criança. É muito importante que ela tenha o salário dela. Que ela e o companheiro vivam juntos porque se gostam, porque se amam, não tem que viver..."Ah, eu vou viver porque ele dá prato de comida para as crianças, eu estou com ele, então". Então, é muito importante vocês estudarem mais, porque uma mulher com uma



profissão... Mesmo assim, ela vai ganhar menos do que o homem no mercado de trabalho, mas ela vai ter independência. No dia em que o marido chegar com umas canas na cabeça e for brigar com ela, ela fala: “Peraí, meu, fale baixo, fale baixo, fale baixo porque eu não sou sua escrava não, eu sou sua companheira, eu sou sua mulher e quero ser tratada decentemente”.

Pois bem. E para o homem também, porque eu sei qual é o valor de um homem sem profissão e o valor de um homem com profissão. Vocês sabem, porque vocês fizeram o curso para trabalhar nesta obra. Quando é que a gente imaginava um trabalhador do Nordeste ser contratado no sertão para ganhar... Ontem, eu conversei com um operador dessas máquinas grandes, R\$ 4 mil por mês. Quando é que a gente imaginava, no sertão, uma pessoa ganhar R\$ 4 mil por mês? E parece que o menor salário que estão pagando aqui é R\$ 650, que me parece. Pode ser um pouco... acho que alguns companheiros ganham um pouco mais. Mas esse é o começo porque, veja, a gente não estava habituado a ver obra aqui, não. A gente estava habituado, quando tinha seca, era ver criar frente de trabalho para pagar R\$ 30 por mês para vocês tangerem pedra para um lado e depois tangerem pedra para o outro lado. Agora, não. Agora, vocês estão construindo uma obra que tem começo, meio e fim, e que vocês sabem que vai ser de utilidade para o povo.

Então, meus companheiros e minhas queridas companheiras de Cabrobó e de Pernambuco, eu saio daqui quase um homem realizado. Porque, normalmente, o Brasil elegia um presidente e aí o presidente ia, fazia um plano econômico, o plano não dava certo; aí o presidente ia embora; normalmente, ele passava dois anos lá fora, estudando; aí ele voltava, se candidatava outra vez. E o Brasil era assim.

Eu, quando fui eleito, eu tinha que provar, a cada santo dia, que nós tínhamos que fazer a coisa correta, porque se eu não der certo, vai demorar 200 anos para um trabalhador querer ser presidente da República outra vez. Vão colocar uma cangalha nas nossas costas.



Eu estou querendo dizer para vocês que se eu pude ser presidente da República, me preparei para isso, vocês podem ser presidente da República, ser governador, ser prefeito. O povo precisa aprender que ele não tem o direito apenas de ir a um comício para aplaudir aqueles que nasceram para fazer política. O povo pode fazer a política.

E vocês, jovens, quando vocês estiverem vendo televisão ou rádio, que vocês estiverem falando, não acreditando na política: “porque tem político que não presta, ninguém presta, não presta o presidente, não presta o governador, não presta o prefeito, não presta o vereador, todo mundo não presta”. Mesmo assim, não desistam da política porque o político perfeito que vocês querem ou não existe, ou está dentro de vocês. Assumam a responsabilidade de cada um de vocês, para a gente poder mudar este país.

Para fazer este país ficar melhor tem que mudar a classe política, sim, tem que mudar. Quando o cidadão estiver falando que fez as coisas, vá ver se ele fez mesmo, porque na propaganda é muito fácil ver as coisas.

Eu fiz questão de vir aqui para trazer a imprensa brasileira para cá, para trazer a imprensa estrangeira: vamos lá ver. Critiquem, mas vão lá ver. Não fique sentado com a bunda em uma cadeira, em uma sala com ar-condicionado, não. Vá lá, para ver. Vá ver, faça crítica, mas diga o que está acontecendo. Porque essa parte do Brasil não era olhada. As pessoas, parece que só olhavam para um lado. E nós queremos olhar para todo o Brasil, tratar Roraima como tratamos o Rio Grande do Sul; tratar o Chuí como tratamos o Oiapoque; tratar o Nordeste como tratamos o Sul. Não tem essa história de que o Nordeste é exportador de servente de pedreiro para fazer as pontes lá em São Paulo. O Nordeste não quer apenas ser exportador de pedreiros, nós queremos ser exportadores de engenheiros, de médicos, de cientistas.

É por isso que estamos investindo na educação. Não tenho nada... Eu quero que todos os estados cresçam. Mas o presidente da República tem que olhar para quem mais necessita. Não era possível que o Nordeste pudesse ser



analisado apenas como bolsão de pobreza; ou o Norte do país como o santuário da Humanidade, em que você não podia fazer nada. É pensar o Brasil por inteiro, pensar o desenvolvimento nacional, mas pensar o desenvolvimento regional. E dentro de cada região, a gente pensar o desenvolvimento das microrregiões, aproveitando aquilo que a natureza já nos deu.

Eu não sei se o sertão vai virar mar, eu não sei. Mas que vai ter água porreta, vai, que vai ter água porreta, vai. Só espero que as pessoas não entupam o canal, mergulhando aí. Eu não sei como as empresas vão fazer, os governadores, para tomar conta. Um sol desses rachando a cabeça. Eu não estou no sol, mas vocês estão, aí. E vou ficar igual a vocês, aqui. Pois bem. Eu fico imaginando, Eduardo, quem é que vai segurar as pessoas, para não pularem no canal. Vai ter cerca aí, Geddel? Ah, vai ter cerca! Mas vai ser uma coisa... a piscina, vai ser a piscina mais comprida do mundo. E quando, agora, os astronautas americanos forem para a Lua, eles não vão ver apenas a Muralha da China, vão ver o canal do São Francisco.

Bem, isso só foi possível porque eu tive grandes companheiros junto comigo, no governo, muitos companheiros. Eduardo Campos foi o meu ministro de Ciência e Tecnologia; Ciro Gomes foi ministro da Integração; a Dilma Rousseff foi de Minas e Energia e agora está na Casa Civil. Vários companheiros contribuíram. O meu querido companheiro Zé Alencar que, se não estivesse com problemas de saúde, estaria aqui cantarolando. Ele é metido a cantar, também. Diz que canta e joga bola, imaginem. Mas é um dos homens de melhor caráter... Eu não acredito que tenha, no mundo, um presidente que tenha um vice como o que eu tenho. Não acredito.

Então, companheiros, olhem, isso aqui... Se eu estou suado aqui, podem ter certeza de que eu estou muito mais molhado por dentro, porque nós vamos realizar mais que um sonho de um presidente ou de um governo, nós vamos realizar o desejo e a esperança de décadas e décadas de um povo que ficava



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

rezando, todo santo dia, para que chovesse um tiquinho. E agora nós estamos dizendo para vocês: a gente não vai prescindir da chuva, mas se não chover a gente não vai morrer de sede como morria antigamente.

Um grande abraço, parabéns ao povo de Cabrobó e parabéns ao povo nordestino.

(S211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão de encerramento do seminário empresarial “Brasil-Colômbia: Novas Fronteiras para as Relações Econômico-Comerciais”**

**São Paulo-SP, 19 de outubro de 2009**

Meu querido amigo presidente da República da Colômbia, Álvaro Uribe,  
Meu caro amigo José Serra, governador do estado de São Paulo,  
Senhor Jaime Bermúdez, ministro das Relações Exteriores da Colômbia,  
Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,  
Senhor Luis Guillermo Plata, ministro do Comércio, da Indústria e do Turismo da Colômbia,

Companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil,

Meu caro amigo Paulo Skaf, presidente da Fiesp,

Meu caro Luis Carlos Villegas, presidente da Associação Industrial da Colômbia,

Senhores embaixadores e integrantes das delegações brasileira e da Colômbia,

Amigos empresários e empresárias,

Companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Esta é a quarta vez que recebemos o presidente Uribe, só neste ano. A Colômbia e o Brasil estão fazendo uma aposta numa parceria fundamental para o futuro de nossos países e da América do Sul. Sua localização estratégica e vocação para unir o Atlântico e o Pacífico tornam a Colômbia um sócio indispensável do Brasil neste projeto de integração regional.



No momento em que a economia global se debate com uma recessão sem precedentes, nosso continente já está retomando o seu crescimento.

Apresentamos todas as condições para transformar nossa região em pólo dinâmico da economia mundial. Possuímos um mercado de 400 milhões de consumidores e um parque produtivo avançado.

Somos uma região de paz, rica em energia e abundante em recursos naturais.

Estamos dotando o continente dos instrumentos necessários para financiar o nosso desenvolvimento. O Banco do Sul vem somar-se à CAF como mecanismo fundamental de sustentação do nosso projeto de integração.

Medidas inovadoras, como o sistema de pagamentos em moeda local, tornarão nosso intercâmbio mais ágil e barato.

Senhoras e senhores,

Em 2004, afirmei que a Colômbia e o Brasil tinham todas as condições para dobrar o comércio em poucos anos. Cumprimos nossa promessa, Uribe. Em 2008, nosso intercâmbio ultrapassou os US\$ 3 bilhões, com um crescimento de quase 100% das exportações colombianas, se bem que ainda o déficit é grande para a Colômbia.

Estamos equilibrando e ampliando essas trocas. A conclusão das negociações Mercosul–Colômbia sobre serviços, certamente, ampliará o leque de oportunidades.

Enfrentamos agora novo desafio. O de demonstrar que temos todas as condições de ser um dos motores dessa recuperação do crescimento na nossa América do Sul.

É esta a visão que trouxe o presidente Uribe a São Paulo, à frente de importante delegação de homens de negócios.

Queremos hoje aprofundar as parcerias estabelecidas entre empresas brasileiras e fornecedores colombianos, em recente visita a Bogotá.



Nossa economia cresce, abrindo espaço para importação de bens e serviços de qualidade.

Os empresários brasileiros já identificaram as vantagens dessa parceria. Somos o terceiro maior investidor na Colômbia. Investimentos brasileiros de US\$ 1,3 bilhão estão presentes nos mais variados setores da economia colombiana.

Assim como o Brasil, a Colômbia aposta nos investimentos em infraestrutura como resposta à crise. Só a Rota do Sol, rodovia que ligará Bogotá à costa atlântica, envolve investimentos da ordem US\$ 2,6 bilhões. E, certamente, as empresas brasileiras esperam participar desta que será a maior obra viária do país.

Essa é uma via de duas mãos. A empresa colombiana ISA arrematou um bloco de exploração de petróleo na Bacia de Sergipe-Alagoas.

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos apostando também nas energias renováveis. Nossos países estão na vanguarda do desenvolvimento de fontes alternativas. As metas ambiciosas adotadas pelo governo Uribe garantem a adição de 10% de etanol à gasolina, e 100% dos veículos novos serão *flex fuel* até 2016.

As condições para isso estão asseguradas. Estamos concluindo acordo que ampliará a produção de cana para um milhão de hectares. Portanto, vamos gerar empregos, renda e reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

Temos todas as condições de assumir uma posição de liderança na Conferência de Copenhague. Para tanto, propus ao presidente Uribe uma reunião em Manaus com todos os presidentes da região amazônica, a fim de coordenar uma posição conjunta para a Conferência do Clima em Copenhague.

Assim como o Brasil, a Colômbia acredita que a segurança energética é plenamente compatível com a segurança alimentar. Por isso, o Brasil apoia a



modernização da agropecuária colombiana. O BNDES pode financiar a revitalização do setor de frigoríficos, laticínios e maquinário agrícola.

São todas medidas que farão da Colômbia um dos principais polos industrial, agropecuário e energético da América do Sul. Levarão também à região Norte do Brasil os benefícios da integração de nosso continente.

Precisamos agora trabalhar para aumentar o turismo e multiplicar as conexões aéreas. A fusão entre a Avianca e a Taca é um passo fundamental nessa direção. Finalmente, nossos empresários não terão mais de fazer escala em Miami para poder realizar negócios.

O esporte também multiplica oportunidades. É o que promete a realização no Brasil da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, e veja que eu já disse ao companheiro Uribe que nós iremos trabalhar para que a Colômbia possa realizar os Jogos Pan-Americanos em Bogotá, em 2015. Até porque, em se tratando de esporte, o Brasil precisa tomar cuidado para não inflacionar o mercado. Em 2011 nós vamos realizar os Jogos Militares, são mais de 6 mil atletas do mundo inteiro. Em 2013 nós vamos fazer a Copa das Confederações, que é antes da Copa do Mundo. Em 2014, a Copa do Mundo. Em 2015 nós tínhamos a Copa das Américas, que nós resolvemos passar para o Chile e ocuparmos a data do Chile, que me parece que é em 2019. Em 2016 nós, então, teremos as Olimpíadas aqui no Brasil.

Uribe, quero, de coração, agradecer o compromisso que você assumiu comigo. Eu me encontrei com um delegado importante da Colômbia lá em Copenhague e eu tenho a convicção de que o teu pedido foi acatado por ele e, certamente, com o voto da Colômbia nós tivemos a maior vitória que um país já teve para conquistar as Olimpíadas: 40 votos de diferença. É a maior de toda a história dos Jogos Olímpicos.

A integração regional também passa pela consolidação da América do Sul como uma zona de paz e democracia. Não podemos repetir retrocessos como o de Honduras, onde estamos unidos na condenação ao golpe.



Quero ressaltar o empenho do presidente Uribe em fortalecer a Unasul e fazer dela um foro de construção da confiança. Só por meio do diálogo aberto e transparente encontraremos soluções para os problemas comuns. Vamos fazer dos desafios de hoje as oportunidades de amanhã.

Contamos com a Colômbia no projeto de desenvolvimento do avião de carga da Embraer. Que isso seja um ponto de partida para o lançamento de uma indústria regional de defesa.

Meu caro amigo presidente Uribe,

Esse é o sentido de nosso encontro hoje: insistir na opção pela integração, bilateral e regional. Com a casa em ordem, com economias estáveis, estamos avançados no caminho que nos levará às sociedades prósperas, justas e abertas que almejamos.

Contamos com o empenho de nosso empresariado nessa empreitada.

Uma vez mais, eu quero agradecer ao presidente Uribe. Quero agradecer aos empresários por esta visita. Quero agradecer à Fiesp, Paulo Skaf, sob a tua presidência, por mais essa disposição arrojada. E dizer duas palavras, Uribe, sem tomar muito o seu tempo, porque sei que você também quer voltar rápido para Bogotá.

Eu penso – Paulo Skaf, governador José Serra, presidente Uribe, Miguel Jorge, companheiros empresários e empresárias – que finalmente nós descobrimos que nós existimos. E finalmente nós descobrimos que é plenamente possível estabelecermos com os países da América do Sul uma relação que, algum tempo atrás, nem nós estabelecíamos com eles e nem eles conosco, porque todos nós, como os países colonizados, estávamos sempre achando que os benefícios que nós precisaríamos viriam de fora, dos países ricos.

De repente, nós descobrimos que o potencial na relação comercial Brasil-Colômbia, nós ainda não exploramos 20% dele. Não é possível que um país que tenha o tanto de quilômetros de fronteira seca [como] a Colômbia tem



com o Brasil, sejam os Estados Unidos responsáveis por 45% das exportações colombianas, coisa que o Brasil deveria pelo menos disputar essa hegemonia com os Estados Unidos e importar muito mais da Colômbia.

Mas isso não aconteceu por má fé de ninguém. Isso aconteceu ao longo de quase todo o século XX porque nós aprendemos a nos olhar como adversários.

Espero que nenhum empresário colombiano fique ofendido, nenhum empresário brasileiro, mas historicamente o Brasil era vendido como se fosse o grande inimigo para a economia da Colômbia, para a economia do Peru, para a economia da Venezuela, para a economia da Bolívia. O Brasil era vendido como se fosse o grande adversário econômico, como se fosse um império para os países da América do Sul.

Não só na Colômbia, mas em vários outros países havia quase uma doutrinação a convencer as pessoas de que o Brasil era perigoso: “Olhe, cuidado com os empresários brasileiros, o Brasil é império, cuidado com os militares brasileiros.” Essa coisa foi se formando a interesse daqueles que queriam tirar proveito das relações privilegiadas.

Aqui, do nosso lado, as pessoas diziam: “Para que fazer negócio com a Colômbia, um país pobre, pequeno, não produz nada.” Com a Bolívia, com o Peru... ou seja, havia quase uma doutrinação para que nós nos distanciássemos.

Obviamente que quando o presidente Alfonsín e o presidente Sarney pensaram na criação do Mercosul, nesse processo de integração que depois culminou já no governo Collor, nós demos um passo importante. Depois, achamos que estava fracassando e resolvemos retomar o fortalecimento do Mercosul.

O que aconteceu, de fato? O que aconteceu é que nós começamos a compreender que nós temos uma possibilidade tão extraordinária de fazer negócios na América do Sul, que nós ainda não exploramos o que temos que



explorar. E é um país do tamanho do Brasil, com a economia brasileira, com o potencial tecnológico que tem o Brasil, com as instituições de financiamento que tem o Brasil, é o Brasil que tem que tomar a dianteira para facilitar que aconteçam os negócios.

É o Brasil que tem que financiar parte do desenvolvimento para a integração regional, é o Brasil que tem que ajudar na construção das rodovias, das hidrelétricas, das pontes, das telecomunicações que precisam no continente. Ou o Brasil reconhece que é um país grande, reconhece que é a maior economia deste continente e resolve exercer o seu papel, não de hegemonia, mas o seu papel de fortalecer a parceria e a integração, ou as coisas não acontecem.

Muitas vezes aqui no Brasil, Uribe, nós tratamos um financiamento para um país pobre como se fosse um investimento para um país rico, quando na verdade nós deveríamos estar criando as condições para facilitar esse financiamento. Nós aprendemos isso e estamos fazendo isso, mas é preciso fazer muito e muito mais.

Ora, se os empresários colombianos deixaram de ter medo dos empresários brasileiros, se os empresários brasileiros passaram a olhar o mundo além dos Estados Unidos e da Europa, está colocada, Miguel Jorge, uma situação extraordinária. Você, agora, que tem viajado... Eu tenho... A Presidência tem emprestado o "Sucatão" para o nosso companheiro Miguel Jorge levar empresários para a África, nos lugares mais distintos. Já foram 860 empresários para a África, em vários países. É para a gente descobrir - aqui tem muito árabe, aqui tem muito judeu, aqui tem muito turco - é para a gente descobrir oportunidades de fazer negócios.

Vocês se lembram quando nós fomos a Dubai, a primeira vez? Fizemos uma feira, em que gastamos US\$ 500 mil para fazer aquela feira. As críticas que faziam a nós eram que nós tínhamos gasto US\$ 500 mil para fazer a feira.



Ninguém falou dos 50 milhões que a gente vendeu apenas em uma noite, só falou dos US\$ 500 mil que nós gastamos.

Então, eu penso que o momento da crise econômica, Uribe, é um momento excepcional para a gente repensar as coisas que nós fazíamos e que achávamos que não tínhamos outro caminho.

A crise econômica é para a gente pensar: espera aí, tudo o que eu fiz no século XX foi extraordinariamente bem, chegamos até aqui. Agora, no século XXI eu vou ter que fazer um pouco mais, eu vou ter que, quem sabe, ser um pouco mais arrojado, eu vou ter que procurar novas fronteiras. E se a gente não procurar fronteiras, a gente não vende. Acabou o tempo em que o mundo era totalmente distante, um país do outro, em que a gente ficava esperando as pessoas virem aqui comprar.

Daqui, eu estou vendo o Roger ali sentado. Aliás, está fazendo um investimento de US\$ 380 milhões na Colômbia. E pode até fazer um pouco mais, porque eu ouvi dizer que lá tem muito carvão. Mas até o Roger sabe que não adianta a Vale do Rio Doce achar que é grande e ficar sentado em uma cadeira no Rio de Janeiro, na sede da Vale do Rio Doce, se não for para a rua vender. É preciso disputar cada milímetro. Não existe moleza, Paulo, é preciso disputar cada milímetro.

Eu acho, Uribe, que essa tua vinda aqui a São Paulo, a essa reunião dos empresários, e mais vezes que nós vamos à Colômbia, é uma oportunidade extraordinária. Nós poderíamos ter 10 bilhões, 8 bilhões de fluxo comercial entre os dois países. Nós poderíamos estar fazendo mais investimento na Colômbia, além de um 1,3 bilhão, o BNDES tem dinheiro para isso.

O que eu acho, Uribe, é que nós precisamos construir as propostas, os projetos e, sobretudo, na questão da *seguridad*, o Brasil tem que ter um acordo forte com a Colômbia, porque nós temos uma fronteira muito grande e nós não temos o direito de permitir que o narcotráfico ganhe da instituição chamada Estado, nem o colombiano, nem o Estado brasileiro.



Por isso, eu quero dar os parabéns.

Uribe, eu tenho um ano e dois meses de mandato. Você, se não... Você pode ter mais ... Agosto, terminaria o teu mandato? A toma [tomada] de posse seria em agosto? Então você tem, teoricamente, dez meses. Eu penso, Uribe, independentemente do que vai acontecer depois, da Suprema Corte, esquece... Eu queria...

Vamos dedicar esses dez meses teus e esses dez meses meus para que a gente possa, no mínimo, dobrar o comércio existente hoje entre Brasil e Colômbia. Vamos fazer os acordos que faltam para nós fazermos. Até porque em um momento de crise como este, não é importante que a gente esteja muito dependente de um país, não é prudente.

Portanto, a diversificação das nossas relações comerciais é uma necessidade de sobrevivência. A dependência de um país ou de dois países é muito ruim.

Vejam vocês empresários, o que aconteceu com o Brasil algum tempo atrás. A gente tinha, praticamente, 58% da nossa balança comercial com os Estados Unidos e com a Europa. Nós diversificamos muito e hoje nós temos bem menos. Nós temos... Crescemos muito com a África, crescemos muito com o Oriente Médio, crescemos com a Ásia, mas, sobretudo, crescemos muito na América Latina.

Eu acho que Brasil e Colômbia podem e devem fazer muito mais.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de premiação “As Empresas Mais Admiradas no Brasil – 2009”,  
conferido pela revista CartaCapital**

**São Paulo-SP, 19 de outubro de 2009**

Primeiro, eu quero cumprimentar o meu querido amigo Mino Carta, diretor da CartaCapital, não só, Mino, pelos 15 anos da CartaCapital, mas pelos 15 anos de vida profissional que você tem, dirigindo revistas, criando jornais por este país.

Eu vi muitos empresários jovens que vieram receber o prêmio aqui e, possivelmente, as pessoas não sabem, Mino, que foi você que criou a Quatro Rodas, que foi você que criou a Veja, que foi você que criou a Isto É, que foi você que criou o Jornal da Tarde, e que teve o Miguel Jorge como seu repórter. As pessoas não sabem que você criou o jornal A República, que teve uma duração pequena, mas heróica. E também porque você foi o cara que fez a primeira capa minha na Isto É, em 1978.

Quero cumprimentar meus companheiros ministros,

Quero cumprimentar a Manuela,

Quero cumprimentar os empresários que receberam o prêmio. Está certo que não precisava os Gerdau levarem tudo, acho que levaram uns trinta.

Dizer a você, Mino, aos empresários, aos premiados que o momento que o Brasil vive, primeiro, deve ser um momento de orgulho para todos nós. Acho que não estamos no momento de ficar sabendo quem fez o que, mas é o momento de nós sentirmos orgulho deste país, tantas vezes sendo tratado como se fosse um país de quinta categoria ou uma República menor.

Eu aprendi, na minha relação com os empresários, no tempo das greves do ABC, que não existe possibilidade de um interlocutor respeitar o seu interlocutor, se ele não estiver de cabeça erguida. A condição básica para você



ser respeitado por alguém é você se colocar em pé de igualdade com quem você estiver interagindo. Se você chegar inferiorizado, diminuído, achando que nós somos o Terceiro Mundo, você está dando a primeira demonstração de que não se respeita e, por conseguinte, ninguém vai te respeitar.

Eu acho que nós conseguimos isso. Acho que o trabalho que cada um dos brasileiros fez, do mais humilde ao mais importante brasileiro, o trabalho que os nossos empresários fizeram, certamente a imprensa internacional, lendo a imprensa nacional, tem razões de sobra para falar bem das coisas do Brasil, e nós conseguimos chegar lá. Conseguimos chegar lá e temos o direito de ousar, de dizer que não tem por que sair do degrau a que nós chegamos, para baixo. Nós poderemos sair para cima.

Não é a toa que o Banco Mundial já faz análise dizendo que em 2016, quando as Olimpíadas estiverem sendo realizadas neste país, o Brasil poderá ter o gosto de ser a quinta economia mundial.

E isso é fantástico, porque eu sou de uma geração que viu este país andar para trás. Eu sou de uma geração em que a gente dormia com o anúncio de um programa econômico, achando que tinha ficado rico, e acordava devendo o dobro do que nem devia, porque as pessoas tentavam fazer deste país as suas teses acadêmicas. Como elas não davam certo, o povo terminava ficando

O momento que nós vivemos, eu acho que é resultado da seriedade com que se trabalhou neste país; da seriedade de quem não gastou, quando alguns queriam que a gente gastasse muito; que não fez pirotecnia, quando as pessoas achavam que era preciso fazer pirotecnia; que aumentou a taxa de juros quando era preciso aumentar a taxa de juros; que reduziu, quando era preciso reduzir. E quase como em um passe de mágica, nós hoje podemos dizer ao mundo que somos um país que tem a inflação, não apenas controlada, mas tem um povo que aprendeu como é gostoso não ter inflação de 80% ao mês ou de 40% ao mês.



O movimento sindical, Neto, que não precisa reivindicar 100% ou nada, 83% ou nada, mas que reivindica 1% de aumento real de salário ou 2% de aumento real de salário, como se nós tivéssemos chegado a um patamar de consciência política que há tanto tempo nós tanto almejávamos neste país.

Eu penso que o povo brasileiro, sobretudo a parte mais pobre deste país, está gostando de ter virado consumidor. Estão aqui os economistas, está aqui o meu companheiro Guido – tem uma luz aqui, que se fosse virada para a cara de quem ligou ela, seria tão bom, porque eu não consigo enxergar absolutamente nada. Aí, porque não tem nada pior do que você falar sem ver os interlocutores –, mas aqui está o Luciano Coutinho, está o Guido, está o Belluzzo.

Eu penso que teve duas coisas importantes, que aconteceram. A primeira é que acabou aquele momento de discussão, que entrava até em uma coisa meio histórica, que o Brasil precisava primeiro crescer, para depois distribuir. E a discussão daqueles que diziam que era preciso distribuir, para crescer. Ora, o que aconteceu, de fato, é que o mínimo necessário que você deu para a parte mais pobre do país, você conseguiu criar uma cadeia incomensurável de consumidores, que muitos de nós não sabíamos que existiam. As pesquisas que faziam levantamento de consumidores diziam que toda publicidade feita na televisão para consumidores era apenas para quarenta e poucos por cento da população. Significa que 50%, Mino, não tinham nem o direito de ver a publicidade que era feita na televisão, chamando-os a comprar.

Essa gente aprendeu a entrar em shopping, essa gente aprendeu a entrar em supermercado, essa gente aprendeu a comprar as coisas que todo mundo tinha direito a comprar. É por isso que nas regiões mais pobres do país há um crescimento do consumo, porque as pessoas adquiriram esse direito tão elementar, que poderia ter acontecido tanto tempo atrás.



O grande problema do nosso país é que os grandes defensores do capitalismo não queriam que o povo tivesse acesso ao capital. Então, não existia capitalismo. Não existia crédito, não existia sequer inclusão bancária. Então, o país ficou, ao longo de décadas, atrofiado, sendo governado para um terço ou menos de um terço da população brasileira.

Uma coisa importante que mudou, e mudou para melhor, é aquela briga também, aquela histeria ideológica do papel do Estado: se era máximo, se era mínimo, que o Estado não presta, o que presta é a iniciativa privada; que a empresa pública [privada] é que vai para a frente; o que funciona perfeitamente bem é o sistema financeiro, é fantástico, não erra nunca; e o Estado só atrapalha. Isso morreu.

A crise econômica, agora, fez sucumbir uma coisa que foi criada no Consenso de Washington. É imprescindível que a iniciativa privada seja competente, mas é imprescindível que o Estado exista, porque se ele não existir, não existe possibilidade de se fazer a distribuição de renda que o país tanto precisa.

Essa crise sai deixando uma lição para todos nós. Imaginem vocês se a quantidade de trilhões de dólares que foram encontrados do dia para a noite para salvar os bancos que estavam ganhando dinheiro no chamado “mundo desenvolvido”, que passou vinte anos ditando regras a nós. Eu já não agüentava mais quando desciam três pessoas do FMI para dizer o que a gente tinha que comprar, o que a gente tinha que vender, o que a gente tinha que construir, se a gente não poderia fazer isso, qual era a contabilidade nossa, o que a gente deveria fazer de ajuste fiscal. Era como se nós não tivéssemos governo. E os governantes, não se respeitando, achavam isso bom.

Então, essa crise está permitindo que o Estado volte a ser Estado. Mas esses trilhões e trilhões que foram encontrados subitamente? Eu falo isso, Mino, sem nenhum... Eu não tenho mais razão de ter ranço contra nada, eu não tenho. Nem uma moça que uma vez foi à minha casa, eu era presidente do



Sindicato ainda, e ela trabalhava em uma revista chamada “Latidos e Miados”. Fantástico! Essa moça foi à minha casa fazer uma entrevista e ficou indignada porque encontrou no meu quintal uma cachorrinha dálmata que eu tinha ganho do nosso querido Renato Consorte. Na greve de 79, em um show que a Elis Regina, o Gilberto Gil, o Gonzaguinha fizeram lá na Vera Cruz, o Renato Consorte me prometeu uma cachorrinha policial. Eu fui lá, não tinha policial, e eu peguei uma dálmata. Pois essa moça ficou indignada: como é que um metalúrgico poderia ter uma cachorrinha dálmata! Então, eu não tenho mais motivo para ter ranço, para ter mágoa dessas coisas, porque nós conseguimos superar isso, na prática.

Nós conseguimos dizer para as pessoas que o sistema financeiro internacional não podia continuar sobrevivendo da forma que vinha sobrevivendo, sem gerar uma especulação desenfreada. Nem o José Sergio Gabrielli conseguia explicar para mim por que o petróleo tinha saído de US\$ 30 para US\$ 150 o barril. Nenhum plantador de soja conseguia explicar por que o preço da soja subiu tanto, em apenas três meses. Quando a gente dizia que não existia outra explicação, senão a exploração no mercado futuro do petróleo, da soja e de todas as *commodities*, isso foi desbaratado na crise econômica.

Ah! Quanta gente que me dava lição e estava escondido atrás de derivativos. Quanta gente! Então, essa crise...

Eu vou terminar, Mino. Eu não queria ler para não demorar, mas se eu ficar improvisando aqui...

Essa crise, companheiro, foi uma lição para o Brasil e para o mundo. Hoje eu participo de reunião do G-20, do G-8, do G-14, do G-13, do G-15, do G-5, do G-4, do G-2... Se vocês imaginarem, o que tiver de “G”... Estão lembrados quando eu estive com o Bush e eu falei que era preciso a gente encontrar o ponto “G” das nossas relações? Pois agora, em tudo que é “G” eu estou presente.



O que eu estou percebendo? É que não tem mais ninguém dono da verdade. Todo mundo está querendo aprender, todo mundo está querendo saber onde errou, em que tempo que errou.

E o que é mais motivo de orgulho para nós - meu caro Roger, meu caro Abílio Diniz - é que o Brasil passou a ser referência. De repente, o mundo descobriu que o Brasil tinha um sistema financeiro mais organizado do que o deles. De repente, eles descobriram que o nosso Banco Central controlava mais o sistema financeiro do Brasil do que eles controlavam o deles. De repente, eles descobriram que a nossa política fiscal era infinitamente mais séria do que a deles. E de repente, eles descobriram que a nossa economia era muito mais sólida do que a deles.

Eu penso que se nós aprendermos essa lição que a crise nos trouxe, a gente tem a possibilidade concreta de transformar as teses do Banco Mundial em uma verdade absoluta, deste país começar a descer para o quinto, para o quarto e, com o pré-sal, para mais degraus, lá embaixo. Não temos pretensões imediatas de ser o primeiro ou o segundo. Mas temos condições de estar entre as quatro economias do mundo, sem precisar inventar, fazendo aquilo que é preciso ser feito: cuidar deste país como uma mãe cuida da sua casa, ou seja, distribuindo o pouco que tem para que todo mundo seja tratado em igualdade de condições.

Vocês, empresários, que viajam o mundo... Empresário também tem um problema: empresário tem vergonha de falar bem. Vocês perceberam que empresário...? Às vezes eu faço reunião, todo dia o Guido deve fazer reunião, o Miguel Jorge. Os empresários vão lá e falam maravilhas “porque está maravilhoso, meu setor está bem, está extraordinário.” Aí, quando você vê ele na televisão perguntando [respondendo], ele não consegue expressar aquilo que falou. Vocês sabem – Abílio, você que vive muito em Paris, viajando, com os seus sócios – vocês sabem - quem vive nos Estados Unidos... O Nizan Guanaes estava comigo em Nova Iorque esses dias -, todo mundo sabe que



nunca existiu momento na história deste país em que a gente tenha acumulado a respeitabilidade que nós acumulamos.

Isso é um patrimônio deste país, porque respeito a gente não conquista à toa, não. Ninguém gosta de você porque alguém diz que você é bom. As pessoas começam a te respeitar e a gostar de você porque você faz por merecer. E nós conseguimos isso. Nós, com a cara da Natura, com a cara da Petrobras, com a cara da Vale, com a cara do Extra, do Pão de Açúcar, com a cara do Itaú, com a cara do Gerdau, com a cara de tanta gente, da Nestlé – a brasileira, obviamente -, nós conseguimos mostrar ao mundo que nós aprendemos a ser sérios. A gente não diz que vai pagar e não paga. A gente diz que vai pagar e paga.

Não sei se foi premiada alguma empresa da construção civil. Faça uma pesquisa, Mino. Eu duvido que em algum momento da história deste país esses empresários da construção civil fizeram contrato, fizeram licitação e receberam, do jeito que recebem agora, sem dever favor a ninguém. Este país, nós construímos juntos. E este país pode continuar dando passos extraordinários, porque eu acho que o Brasil se encontrou consigo mesmo.

Eu fui, agora – vou ter que contar isso, para terminar – visitar o canal do São Francisco, o famoso canal que nós chamamos de revitalização do São Francisco. Eu gostaria que, se vocês pudessem, fizessem uma visita. Eu penso que quando o próximo astronauta for para a Lua, ele vai ficar em dúvida se é a Muralha da China ou se é o canal do São Francisco. Quando nós colocarmos água, eles vão perceber que é o canal do São Francisco. O Cid estava lá comigo. O Cid Gomes viu.

Mas eu queria contar uma pequena história para vocês. Nós chegamos à cidade de Floresta. Eu tinha recebido uma carta de uma mulher chamada Eliane. Essa mulher... Eu penso que ela estava separada do marido, porque ela falou tanto dos três filhos e não falou do marido. Eu fiquei com vergonha de perguntar se era mãe solteira, se estava separada, porque essas coisas



íntimas a gente não pergunta. Mas ela falou muito dos filhos dela, falou dela, e não falou do “dito cujo”. Então, eu fiquei quieto.

Mas essa mulher, há um ano e meio, quando começou a obra do São Francisco lá em Floresta, essa mulher tomou R\$ 50 emprestados a um afilhado dela e comprou guaraná em latinha. Mas ela não vendia o guaraná, ela vendia o copo. Então, certamente, com um guaraná ela vendia dois. E essa mulher começou a vender pastel. Em um ano e meio, essa mulher começou a fazer refeição para as pessoas que trabalhavam lá, foi contratada, chegou a fazer 400 refeições por dia. Essa mulher já comprou um carro, já comprou uma moto. E o orgulho com que ela me dizia que ela pagou R\$ 5 mil de Imposto de Renda. Ela falava com orgulho do pagamento do Imposto de Renda! Sabem qual é a coincidência? É que no mesmo dia em que ela falou que pagou R\$ 5 mil de Imposto de Renda, eu tinha recebido a informação de que eu tinha recebido a minha devolução de R\$ 5 mil. Então, a mulher, que um ano e meio atrás não tinha nada, a não ser três filhos, essa mulher passou a ser uma contribuinte para os cofres públicos, Guido, mais do que eu, que sou presidente da República. Eu achei uma história extraordinária. Eu gostaria que vocês, se puderem, tirem umas férias e vão para lá. Vocês já conhecem Miami, já conhecem Nova Iorque, já conhecem Paris. Vão visitar Cabrobó, Floresta, Estância, para vocês se darem conta... É que eu gostaria que vocês se dessem conta do que está acontecendo neste país.

Essas pessoas compram produtos da Natura, essas pessoas estão comendo chocolate da Nestlé, essas pessoas estão abrindo uma continha no Itaú, na Caixa Econômica, no Banco do Brasil, essas pessoas já estão abrindo uma continha no Itaú, na Caixa Econômica, no Banco do Brasil, essas pessoas já estão consumindo a gasolina da Petrobras, essas pessoas já estão comprando as coisas que vocês produzem e que pensam que são consumidas pela classe mais alta do Brasil. Os produtos de vocês estão, aos poucos, chegando aos pobres.



O programa Luz para Todos, quando nós atingimos 2 milhões de casas, sabem o que aconteceu? Um milhão e 780 mil pessoas compraram televisão; 1 milhão e 420 compraram geladeira; e praticamente 598 pessoas compraram aparelho de som. Pessoas que, até então, não tinham geladeira, não tinham som, não tinham máquina de lavar roupa, não tinham nada, porque não tinham luz. Ao apagar o candeeiro, essas pessoas compraram os produtos que vocês fabricam nas indústrias deste país.

Essa é a revolução que está acontecendo neste país. As pessoas que moram no andar de baixo estão subindo alguns degraus ainda muito lentamente, para chegar ao último degrau. E quando elas chegarem ao último degrau, possivelmente, quem está no andar de cima faça mais um andar. Mas, aos poucos, elas vão chegar lá também. E quem sabe, nós, em vez de construirmos um país de uma Torre Eiffel, teremos as pessoas subindo tantos degraus, que nós viraremos a quinta economia mundial mais cedo do que a gente está pensando, é só a gente querer.

O Obama disse “Nós podemos”... Você viu a quantidade de investimentos que o Roger anunciou hoje, a quantidade da Petrobras. Se isso não for só no papel, nós estamos bem na fita, nós estamos bem na fita porque, olhe...

Hoje eu recebi só gente para anunciar investimentos. Eu recebi a Odebrecht, que me anunciou tanto investimento, que se for isso, vai construir mais umas dez Brasília. O Roger vai gastar o que a Vale nunca ganhou. A Petrobras está com... Vocês viram como o José Sérgio Gabrielli fala com facilidade em bilhões de dólares?

Então, se tudo isso acontecer como eu estou pensando que vai acontecer, eu penso que nós atingimos o patamar de país e de respeitabilidade que nós brigamos muito tempo.

E a gente deve isso, Mino, a homens como você. Não precisava falar mal de gente aqui, não é, Mino? Não precisava. Em festa, a gente fala só bem.



Mas eu acho que pessoas como você, Mino, que mantêm uma retidão de comportamento, que mantêm os princípios, embora tenha pluralidade na tua Revista, são pessoas que fazem com que a gente diga: Valeu a pena acreditar na democracia deste país. E vale a pena a gente fortalecê-la, porque somente com muita democracia é que a gente vai poder comemorar muitos outros aniversários da CartaCapital, porque se não tivesse democracia, certamente, ela seria uma revista proibida.

Um abraço, e parabéns a todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de posse do ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Samuel Pinheiro Guimarães**

**Palácio Itamaraty, 20 de outubro de 2009**

Meu querido companheiro vice-presidente da República, José Alencar,

Meu companheiro presidente do Senado Federal, José Sarney,

Meu companheiro embaixador Samuel Pinheiro Guimarães Neto, ministro de Estado chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos, e sua senhora Maria Maia,

Embaixador Celso Amorim, na pessoa de quem cumprimento todos os companheiros ministros aqui presentes,

Meu caro e querido companheiro Daniel Vargas, que foi ministro interino até este momento, e foi secretário-executivo do então ministro Gabeira [Mangabeira],

Bem, primeiro meus agradecimentos a você, Daniel. O Gabeira [Mangabeira] não está aqui. Está, certamente, em Chicago, porque ele voltou para a universidade, senão ele perderia a titularidade dele na escola. Mas eu quero fazer agradecimento aqui.

Primeiro, no dia em que o companheiro José Alencar e a direção do PRB entraram no meu gabinete para que a gente aprovasse o nome do companheiro Gabeira [Mangabeira] para ministro, foi um dia muito importante e eu pude discutir com o ministro Gabeira [Mangabeira], Samuel e companheiros... Mangabeira. Eu resolvi discutir que era importante que nós tivéssemos alguém pensando o Brasil um pouco mais para a frente do que o mandato de um presidente permite pensar.



Eu dizia que nós, em 2022, exatamente no dia 7 de setembro de 2022, nós iremos completar 200 anos de Independência. E eu queria, na verdade, que fosse trabalhado, com muita inteligência e com muita utilização da inteligência brasileira, das universidades, um esboço daquilo que a gente queria construir para quando nós completássemos 200 anos de Independência. E o Mangabeira saiu a campo trabalhando.

É preciso reconhecer, publicamente, que o companheiro Mangabeira produziu infinitamente mais do que o tempo permitiria que um ser normal produzisse em tão pouco tempo. A colaboração do Mangabeira, junto com o ministro Jobim, na produção do Plano Estratégico de Defesa foi uma coisa extraordinária.

Depois, nós já temos propostas semielaboradas sobre várias coisas que nós precisamos para o Brasil. Portanto, além das coisas que você vai criar, Samuel, tem coisas já semielaboradas que podem ser aperfeiçoadas para que a gente comece a colocar em prática essas coisas.

E quero agradecer ao Daniel, porque o Daniel assumiu a interinidade e manteve a mesma preocupação de trabalhar que tinha o ministro Mangabeira. Visitou todos os ministros, conversou com todos os ministros, à procura de continuar com a mesma intensidade e com a mesma, eu diria, quase obsessão de apresentar uma proposta para construir o país do futuro que nós precisamos.

Quando foi há poucas semanas, o mesmo PRB e o mesmo José Alencar me procuraram dizendo que, na medida em que o companheiro Mangabeira tinha deixado o governo, eles então queriam indicar uma outra pessoa para o Ministério e me indicaram o companheiro Samuel Pinheiro Guimarães.

Possivelmente, os estilos sejam diferentes – eu estou com um mosquito aqui no meu olho; se tivesse alguém com uma lata daquele produto que mata mosquito poderia vir jogar aqui, senão ele vai... - possivelmente os estilos sejam diferentes. A causa é a mesma, o país é o mesmo e as principais



preocupações já foram teorizadas também pelo companheiro Samuel Pinheiro Guimarães.

Eu penso, companheiro Mangabeira [Samuel], que o Brasil historicamente padeceu de um erro, que é ser pensado apenas de quatro em quatro anos. E um país pensado de quatro em quatro anos não pode dar muito certo porque, como troca o Presidente de quatro em quatro anos, se cada um que entrar tiver uma forma diferente de enxergar o Brasil, a forma de governança será um tipo de sanfona: vai e volta, vai e volta, sem que a gente consiga colher o resultado concreto de um programa de longo prazo no nosso país.

No primeiro mandato que eu tive como presidente da República, havia uma certa angústia das pessoas, que diziam assim para mim: “Lula, quando você deixar a Presidência, qual é a marca que você quer deixar?” Essa era uma pergunta que faziam jornalistas, que faziam companheiros meus de vários partidos políticos, que faziam alguns intelectuais. E a gente, na verdade, estava tão metido na sobrevivência cotidiana do exercício do mandato, que a gente não tem tempo de pensar mesmo em longo prazo. Ou seja, quando você começava a pensar em longo prazo, entrava um ministro dizendo que o Paulo Bernardo tinha contingenciado o orçamento dele. E quando o orçamento é contingenciado, não tem nem médio e nem longo prazo, é tudo no curto prazo, é tudo no curto prazo. E é engraçado que o contingenciamento era avisado em uma reunião ministerial, mas, ao terminar a reunião, o Paulo Bernardo era o culpado de tudo e eu era o cara que tinha o poder de fazer o Paulo Bernardo liberar dinheiro. Graças a Deus, Paulo, sobrevivemos.

Ora, as coisas começaram a mudar quando em 2006, antes das eleições, nós pensamos em construir o PAC. Os militares já tinham trabalhado com os planos decenais, em alguns momentos, que deram resultados.

Quando nós pensamos o PAC, Samuel, nós íamos lançá-lo antes da campanha eleitoral. Foi um amigo nosso, seu e meu, que me propôs que não



era prudente a gente lançar o PAC antes das eleições, porque a gente iria transformá-lo em uma peça eminentemente eleitoral e, portanto, ele poderia perder credibilidade. O que me confortou é que esse amigo me disse: “Olhe, Lula, você vai ganhar as eleições sem o PAC.” Então, me deu força, não precisei virar super-homem, mas aquilo me deu uma força muito grande. E eu deixei o PAC para lançar em janeiro de 2007.

Eu poderia avocar aqui os ministros presentes. O PAC, depois de elaborado, deu muito mais consistência à atuação do governo. Por quê? Porque cada um sabia o que tinha que fazer do dia 22 de janeiro ao dia 31 de dezembro de 2010. Cada um já tinha a sua previsão de gastos, cada um já tinha as suas prioridades e, portanto, era apenas fazer a coisa acontecer.

E posso dizer aqui, Samuel, que todos os programas feitos pelos Ministérios, a partir de 2006, foram infinitamente superiores a tudo que tinha sido feito até 2006. Por quê? Porque os ministros tinham aprendido.

Então, houve essa correção. Nós, agora, vamos ter que trabalhar com uma espécie de PAC 2011-2015. E vamos ter que trabalhar porque nós temos a Copa do Mundo em 2014, nós temos as Olimpíadas em 2016, nós temos a Copa das Confederações em 2013, nós temos os Jogos Militares em 2011, e a Copa da Confederação que nós tínhamos, nós passamos... A Copa das Américas, que era em 2015... Imaginem, 2011, os Jogos Militares; 2013, Copa das Confederações; 2014, Copa do Mundo; 2015, Copa das Américas; 2016, Olimpíadas. Ninguém aguenta assim, é muito esporte em um período de quatro anos.

Mas, de qualquer forma, essas decisões vão ter que exigir do governo, ainda em 2010, preparar toda a estrutura que a infraestrutura necessita para que a gente possa fazer essas coisas acontecerem no nosso país.

Então, no mínimo, a gente tem que trabalhar já [a partir] de agora até 2016. Ora, de 2016 para 2022, faltam apenas seis anos. Se você está



trabalhando de 2010 a 2016, nada mais justo do que ampliar a cabeça e a gente fazer até 2022.

E aí é pensar concretamente as coisas que nós precisamos fazer para tornar o Brasil moderno, tornar o Brasil avançado, sem aquela concepção atrasada de que o Estado não tem um papel a cumprir no País.

Se tem uma coisa extraordinária que essa crise econômica permitiu que aqueles que têm olhos, mas que não queriam enxergar enxergassem, é que não é possível um país sobreviver se o Estado for débil e for fraco e o mercado for forte, não é possível. Porque tem coisas que o mercado não sabe fazer e tem coisas que o mercado não quer fazer. Portanto, essas coisas somente o Estado é que pode fazer.

Então, nós, companheiro Samuel, vamos ter que deixar como legado para quem vier depois de nós pelo menos o desenho, o esboço, a matriz daquilo que nós queremos para as nossas crianças, para a tua netinha, que eu vi agora há pouco. Em 2022, ela deverá estar com, no mínimo, 13 anos, 13, 14 anos. Já vai estar na rua fazendo passeata, fazendo greve, chamando os governantes de pelegos, de ditadores, de antidemocráticos, pode ficar certo. Eu espero que você esteja com uns 90, vivinho, para poder ver ela fazer as passeatas, sem chupeta, sem aquele “negocinho” na mão, mas com uma bandeira, querendo universidade pública e gratuita.

Bem, o dado concreto é que este país, Samuel, tem que ser pensado, ele tem que... não é tarefa fácil, mas ele tem que ser pensado. Nós já temos um acúmulo de trabalho muito grande, nós agora estávamos discutindo ali um pouco da educação.

O ProUni colocou, em quatro anos ou cinco anos, quase a mesma quantidade de estudantes que as universidades federais brasileiras, todas juntas, colocaram desde o tempo em que elas existem. Ou seja, se continuar nesse ritmo a gente vai, com um programa desse, criar, em pouco tempo, o



que todas as universidades federais fizeram ao longo de um século. Eu acho que isso é pensar o futuro.

Na área da Defesa, você não precisa pensar mais porque já foi pensado, e todo o projeto da área da Defesa é até 2020. Portanto, nós temos oito ou nove anos pela frente ou dez anos para trabalhar.

Mas a questão da Amazônia, a questão da Amazônia não está bem pensada e bem elaborada. Nós não firmamos ainda uma... a palavra correta é uma doutrina sobre a utilização da Amazônia. Nós temos paixões pela Amazônia, cada um do seu jeito. Tem gente que tem paixão e acha que uma motosserra resolve tudo. Tem outros que têm paixão e acham que tem que virar um santuário da humanidade: não pode mexer. E tem aqueles que têm... que são razoáveis, que acham que é possível extrair da Amazônia, sem estragar a nossa floresta e sem derrubá-la, explorar a forma correta de tirar o sustento de milhões de famílias que moram na região e, ao mesmo tempo, quem sabe, extrair dali uma riqueza que ainda não foi explorada, que é a nossa biodiversidade.

Isso é preciso pensar, já tem esboço disso também, já tem muita conversa com governadores de estados, nós já fizemos conversas imensas com governadores de todos os estados amazônicos. Estamos nos preparando agora para Copenhague, em 2010. E vamos continuar trabalhando, porque é, possivelmente... A Amazônia e o pré-sal são duas coisas extraordinárias com que nós temos que nos preocupar com muito carinho, porque podem ser a redenção deste país, além do nosso povo, que é a coisa mais importante que nós temos.

Então, Samuel, eu gostaria que você desse ao Ministério a mesma dedicação que você deu à tua vida diplomática. Eu gostaria que você colocasse o teu tempo, a tua inteligência, para que a gente pudesse deixar, quando sairmos do governo, alguma coisa mais consistente para aqueles que virão depois de nós.



Não é que os que virão depois de nós irão utilizar aquilo que nós fizemos. Mas eles poderão extrair daí o chamado elixir, ou seja, as coisas melhores que tem, para poder transformar este país em uma nação que, segundo o Banco Mundial, em 2016 poderá ser a quinta economia do mundo. Se duvidarem, a gente pode ser a quarta. E não duvidem muito, porque nós não sabemos ainda a quantidade de petróleo do pré-sal, nós não sabemos ainda a riqueza total da biodiversidade da Amazônia, nós ainda não exploramos as coisas que nós temos que explorar.

A integração da América Latina ainda é muito incipiente, nós ainda não estabelecemos as trocas na área de ciência e tecnologia, nanotecnologia, comércio, estrada, comunicação, que nós temos que fazer. Por enquanto, nós estamos em uma fase de admirar o que foi feito na Europa. E nós, agora, é que começamos a fazer.

Só para você ter ideia, Samuel, a primeira ponte entre Brasil e Peru fomos nós que inauguramos, no nosso governo; a primeira ponte entre Brasil e Bolívia fomos nós que inauguramos. Estamos há quantos anos para fazer a segunda ponte com o Paraguai, e a gente não consegue fazer? A segunda, Sarney. E a gente não consegue fazer. Estamos há mais de dez anos trabalhando nisso, o Paraguai trabalha com essa possibilidade há 20 anos, e ela não sai.

Então, além de tudo isso, Samuel, era preciso pensar um pouco na... Um pouco... que é uma coisa que hoje, como governo, eu sei, um pouco na estrutura do Estado brasileiro. Era preciso que a gente pensasse como a gente modernizar o aparelho de Estado e o funcionamento da máquina do Estado. Porque nós fomos criando uma quantidade de teia de aranha, uma quantidade de embaraços, que nós mesmos, hoje, que governamos, sentimos dificuldades. Possivelmente, Salomão, porque quando a gente era oposição, a gente propunha tudo para atrapalhar quem estava governando a governar. Porque é sempre assim, a oposição está sempre desconfiando de quem está



governando. Na Constituinte foi o auge da força que o movimento social teve neste país, foi o momento mais participativo de todo o Congresso Nacional. E nós, embora tivéssemos o “Centrão”, nós conseguimos juntar uma maioria que aprovou grande parte das coisas que estão aí, muitas maravilhosas, mas muitas, hoje, eu percebo a dificuldade de você gerenciar uma cidade, um estado e o País.

Então, Samuel, você percebe que a tarefa não é pequena. Eu não sei se você vai ter tempo de escrever os “550 [500] anos de *periferia*”, como diz o Chávez. Não sei. Porque, dentre outras coisas, ele é guru do Chávez. Chávez, antes de cumprimentar, pergunta: “Cadê os 500 anos de *periferia*? Cadê meu amigo Samuel Pinheiro?”

Então, Samuel, eu só posso te desejar, meu querido, toda a sorte do mundo. Quero que você saiba que eu tenho a convicção de que você tem competência, inteligência e capacidade de trabalho para fazer esse serviço. Vai depender, agora, de você montar a equipe e começar a trabalhar.

No mais, eu espero que... Você vai ter um gabinete melhor do que o meu, porque o Gabeira... o Mangabeira, antes de sair, o Mangabeira falou: “Ô Presidente, o senhor deveria era mudar para o meu gabinete. É muito maior que o seu, no Palácio do Planalto, é muito...” É melhor, não é, Jobim? Então, você vai ter um gabinete melhor do que o meu. Eu só espero que você produza muito mais do que eu, porque a geração de 2022 vai ganhar muito mais do que a geração atual está ganhando.

Parabéns e boa sorte, companheiro Samuel.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento  
(PAC) Cidades Históricas – Patrimônio, Desenvolvimento e Cidadania**

**Ouro Preto-MG, 21 de outubro de 2009**

Meu querido companheiro, governador do estado de Minas Gerais,  
Aécio Neves,

Meu caro prefeito Angelo, de Ouro Preto,

Companheiros prefeitos aqui presentes,

Vice-governadores,

Companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, em nome de  
quem eu quero cumprimentar todos os ministros que estão aqui presentes,

Deputados federais,

Deputados estaduais,

Secretários municipais,

Secretários estaduais,

Vereadores,

Estudantes,

Homens e mulheres de Ouro Preto,

Quando deu aquele trovão grande, eu me benzi porque nós estamos  
muito preocupados com a chuva, porque senão a gente não pode voltar a  
tempo de cumprir os compromissos em Belo Horizonte. E o nosso comandante  
da Aeronáutica, que está aí coordenando, disse que com chuva a gente não  
conseguiria voltar de helicóptero.

Por isso, o Aécio foi muito curto na sua fala e eu vou ser também muito  
curto aqui, para dizer o seguinte: Meus companheiros e companheiras, nós  
poderíamos ter feito este ato em Brasília, ter arrumado uma cadeira para cada



prefeito sentar, desculpem de estar em pé há tanto tempo, e o povo, porque se fosse lá em Brasília, a gente faria sentado.

Mas, o ministro Juca me convenceu a vir a Ouro Preto, e eu acho que valeu a pena a gente ter vindo a Ouro Preto. Não é em qualquer lugar do Brasil que em uma pequena praça, que tem como guardião o nosso Tiradentes, que a gente pode ver essa beleza da arquitetura do tempo em que o País era colônia.

Está certo que tudo isso aqui, Aécio, foi construído enquanto o nosso ouro era mandado para a Coroa portuguesa que, imediatamente, o passava para a Inglaterra, por conta do pagamento da dívida da Coroa portuguesa. Mas, por conta disso, este homem se levantou e criou o movimento que o levou ao enforcamento. A verdade é que quando a causa é nobre, e a causa é justa, não adianta esquartejar, salgar e pendurar, porque as ideias estão pairando no ar, na cabeça de todo mundo, e ela não pôde ser queimada. Portanto, continua viva, muito viva a luta que Tiradentes fez neste país.

A segunda coisa é que recuperar o patrimônio histórico de um país é a gente preservar a história daquele país. Teve um tempo que nós ficávamos indignados, que não havia quase nenhuma recuperação do patrimônio histórico brasileiro, e setores importantes da sociedade brasileira viajavam para a Europa para ver o grande patrimônio histórico europeu. E as pessoas não se davam conta que para manter aquele patrimônio histórico, aqueles castelos maravilhosos, aquilo implicava em decisão política de governo e política econômica, porque isso aqui exige investimento. E o Ministro da Fazenda, o Ministro do Planejamento e todos os outros ministros têm que entender que investir nisso aqui é gerar riqueza para o País, gerar emprego para o País, gerar turismo para o nosso país.

Por isso, eu quero dar os parabéns à companheira Dilma, quando encontrou um jeito... quando a companheira Dilma encontrou um jeito de colocar a reivindicação do companheiro Juca no PAC.

Pois bem, eu vou, aqui, falar três coisas para vocês. O PAC das Cidades



Históricas é a maior ação conjunta pela revitalização e recuperação das cidades históricas já implantada no nosso país. A iniciativa abrangerá 173 cidades, localizadas em todos os estados brasileiros, com investimento de R\$ 890 milhões até 2012, dos quais 140 milhões serão investidos ainda este ano.

Não se trata apenas de recuperar monumentos, o que já seria uma ação da maior importância, mas também de investir no desenvolvimento urbano, econômico e social de cada município, e na melhoria da qualidade de vida da população.

Prestem atenção no que o Programa prevê. O Programa prevê as seguintes ações: requalificação urbanística; recuperação de espaços públicos; sinalização; iluminação; instalação de internet banda larga sem fio, para as pessoas poderem viajar mais rápido; infraestrutura urbana e social; financiamento para a recuperação de imóveis privados; ampliação da linha de financiamento existente e aplicada pelo Programa Monumenta; recuperação de monumentos e imóveis públicos, para a instalação de universidades, escolas, bibliotecas, museus, centros culturais, dentre outros. Mais importante ainda: fomento às cadeias produtivas locais. Apoio à estruturação de atividades produtivas, com ênfase para as atividades tradicionais. Promoção nacional e internacional para o turismo cultural.

Pois bem, não adianta nada você recuperar, se você não fizer disso um processo de visitação do País e do mundo, para que isso gere renda, gere empregos e gere possibilidade de a gente manter outras cidades.

A ideia deste programa é recuperar o que for possível recuperar, mas, sobretudo, fomentar o crescimento da economia deste país com a prática do turismo, com a geração de empregos e com a possibilidade de a gente transformar cada lugar desses em um centro de pequenos empreendedores, para que a economia sobreviva sozinha.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero agradecer o carinho de vocês, o carinho, e dizer aos estudantes que aquilo que o Aécio falou é a



mais pura verdade: o Ministro da Educação fez uma reunião com o representante do DCE aqui, e nós assumimos o compromisso de o governo federal, o governo estadual, através da Cohab, o Ministério da Educação... A gente sabe que, por conta do Reuni, cresceu o número dos estudantes aqui, portanto, aumentou o preço dos imóveis aqui. Então, nós queremos ajudar não só aos estudantes morarem melhor e mais barato, mas ao povo de Ouro Preto a viver também dignamente, sem a especulação imobiliária.

Um abraço e até outro dia, quando voltarmos a Ouro Preto.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento do Projeto BH Digital**

**Belo Horizonte-MG, 21 de outubro de 2009**

Bem, primeiro, companheiros e companheiras de Belo Horizonte, de Minas Gerais, dizer para vocês da alegria e da satisfação de retornar a esta extraordinária cidade.

Eu não sei se as obras do governo federal com a Prefeitura não estão ficando prontas, Márcio, mas no tempo do Pimentel eu vim inaugurar muitas obras e já faz... Esses dias, Márcio, eu pedi para o César Alvarez fazer o levantamento das obras que nós estamos [fazendo] em parceria com o governo federal [estadual], para a gente não perder o pé em Belo Horizonte, porque senão a gente vai muito ao Rio, muito a Pernambuco, muito a Salvador, muito a São Paulo, e não podemos deixar Belo Horizonte para trás. Então, é preciso fazer essa afinação de viola.

Eu queria começar cumprimentando o nosso querido Prefeito, gostaria de cumprimentar o nosso querido Márcio Lacerda.

O nosso querido ex-prefeito Pimentel.

Cumprimentar o ex-prefeito antes do ministro Patrus. Não tem nenhum outro ex-prefeito aqui não, não é? Então, chega.

Quero cumprimentar a minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil.

O Dulci, que vocês conhecem.

O Marcio Fortes, das Cidades.

O nosso querido companheiro Hélio Costa.

O Fernando Haddad, da Educação.

O companheiro Walfrido, ex-ministro do Turismo e também da Coordenação Política.



Os deputados Carlos Willian, Elismar Prado, Miguel Corrêa, Virgílio Guimarães.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidenta da Caixa Econômica Federal, que está feliz porque me parece que acabou a greve da Caixa Econômica Federal. Os trabalhadores estão felizes porque receberam grande parte daquilo que queriam, e ela está feliz porque conseguiu atender grande parte daquilo que os companheiros desejavam.

Quero cumprimentar a nossa querida vereadora Luzia Maria Ferreira, presidenta da Câmara Municipal de Belo Horizonte, por intermédio de quem eu quero cumprimentar todos os companheiros vereadores, que estão aqui presentes,

Mas também cumprimentar os empresários, Carlos Eduardo Dan Alves, da construtora Tenda,

O Ricardo Valadares Gontijo, da Construtora Direcional,

O Rafael Rocha Lafetá, da Construtora Asa Incorporadora,

E Paulo de Moura Ramos, diretor-presidente da Prodabel,

Alisson Sander Alves, representante dos beneficiários, esse menino simpático que falou aqui agora, de camisa vermelha, sentado ali atrás.

E cumprimentar os companheiros deputados estaduais,

Cumprimentar a imprensa e dizer para vocês...

Ah, e cumprimentar os prefeitos que estão aqui. Onde é que estão os prefeitos aqui? Aqui. Desculpa aí. Você sabe que quando a gente está sem assunto para falar, a gente fala muito na nominata, porque ela ajuda bastante.

Mas, na verdade, eu tinha dito no avião que este era um ato em que eu não precisaria falar porque nós íamos ter os companheiros ministros Marcio e Dilma falando do programa Minha Casa, Minha Vida, a assinatura do contrato, e íamos ter o companheiro Hélio Costa falando da Cidade Digital. Então, eu não precisaria falar porque amanhã, de manhã, nós vamos dar uma entrevista



para uma rádio aqui, acho que a Rádio Globo, se não me falha a memória, aqui de... Vamos dar lá, acho que lá em Uberlândia. Depois nós vamos inaugurar uns trevos lá da BR não sei das quantas, lá em Uberlândia.

Depois, quem vai a Uberlândia não pode deixar de ir a Uberaba, porque vai ter problema. Vou ter que ir a Uberaba, nós vamos lançar a pedra fundamental do campus da Universidade Federal de Uberaba, que vai ser a Universidade do Triângulo Mineiro.

Antes, nós vamos a Governador Valadares inaugurar uma hidrelétrica. E, às sete horas da noite, se estivermos todos vivos, voltamos para Brasília. Só os ministros mineiros que, certamente, ficarão aqui, em Minas Gerais... Mas trabalhar aqui também, não é, Patrus? Não é para descansar.

Bem, mas eu vou dizer umas poucas palavras para vocês. Aproveitar e ver se a televisão, que está antes das 8 aí, se a televisão coloca tudo o que nós estamos fazendo aqui no jornal, porque o que é mais triste é quando a gente fala, fala, fala e não sai nada. Ou quando a gente fala, fala, fala, fala e quando sai, sai contra aquilo que a gente falou. Mas, eu aprendi, eu aprendi que água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. E haverá, haverá um dia em que todos os problemas estarão resolvidos e nós iremos ver o noticiário das coisas que nós fazemos.

É verdade, os ministros se queixam às vezes, os ministros viajam pelo Brasil afora, e nunca viajaram tanto quanto viajam hoje. E não viajam porque... não é para fazer turismo não, viajam porque tem trabalho, tem obra, tem realização. Antigamente não tinha, então não precisava viajar, ficava todo mundo lá em Brasília olhando o tempo passar.

Eu acho que nós estamos vivendo um momento especial no Brasil. É um momento muito especial. É como se fôssemos uma família que tivéssemos encontrado harmonia, como se estivessem trabalhando o pai, a mãe; todos os filhos em idade de trabalhar estivessem trabalhando e levando o salário para casa. Todos que têm direito a estudar estivessem estudando.



Eu acho que o Brasil está entrando nessa fase. É certo que ainda falta muito para a gente conquistar essa perfeição de harmonia, de crescimento econômico, de distribuição de renda que nós precisamos. Porque você também não consegue consertar 500 anos de desmazelo em 10 anos, 15 anos ou 8 anos. Você não consegue consertar. Esse é um processo que nós estamos fazendo, que mudou e está mudando o paradigma da governança brasileira.

O Marcio sabe, como o Pimentel soube, que você começar a administrar uma cidade, um estado ou um país que o padrão de administração tenha sido elevado, de bom nível, é muito mais difícil, porque é um esforço imenso para fazer melhor, porque se fizer pior, logo será percebido pelo povo.

E nós estamos elevando o patamar, estamos criando um outro paradigma de governança no Brasil, que quem vier depois vai ter que fazer um esforço incomensurável para fazer mais e para fazer melhor, porque senão será logo percebido pelo povo que alguma coisa não anda bem no nosso país.

E a coisa mais elementar que nós fizemos, que não tem nenhum milagre, é apenas uma decisão política, uma determinação do governo, é criar as condições para que o povo mais humilde do País fosse reconhecido além do eleitor do dia da eleição, que ele fosse tratado como cidadão durante 365 dias por ano.

Daí porque eu não tenho nenhuma preocupação em dizer que ainda não fizemos tudo, mas antes de nós ninguém nunca tinha feito a quantidade de políticas sociais que nós estamos fazendo neste país, nunca.

Eu sei que nós ainda temos uma dívida enorme, que possivelmente tenhamos que ter mais 10, mais 15, ou mais 20 anos de governos comprometidos com a sociedade como um todo, para que a gente possa concluir uma tarefa de elevar os pobres para um padrão de classe média e levar a classe média para um padrão de classe média melhor do que é hoje. É possível. E isso é possível com crescimento econômico, só? Não. Só o crescimento econômico não resolve isso. Isso só vai acontecer se houver uma



combinação entre crescimento econômico e distribuição de renda, crescimento econômico e educação, crescimento econômico e investimento em ciência e tecnologia, crescimento econômico e melhoria da qualidade de saúde, da qualidade de moradia, acesso às pessoas à era digital. Ou seja, se não acontecer um conjunto de obras, todas elas concomitantemente, a gente vai ter as mesmas deficiências que nós tivemos no passado. Em momentos em que a economia do Brasil cresceu muito, mas quando ela parou de crescer o resultado é que tinha crescido a pobreza, porque alguns poucos ficaram muito ricos e alguns muitos ficaram muito pobres.

Nós, então, queremos criar um outro paradigma para o nosso país. E a primeira coisa que nós decidimos foi cuidar dos mais pobres. Aí não tem milagre. A minha universidade, aquela que eu cursei, foi o aprendizado que qualquer mãe tem. Uma mãe que tem dois, três, quatro, cinco filhos. Quem tem um só não consegue perceber, porque só tem um problema, quem tem cinco, tem cinco problemas. Ou seja, no caso, eu tenho cinco. Ou seja, uma mãe, ela está sempre preocupada com o lado mais frágil da família. Ela pode ter um filho que seja mais malandro, mas se ela perceber que aquele mais malandro é o mais largado, sabe, ela vai tentar cuidar mais daquele. Se ela tiver um que está com problema de doença, ela vai cuidar mais daquele. É sempre do mais frágil que uma mãe cuida e, muitas vezes, o mais forte, o mais bonito, o mais alto, o que ganha o maior salário fica achando que a mãe está perseguindo ele. Não. É o instinto materno de cuidar sempre de quem necessita mais.

E o papel do Estado, e o papel do Estado não é outro se não, como regulador e como indutor do desenvolvimento, criar as condições para que as pessoas mais pobres subam os degraus para conquistar o seu espaço na sociedade brasileira.

É por isso que nós estamos aqui, hoje, anunciando o programa Minha Casa, Minha Vida. É por isso que nós estamos aqui hoje lançando o programa Cidade Digital.



Mais ou menos em 2004, o Dulci participou dessa discussão, pela Secretária da Presidência da República. Nós chegamos à conclusão que era preciso criar um programa “Computador para Todos”. Porque, até então, computador era uma coisa apenas da parte mais sofisticada da sociedade. E quando eu falo a parte mais sofisticada, eu gostaria de quem é da classe média não pensasse que eu sou contra ele ser da classe média. Na verdade, o que eu quero é que os outros cheguem ao ponto que vocês estão, porque vocês vão chegar um pouco mais para cima e a gente vai transformando a sociedade mais justamente igualitária. Até porque quem é empresário sabe que quanto mais consumidores o Brasil tiver mais a sua empresa vai crescer.

A gente não pode ter, sabe, um país de 30 milhões de habitantes que tem padrão de classe média europeia e, ao mesmo tempo, uma outra parte do país que tem um padrão de terceiro mundo. Não! Se a gente elevar, a gente vai perceber o que aconteceu agora. Por que nós elevamos 20 milhões de brasileiros para a classe média? Porque nós tivemos um conjunto de políticas que permitiu que a parte que era pobre ou muito pobre subisse um degrau. É o suficiente? Não! Ela vai ter que subir mais um degrau, mais dois degraus, mais três degraus. Vocês estão lembrados que quando nós criamos o programa Bolsa Família, alguns diziam, da esquerda e da direita, que era assistencialismo. Alguns diziam: “É esmola, é esmola”.

Ora, eu lembro de um dia que eu morava na Vila Carioca, na Vila Carioca... não sei se aqui alguém conhece São Paulo. Eu morava na frente de um grande armazém do IBC, naquele tempo em que tinha o IBC. E minha mãe... tinha passado o gás, e ela não tinha o dinheiro para comprar o gás. E ela tinha uma moeda, uma única moeda, e mandou eu ir ao Museu do Ipiranga, era mais ou menos ali perto do Museu do Ipiranga, pegar cinco cruzeiros com um tio meu para ela poder comprar o gás, e esse meu tio daria a moeda de volta. E aí eu fiquei areado. Nordeste, quando se perde, diz que areou, a gente desce.. É, um, um... alguém que vem do interior desce aqui em Belo



Horizonte, e depois de dar meia volta, ele não sabe onde está. Então, no Nordeste a gente fala: “areou”. Então, eu fiquei areado, e eu fui à janela do ônibus para saber a rua que eu tinha que descer para ir à casa do meu tio. Não consegui saber, fui até à Praça da Sé, em São Paulo, até à Praça Joel Mendes, dentro do ônibus. Eu tinha mais ou menos 10 anos de idade. E aí eu comecei a ficar agoniado. Primeiro, porque eu não ia trazer o dinheiro para a minha mãe, eram só cinco cruzeiros. Segundo, porque eu não tinha moeda para voltar, e eu fiquei imaginando o que o cobrador ia fazer comigo. E desce todo mundo do ônibus e o cobrador me olha...

Eu estou rindo agora, mas naquele tempo eu comecei a chorar. Eu não sei o que... se ele me largasse lá eu estava perdido, vocês hoje não me teriam como Presidente, mas sabendo que eu teria ficado. Ou seja, eu comecei a chorar e contei a história para o cobrador. Ele falou: “Não, fica aí quietinho, que nós vamos te levar de volta”. Não, mas aí eu não parei de chorar porque a minha preocupação era como é que a minha mãe ia receber a notícia que eu gastei a moeda que ela me deu e não levei os cinco reais de volta. Reais não; cruzeiros ou cruzados, não sei; cruzeiros...

Bem, aí cheguei em casa, minha mãe pensando que ia ter o dinheiro para comprar o gás, e eu falei: ó, mãe, eu me perdi. Eu me dei conta do que valem cinco cruzeiros para quem não tem nada e o que valem cinco cruzeiros para quem tem um milhão. Então, quando as pessoas dizem: “O Bolsa Família é esmola”, para quem pode chegar em um restaurante chique em Belo Horizonte e tomar uísque com seus companheiros e dar R\$ 100 de gorjeta, realmente o Bolsa Família não é nada. Mas para uma mãe que tem três ou quatro filhos ou um filho, ela receber R\$ 100, sobretudo, na parte mais pobre deste país, ela consegue colocar comida para a molecada comer o mês inteiro. Essas coisas são uma espécie de vacina contra a piora. O que nós precisamos é ir construindo várias vacinas contra várias coisas.



Quando eu cheguei ao governo, o salário-mínimo estava US\$ 80. A grande reivindicação da oposição era elevar o salário-mínimo a US\$ 100. E do lado econômico, as pessoas diziam: “Ah, se aumentar o salário-mínimo, vai ter inflação, vai quebrar a Previdência.” Hoje, o salário-mínimo está a US\$ 250 e não há inflação, não quebrou a Previdência, e o povo está comendo melhor e vivendo melhor.

Quando nós decidimos fazer o programa Luz para Todos, eu acho que o Marcio ainda estava no governo federal. Quando nós decidimos fazer o programa Luz para Todos, a Dilma me trouxe uns dados do IBGE, em que nós tínhamos mais ou menos 10 milhões de pessoas, o equivalente a 12 milhões de famílias que não tinham Luz para Todos. Eu falei: vamos fazer um programa Luz para Todos. E prepararam, a Dilma era ministra de Minas e Energia, preparou o programa Luz para Todos. Hoje, nós já atingimos por volta de 10,5 milhões de pessoas. Quando a gente fala Luz para Todos, quem nasceu aqui em Belo Horizonte, já em um apartamento, que só sente o que é a falta de luz quando apaga a luz na época da novela, e por 30 segundos ela desanca o mundo, não tem noção do que é uma pessoa que vive à base do candeeiro, no interior deste país. Não tem noção [do que é] uma criança estudar com um candeeiro, com um pavio fedendo a querosene, enfumaçando a cara dela, e ela não consegue enxergar nem as letras.

Bem, nós atingimos já, agora, Dilma, 2 milhões e 116 mil casas. Significa famílias, significa mais de 10,5 milhões de pessoas já beneficiadas pelo programa Luz para Todos. Mas o que é importante é que a luz é apenas o primeiro passo, a luz é apenas o primeiro passo. Quando chega a luz na casa da pessoa, logo em seguida chega a geladeira, logo em seguida chega a televisão, logo em seguida chega o aparelho de som, logo em seguida chega uma casa de farinha, logo em seguida chega um liquidificador. Ou seja, é uma coisa tão extraordinária, é como disse a Dilma. Eu fui à Bahia, inaugurar o primeiro programa, cheguei lá às sete horas da noite, escuro, no interior da



Bahia, e tinha duas mães solteiras com seis crianças sentadas em uma cadeirinha, em volta de uma lata de refrigerante – que eu não vou dizer o nome – com um pavio queimando. Aí eu cheguei, chamei as duas mulheres, coloquei o dedo das duas na tomada e apertei a tomada. Elas saíram do século XVIII para o século XXI, como se tivessem entrado na máquina do tempo. Ou seja, é um milagre na vida das pessoas.

Bem, a inclusão digital é exatamente isso. Eu falo muito à vontade porque eu sou analfabeto digital. Na minha geração, muita gente é analfabeto digital. Mas eu vejo os meus filhos, em casa, todo mês querem trocar de computador, porque todo mês aparece um mais moderno, aparece um mais veloz, aparece um não sei das quantas... é preciso dizer para as fábricas, Hélio, para fazer um só e parar, porque ninguém aguenta essa renovação. Pois bem, qual é a minha disposição? É que nós precisamos fazer a inclusão digital, garantindo que todo brasileiro, independentemente da origem social. Seja ele dono de um bilhão ou dono de um tostão, ele tenha possibilidade de ter acesso à inclusão digital, com computador, banda larga, para ele poder descobrir oportunidades.

Eu tinha preconceito até ir a Piraí. Eu achava que o computador iria permitir que as pessoas não conversassem entre si, ficasse cada um ali, viajando, cada um mandando *twitter*, cada um mandando não sei das quantas. Eu falei: isso vai criar uma sociedade de pessoas que vão desaprender a falar, vão só ficar no computador. Mentira. Eu fui a Piraí, que foi a primeira cidade a ser totalmente, totalmente, as escolas totalmente digitais, e eu percebi que as crianças não só estudam mais, pesquisam mais, e a evasão escolar, ou seja, a desistência da escola, que era de 26%, caiu para menos de 1%, e agora as crianças querem ir para a escola no domingo, as crianças querem ir para a escola no domingo. E os mais experimentados levam o computador para casa e guardam melhor do que guardam qualquer coisa, não tem um arranhão no computador.



Ora, então por que a gente não vai trabalhar para dar uma chance para que um cidadão que trabalha em um escritório do 15º andar em Belo Horizonte possa ter, no Rio de Janeiro possa ter, e em São Paulo. Mais o companheiro que mora no interior de Minas Gerais possa ter e o companheiro que mora nesses morros de Minas Gerais possa ter acesso a computador. Até porque quanto mais acesso ele tiver à inclusão digital, menos possibilidade ele vai ter de ficar na rua, pensando em fazer o mal. Quem sabe, através da inclusão digital, ele vai descobrir a sua aptidão, quem sabe ele vai descobrir um nicho de oportunidade para ele fazer alguma coisa e, quem sabe, ele vai entrar no caminho que toda família quer que os filhos entrem, de serem pessoas honestas, decentes, trabalhadoras, e constituindo a sua família.

Por isso, meu querido Hélio Costa, Belo Horizonte é a primeira capital a receber esse programa, é a primeira capital. Eu espero, Hélio, que a gente possa, a partir de Belo Horizonte, levar essa ideia para outras capitais, porque quando a gente fala nas capitais, quanto maior for a capital mais gente nós temos excluída, maior é a exclusão digital, porque a periferia das cidades cresceu muito e os pobres vão sendo cada vez mais escoraçados para longe do asfalto. Agora é que nós estamos levando asfalto para os pobres.

Aliás, do helicóptero, eu vi aquelas casas que vamos inaugurar, hoje eu vi, lá em cima, no morro. Quando nós lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida, os empresários estão aqui e eu vou contar essa história para vocês. Eu cheguei para a Dilma Rousseff e falei: Ô Dilma, eu estou a fim de apresentar um plano habitacional, eu queria que você conversasse com o Ministério da Fazenda, com alguns empresários, quantas casas é possível fazer? E ela chamou a Abdib, a Cbic – Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil [Câmara Brasileira da Indústria da Construção]. Eles falaram: “Olha, Ministra, nós podemos fazer 200 mil casas”. Eu falei: 200 mil casas não é um programa, não é um grande programa. Aí, ela foi conversar, o ministro



Guido falou: “500, 500 mil casas”. Ela veio e falou: “O Guido acha que dá para fazer 500”.

Eu falei: Ô Dilma, vamos fazer o seguinte: vamos fazer 1 milhão de casas, vamos propor fazer 1 milhão de casas, sabe por quê? Porque seria [um desafio para] o empresário; seria um desafio para nós do governo criar as condições para fazer 1 milhão de casas; seria um desafio para a Caixa Econômica Federal preparar tudo para fazer 1 milhão de casas; seria um desafio para os prefeitos brasileiros cadastrarem as pessoas que precisam de casa; seria um desafio para os governadores dos estados e seria um desafio para o empresariado brasileiro, um desafio. Porque eu aprendi que quem pensa pequeno é pequeno, quem pensa grande se torna grande e este País, e este País tem que olhar sempre o seu tamanho e tem que olhar sempre as suas necessidades para a gente pensar do tamanho do País e para a gente pensar do tamanho das necessidades para a gente fazer as coisas.

Foi assim que nós ganhamos as Olimpíadas. Vamos ser francos, vamos ser francos, quem é que acreditava que a gente pudesse ganhar as Olimpíadas? Muita gente não acreditava. Arnaldo, no dia em que eu viajei para Copenhague eu vi alguns programas de televisão, eu ouvi alguns comentários de gente duvidando: “O Brasil não está preparado, o Brasil não tem condições, o Brasil tem que... o Brasil tem que investir em educação, em segurança. Porque no Brasil, Arnaldo, tem um tipo de gente tão pessimista e tão azeda, que é aquele cara que vai deitar, ele tira o sapato e dorme. De manhã, ele acorda dizendo: “desgraça, será que esse sapato não está apertado para mim?” É o mesmo sapato que ele tirou! Mas ele é tão pessimista e tão azedo, que se ele suar e beber, é pior do que limão galego. Ou seja, são aquelas pessoas que pensam para baixo.

E nós acreditávamos e apostamos muitas fichas naquilo. Então, quando o Obama chegou lá, eu vi as manchetes dos jornais. “O Obama foi lá por quê? Porque ele tem certeza de que vai ganhar.” E chegou o Obama, chegou o



Japão, chegou a Espanha, com rei e tudo. E nós, só plebeus, mas com uma força de vontade e com uma esperança! Depois que o Brasil fez a apresentação dele, e nós tínhamos visto as outras, eu fiquei convencido de que era humanamente impossível o Brasil não ganhar aquela Olimpíada. Foi a maior votação de um país nas Olimpíadas. É importante lembrar que a Inglaterra ganhou da França por dois votos, é importante lembrar que a China ganhou por dois votos, e é importante lembrar que o Brasil ganhou por 40 votos de diferença.

Ora, eu sei que o Brasil tem que investir em educação, e estamos investindo. Quem é que investiu mais em universidade do que nós? Quem é que investiu mais em escolas técnicas do que nós? Qual é o governo que está disposto a fazer 1.500 creches, como nós estamos fazendo, até 2010? Quem é que criou o ProUni? Quem é que está fazendo o Reuni? Então, nós estamos investindo. Estamos investindo em segurança.

Ora, mas a Olimpíada é uma oportunidade extraordinária, é uma oportunidade para os empresários, é uma oportunidade para o País, é uma oportunidade para os trabalhadores, é uma oportunidade de motivação de jovens brasileiros a virarem atletas, a ganharem medalhas, a praticarem esportes. É uma coisa... Além do que, o País vai ficar quatro anos na mídia internacional. E não é apenas para o Rio de Janeiro, não. O turista que vier para cá, ele vai ficar no Rio, mas ele vai querer conhecer Belo Horizonte, Ouro Preto, vai querer conhecer Pernambuco, Porto Alegre, porque o cara vai aproveitar a passagem dele e vai se espriar pelo Brasil.

Então, é porque eu nunca ganhei nada de graça. Tudo, tudo tem que ter desafio para a gente enfrentar. Eu sou um homem tocado a desafios, eu sou um homem tocado a desafios. E eu sou um homem que tenho consciência de que qualquer outro presidente da República, se não fizesse nada, ninguém cobrava, porque são tudo da mesma laia. Agora, quando chega um metalúrgico na Presidência da República, se ele não dá certo, colocam uma cangalha no



pescoço dele e a classe trabalhadora nunca mais iria eleger um presidente da República.

E agora desgraçou tudo, porque agora os homens estão ficando nervosos porque nós estamos inaugurando obras. É a primeira vez na vida que eu vejo alguém ficar nervoso porque a gente inaugura obra. Eu, quando fazia oposição, ficava nervoso porque não tinha obra, não tinha escola, não tinha estrada, não tinha ponte, não tinha nada. O Estado não existia. Agora, que nós começamos a visitar para inaugurar obras, estão ficando nervosos. Eu só peço calma, calma, que nós ainda nem começamos a inaugurar o que nós temos que inaugurar neste país. Tem muita coisa para acontecer e tem muita coisa que nós vamos fazer ainda, para a frente.

Aguardem, aguardem, porque nós aprendemos a fazer as coisas neste país, e este país nunca mais voltará a ser o país pensado da forma pequena que eles pensavam este país. Este país nunca mais será tratado como um país de Terceiro Mundo, nunca mais. Este país é grande.

E, humildemente, eu aprendi, meu caro Patrus, no movimento sindical, na primeira reunião que eu fui, na minha vida, com empresários, colocaram uma cadeira mais alta para os empresários e uma mais baixa para mim. Ou seja, quando você está em uma posição abaixo, você começa a negociar inferiorizado, ou seja, você já está perdendo o jogo. Então, eu falei: Não, vamos colocar a cadeira igual para a gente se olhar olho no olho. É assim que dois homens, que duas mulheres, que dois chefes de Estado têm que se entender.

Então, as pessoas diziam: “Mas esse Lula, ele não inglês, ele não fala espanhol, ele não fala não sei das quantas, não vai conseguir governar”. Eu confesso a vocês que eu gostaria de falar todas as línguas que tem no mundo, mas eu tenho que saber o seguinte: muito mais do que falar as línguas, eu tenho que falar é o sentimento do meu povo, é a alma desse povo que nós temos que priorizar.



E quero, quero dizer para vocês, quero dizer para vocês: há muito tempo este País não tinha o respeito, no mundo, que ele tem hoje, há muito tempo. Aliás, eu não sei se já teve, eu não sei se já teve. Apenas por uma coisa, eu sou um homem que aprendi a respeitar, não falto com o respeito a ninguém, e por dar respeito aos outros, eu exijo que me respeitem e não ando de cabeça baixa.

Por isso, por isso este País está acontecendo, nós estamos com mais autoestima, mais orgulho de ser brasileiros, mais orgulho de ser brasileiros. Antigamente, as pessoas tinham vergonha. As pessoas chegavam em New York: “De onde você é?” “Acho que eu sou lá de Buenos Aires.” Não, agora não, agora falam: “Eu sou brasileira com muito orgulho e não desisto nunca, e vamos fazer muito mais”.

Por isso, companheiros, parabéns a todos vocês. Hélio Costa, parabéns pelo Programa Cidade Digital. Como Belo Horizonte é uma das primeiras cidades planejadas deste País, é justo que ela seja a primeira cidade, a primeira capital digital deste País. Mas não esqueça da minha Garanhuns, da minha Caetés, do meu Pernambuco, da minha Bahia, do meu Maranhão, do meu São Paulo, porque todos precisam ser tratados em igualdade de condições.

Um abraço. Parabéns a Belo Horizonte e a Minas Gerais.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante anúncio da obrigatoriedade de mistura de 5% de biodiesel ao diesel de petróleo**

**Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 23 de outubro de 2009**

Eu quero cumprimentar a nossa querida companheira Dilma Rousseff,

O nosso querido companheiro Lobão,

O nosso querido companheiro Guilherme Cassel,

Quero cumprimentar o nosso querido Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

O nosso Luiz Antonio Elias, nosso companheiro, secretário-executivo da Ciência e Tecnologia,

Nosso querido companheiro José Lima, presidente da BR Distribuidora,

Miguel Rossetto, presidente da Petrobras Biocombustível,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora de Gás,

Quero cumprimentar o Odacir Klein, que falou aqui em nome dos empresários, em nome da Ubrabio,

Quero cumprimentar o Schneider aqui, representante da indústria automobilística,

E quero, Lobão, Odacir Klein – quando a gente era deputado – “quero pedir, senhor presidente, que os meus discursos sejam dados como lidos e publicados nos anais desta Casa”, porque está muito longo e muito repetitivo, então não tem sentido.

Apenas dizer para vocês duas coisas. Nesta semana eu tive uma conversa com o Presidente do BNDES e ele me trazia um número que me causou muito impacto. Em 2004, o BNDES, com toda a pujança que tinha, contratou financiamento de 40 bilhões de dólares... de reais. Este ano o



BNDES vai terminar o ano contratando R\$ 157 bilhões, ou seja, praticamente, de 2004 a 2009, quatro vezes mais de financiamento para o desenvolvimento do País.

Agora há pouco eu acabei de conversar com o Presidente do Banco do Brasil e vejam uma coisa: o Banco do Brasil, hoje, em 2009, terminará o ano – somente o Banco do Brasil – disponibilizando a mesma quantidade de crédito que o Brasil inteiro tinha em 2003. Ou seja, somente o Banco do Brasil, em 2009, irá disponibilizar todo o crédito que a gente tinha disponibilizado no Brasil em 2010 [2003].

A Caixa Econômica vive o melhor momento histórico dela, do ponto de vista de financiamento, do ponto de vista de investimento, de contratação, de habitação, de saneamento básico.

E agora eu estou aqui em um ato em que nós estamos cumprindo, no final de 2009, para começar a funcionar em 2010, aquilo que estava previsto para 2013.

Ora, o que está acontecendo no Brasil? Eu penso que um país não é construído e um país não é medido pela quantidade de habitantes ou pela quantidade de quilômetros quadrados que ele tem, porque você pode ter uma quantidade de quilômetros quadrados e ser um país vazio, e você pode ter uma quantidade enorme de habitantes e ser um país em que as pessoas estão muito empobrecidas e o país não consegue se desenvolver.

Uma nação é construída e a sua construção é medida pela qualidade das decisões de políticas públicas que o governo e o seu povo são capazes de tomar. E em política tem uma coisa importante que é não reconhecer, como sempre foi reconhecida aqui, a palavra medo. Em política, quem tiver medo não saia na chuva. Quando nós somos oposição ou quando nós somos apenas cidadãos comuns, nós costumamos dar muito palpite, ou seja, nós estamos em uma rodinha, a gente fala “eu acho que deveria ser feito assim”; em outra rodinha, a gente fala “eu penso que deveria ser feito assim”; em outra rodinha,



“você fala “eu acredito que deveria ser feito assim”. Quando você chega ao governo, você não pensa, não acha e não acredita. Você faz ou não faz. Este país, durante muito tempo, careceu dessa determinação de tomar decisões.

Ora, o biodiesel não é novo. Ele foi patenteado pelo Exedito Parente em 1975. Eu só cheguei ao governo em 2003. Portanto, de [19]75 a 2003 são praticamente 28 anos. Ora, se um país teve o patenteamento de uma perspectiva extraordinária, de um conhecimento tecnológico de uma parte dos cientistas brasileiros e não tomou a decisão de transformar isso em uma coisa que pudesse fazer a evolução da economia brasileira, a inovação da matriz energética brasileira, significa que nós perdemos 28 anos. Quando todo mundo sabe que nós temos um déficit na balança de petróleo porque nós somos obrigados a importar óleo diesel. Só por essa razão, essa decisão do biocombustível deveria ter sido tomada quase concomitantemente – gostaram do “concomitantemente”? Estou chique agora, viu, Dilma? –, essa decisão deveria ter sido tomada no mesmo momento em que a gente tomou a decisão de colocar o álcool na nossa matriz energética. Ou seja, nós tivemos a capacidade de fazer do etanol uma matriz energética excepcional – reconhecida hoje no mundo inteiro como o país que detém a melhor qualidade de etanol –, mais produtiva, mais rentável, e poderíamos ao mesmo tempo ter adotado a política do biodiesel. E não adotamos.

Eu aprendi, Odacir, como é que funciona a máquina pública. A máquina pública só funciona se o chefe quiser. Isso vale para o governo, isso vale para o Banco do Brasil, isso para a Petrobras, isso vale para um Ministério qualquer. Entre você tomar uma decisão e a corporação embaixo digerir, leva um tempo. E se tiver fundamentalista, que é contra, a coisa não acontece, não acontece. Por isso é que se cunhou no Brasil a tese de que tem lei que pega e lei que não pega. O que é inadmissível, você pensar que você faz uma lei e ela não pega. É porque tem gente que cumpre e tem gente que obriga a cumprir aqueles que não quiserem cumprir.



O biodiesel, portanto, chega com o nível que nós queríamos produzir em 2005 com três anos de antecedência, carregado de alguns problemas. Primeiro, os meus elogios ao fato de a gente ter atingido os 5%; de ter havido a compreensão dos companheiros que construíram as usinas para produzir biodiesel; da indústria automobilística, que está cada vez mais *flex fuel* para receber o biodiesel, ou seja, menos defensora dos motores das matrizes; do governo, que tem trabalhado através dos Ministérios e da Petrobras para que as coisas acontecessem.

Agora, prestem atenção em uma coisa que eu vou falar, que é muito séria. Eu só tenho mais um ano de governo, só tenho mais um ano, um ano e uns dias. Nós não temos o direito de ficar dependentes da soja, não temos o direito de ficar dependentes da soja. Será um ledão engano e nós iremos começar a perder politicamente o que ganhamos até agora, porque a soja é alimento, e tem um bilhão de seres humanos passando fome no mundo.

E isso, eu não estou dizendo um discurso novo agora, não. Isso eu dizia desde o começo, e em várias reuniões com vocês: é preciso que a gente comece a pesquisar e a investir em novas oleaginosas para que a gente tenha uma diversificação muito grande na possibilidade de produção do biodiesel. Eu até lembrava da cana-de-açúcar, lembrava já há algum tempo. Já fiz discurso, você já ouviu, Odacir, que a gente tem que utilizar a soja quase como uma coisa reguladora do mercado. Ou seja, como é a maior produção do Brasil, você pode utilizar, mas não pode ficar dependente, porque se a pessoa não estiver obrigada a produzir de mamona, a produzir de girassol, a produzir do dendê... E aí, Miguel Rossetto, não tem outra coisa. Isso só vai acontecer se vocês, da Petrobras Biocombustível, assumirem, assumirem. Isso tem que ser tarefa, isso tem que ser profissão de fé. A gente tem que dizer claramente o que a gente quer fazer, porque somente assim esse programa terá muita solidez.

Qual é a minha preocupação? A minha preocupação é que, se amanhã



o preço da soja subir muito e a China quiser comprar muito mais, nós poderemos começar a ter problema, nós poderemos começar a ter problema. E vocês sabem que o mundo vai, cada vez mais, precisar de alimentos, porque a África está crescendo economicamente. E as pessoas, quando vão ficando bem de vida, a primeira coisa que as pessoas querem não é um carro, é comer. E a soja é um alimento nutritivo de extraordinária qualidade e, portanto, nós temos que ter esse alerta, ter esse alerta. Aí cabe ao governo, aí o papel do Estado.

Alguns companheiros da imprensa acham que eu fico nervoso quando falam que eu sou defensor do Estado. A coisa que eu tenho mais orgulho é quando colocam na imprensa que eu sou defensor do Estado. Essa crise econômica veio provar que não é possível o mercado, por si só, dar conta dos problemas que acontecem em uma nação. Ela veio provar que o Estado tem que ser sério, mas tem que ser regulador e indutor, ao mesmo tempo.

É por isso, meu caro companheiro Miguel Rossetto, meu caro ministro Lobão, que aumenta a nossa responsabilidade. Eu dizia para a Dilma, agora: é preciso que a gente quase institucionalize a possibilidade de, uma vez por ano, fazer uma reunião para discutir biodiesel com empresários, com trabalhadores, com técnicos, para que a gente vá aperfeiçoando a cada ano as coisas que nós temos que fazer. Porque senão, meu caro, o cidadão vai produzir daquilo que ele tem. Se a gente não induzi-lo a estabelecer uma nova oleaginosa, uma nova planta, ela não vai acontecer por si só. Nós temos, primeiro, que dizer que queremos. Segundo, dizer que vamos comprar. Terceiro, dizer que vamos usar. E quarto, qual é a política de incentivo nossa, para as pessoas poderem acreditar naquilo que nós estamos falando.

Bem, como eu acredito que é irreversível, é irreversível, não só por ser um combustível menos poluente, por ser um combustível mais gerador de empregos, por ser um combustível que, além de emitir menos gás efeito estufa, vai sequestrar quando estiver crescendo a planta que a gente plantar para



colher ele, nós temos todas as razões do mundo para consagrar. Agora, apenas o cuidado de que a gente não pode ir dando passos muito grandes se a gente não estiver calçado, atrás, pela capacidade produtiva do País, porque na medida em que o biocombustível entrou na matriz energética, ele não pode faltar. Por que o que vai acontecer, se ele faltar? A primeira atitude do governo é diminuir a quantidade de biodiesel no óleo diesel, não é? E nós achamos que se nós formos cuidadosos, dando passo a passo, mas bem pensado, bem sólido, a gente pode, quando menos esperar, chegar a B20, porque já tem coletivo, já tem a indústria... as locomotivas já são testadas e produzidas para B20, a indústria automobilística já está testando o B20, já tem ônibus andando com B20, já tem... Ou seja, nós, não só do ponto de vista interno do nosso país, mas do ponto de vista desse debate sobre o aquecimento global, o Brasil pode se apresentar como a grande referência mundial em conhecimento tecnológico e na capacidade produtiva da energia que as pessoas precisam.

Portanto, esse sinal que nós demos hoje aqui, de começar em 2010 a colocar no carro aquilo que a gente só ia colocar em 2013, é um sinal extraordinário de que quando um país tem um povo que acredita, que tem autoestima e que está acreditando que as coisas agora engrenaram, não há por que este país retroceder, não há por que.

Nós, Odacir, você que é um homem da política – o Lobão, que é um homem da política, o Rossetto, que já foi deputado –, você sabe que este país nunca acreditou tanto em si. Talvez no tempo do Juscelino tenha acreditado um pouco, como nós estamos acreditando agora. Na verdade, este país está em uma fase em que nós não aceitamos mais ser tratados como cidadãos de segunda categoria ou de terceira categoria.

O mundo, hoje, respeita o Brasil como jamais respeitou. Ninguém mais fala que o Brasil é de Terceiro Mundo, essa palavra acabou. Ninguém mais fala que o Brasil não tem responsabilidade fiscal, porque nós estamos dando lição, hoje. Ninguém mais fala que o Brasil é um país pequeno, porque hoje nós



estamos emprestando dinheiro ao FMI. Parece pouca coisa, mas para a minha geração e para a tua, que passamos trinta anos fazendo oposição contra tudo isso, contra a subordinação deste país... Muitas vezes, agíamos como se fôssemos inofensivos.

Então, nós temos que aproveitar este momento do Brasil que, na minha opinião, é um momento de ouro deste país, para transformá-lo, no futuro, no momento definitivo de um país sólido, de economia sólida, com política social sólida, tirando o povo do último degrau e colocando o povo no segundo, no terceiro, no quarto.

Porque no Brasil teve um tempo em que o pobre não podia crescer, que o rico achava que estava prejudicando ele. Isso era pura ignorância. Quanto mais o pobre melhorar de vida, mais o rico vai melhorar de vida. É quase uma lógica... do próprio Henry Ford, não é de nenhum cara lá da Rússia, do tempo... é uma coisa americana. Ele dizia: "eu preciso pagar bem aos meus funcionários, para eles poderem ter dinheiro para comprar o carro que eu produzo".

Então, nós precisamos melhorar a vida dos pobres porque o mercado interno, nessa crise, nessa crise - todo mundo sabe e eu falo todo dia - alguns setores empresariais se acovardaram, meterem o pé no breque de forma abrupta, sem necessidade. E quem sustentou o consumo neste país foi a parte mais pobre da população, que durante muito tempo não tinha tido acesso ao consumo.

Esse é um alerta. O nosso mercado interno sobreviveu graças a essa parte mais pobre da população, que começou a comprar um carrinho, que começou a comprar uma roupinha nova, que começou a comprar um computador, que começou a comprar um televisor. Só por conta do programa Luz para Todos, 87% das pessoas que receberam o programa Luz para Todos compraram televisão, compraram geladeira, compraram aparelho de som, compraram liquidificador. Só por causa de três bicos de luz e de uma tomada



na sua casa. Então, imaginem a revolução que a gente está por fazer neste país, se a gente acreditar que os de baixo precisam subir mais um degrau, para que os de cima não tenham que descer um degrau.

Este país não será construído pelo governo. Este país será construído pela sociedade e será construído por vocês. Se vocês tiveram competência de fazer com que três anos antes a gente chegasse ao B5, vocês têm competência para compreender que o Brasil não poderá sofrer nenhum retrocesso.

Portanto, parabéns ao ministro Lobão, à Dilma, ao Cassel, à Petrobras, e sobretudo a vocês, empresários, que acreditaram e fizeram o B5 acontecer.

Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos jovens medalhistas do World Skills, durante entrega do manifesto “Inovação: A Construção do Futuro”, do 3º Congresso Brasileiro de Inovação na Indústria**

**Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 23 de outubro de 2009**

Eu estou quase tão emocionado quanto eu estava nas Olimpíadas. Porque quando a gente está aqui dentro do Brasil, a gente faz muita coisa e, às vezes, a gente, aqui dentro, não dá dimensão das coisas boas que a gente faz no Brasil.

Mas eu conto para todo mundo que quando eu fui agora, nas Olimpíadas, que você entra naquele plenário e que você vê lá os americanos, os japoneses, os espanhóis, querendo competir com a gente, e eles, historicamente, sempre ganhadores e nós, historicamente, sempre perdedores, você vai tomado de uma emoção, de... E aí, tudo que é brasileiro fica mais bonito, não é? O amarelo fica mais amarelo, o verde fica mais verde, o azul fica mais azul, e todo mundo emocionado.

Eu fico imaginando vocês, disputar em uma Olimpíada que tem... em um concurso que tem 55 países, e vocês saírem vitoriosos. Eu fico imaginando a emoção de um grupo... sozinho, a gente tem vergonha, mas quando está com muita gente assim, a gente quebra todos os padrões de vergonha e a gente fica alegre e emocionado. E, sobretudo o fato de tantos países, considerados ricos e desenvolvidos, ficarem atrás de nós. E só resulta em uma coisa: é que quando a gente quer, a gente pode. E quando a gente quer, a gente vence.

Eu estava contando agora, para os empresários, que a geração de vocês vai viver em um país infinitamente melhor do que a minha geração viveu. Infinitamente, eu estou convencido disso. Agora, estávamos discutindo inovação para a indústria brasileira, era uma coisa que a gente discutia muito



pouco, quem discutia isso era tido como um solitário, uma pessoa solitária. Hoje, os empresários e o governo assumiram responsabilidade que é uma coisa da nação e que, portanto, nós temos que estar juntos. A inovação pressupõe mais investimento em educação, a inovação pressupõe mais escolas técnicas profissionais, pressupõe mais institutos federais, pressupõe uma série de coisas que nós não fizemos há algum tempo. Ou seja, eu penso que, portanto, a geração de vocês vai ser uma geração mais vencedora e vai ter muito mais oportunidade do que o que a minha geração teve, do que a que o pai de vocês teve.

Vocês vão ter o mundo muito mais próximo de vocês, porque nós já decidimos que uma das coisas que nós vamos utilizar uma parte do dinheiro do pré-sal é para apostar na educação neste país. Nós temos que recuperar o atraso do século XX, onde a Argentina ficou mais evoluída do que a gente, onde o Chile ficou mais evoluído do que a gente, onde o Uruguai é muito mais evoluído do que nós, porque aqui, no Brasil, se esqueceu de que para que um país fosse para frente era preciso investir na educação.

Então, essa foto que o Tadeu vai tirar agora, eu, com o microfone, aqui, será o exemplo para que eu fale em toda inauguração de uma escola técnica no Brasil, que vocês foram representar o Brasil dignamente e trouxeram as medalhas que nós precisaríamos [precisávamos].

Parabéns a todos vocês. Tenho consciência que os pais de vocês estão muito orgulhosos. Tem um que pode ser muito inteligente, mas não aprendeu a pentear o cabelo ainda, está ali, parecendo... Mas, de qualquer forma, esse cabelo “rupiado” assim, deve ser da inovação que ele colocou no cabelo dele.

Então, um abraço. Parabéns a todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse de Luís Inácio Adams no cargo de Advogado-Geral da União**

**Palácio Itamaraty, 23 de outubro de 2009**

Meu caro presidente do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes,  
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Companheiros ministros aqui presentes,

Meu caro Luís Inácio Lucena Adams, advogado-geral da União, e sua senhora, Raquel Dias,

Meu caro Roberto Gurgel, procurador-geral da República,

Meu caro Toffoli, ex-advogado-geral da União e futuro ministro da Suprema Corte,

Companheiros parlamentares aqui presentes,

Jornalistas,

Membros da Advocacia-Geral da União,

Primeiro, de um Silva para um Adams; depois, de Luiz Inácio para Luís Inácio. Daqui a pouco vão pensar que eu indiquei um filho meu para a Advocacia-Geral da União.

Bem, as minhas primeiras palavras são de agradecimento ao companheiro Toffoli. Eu lembro que no processo eleitoral de 2002, me parece que o Jobim era presidente da Justiça Eleitoral, e um dia o Jobim falou assim para mim: “Lula, vocês têm, defendendo a tua candidatura e o Partido, um menino muito bom. O Toffoli é um advogado de muita competência”. Foi a partir daí que eu comecei a ter mais conhecimento do trabalho do Toffoli. Daí ele foi para a Casa Civil, e daí ele foi para a Advocacia-Geral da União.



Eu penso que o importante que o Toffoli fez na Advocacia-Geral da União, primeiro, foi não permitir que vingassem apenas os interesses corporativos da Corporação, mas ao mesmo tempo defender com unhas e dentes os direitos que ele entendia e que os advogados e as advogadas da União entendiam que tinham direito. E não tivemos nenhum problema durante todo o mandato do companheiro Toffoli, porque entre uma boa briga e um bom acordo, nós sempre preferimos fazer um bom acordo, e a Advocacia-Geral da União vive um momento, eu diria, muito importante. Na verdade, na verdade, Toffoli, o Estado brasileiro e sobretudo o Presidente da República se sentem condignamente representados pela Advocacia-Geral da União. Por isso, meus agradecimentos, Toffoli, pelo trabalho que você realizou junto com os seus companheiros.

E você, meu caro Luís Inácio, você vai assumir a Advocacia-Geral da União num momento em que o Brasil vive, possivelmente, um dos seus grandes momentos da história do nosso país. Nós vivemos quase uma espécie de um momento mágico no País, em que você percebe, na conversa com homens e mulheres do Brasil, que já não existe mais aquela descrença no Brasil que existia alguns anos atrás.

Você vai assumir a Advocacia-Geral da União num momento em que a autoestima tem uma prevalência sobre o pessimismo que durante tanto tempo prevaleceu, sobretudo na máquina pública deste país. Eu lembro o quanto a máquina pública brasileira foi ofendida. Quem estava de fora como eu, na época, a gente percebia que todo mundo era marajá, que todo mundo ganhava muito dinheiro e, muitas vezes, utilizava-se o salário do setor público que tinha uma melhor remuneração para jogá-lo contra a sociedade brasileira. Houve um tempo em que o cidadão que ganhasse dez salários mínimos na máquina pública tinha vergonha de dizer que ganhava dez salários mínimos, porque seria acusado de marajá em qualquer esquina ou em qualquer bairro deste país.



Precisou eu chegar à Presidência da República, para perceber que havia o engano do discurso fácil em época de campanha eleitoral, e eu constatei que a máquina pública brasileira era muito mal remunerada, e o salário não condizia com a capacidade profissional da maioria das pessoas que trabalhavam na máquina pública brasileira. As pessoas só querem saber quanto ganha um Advogado-Geral da União, mas não querem saber quantas causas ele ganhou, para evitar que o governo perdesse bilhões e bilhões de reais na justiça.

As pessoas acham que um homem da Receita Federal, uma mulher ganha muito dinheiro, e não se dão conta de quanto o trabalho deles faz com que o Estado brasileiro deixe de perder para os sonegadores. As pessoas muitas vezes acreditam que a máquina pública é composta por pessoas altamente remuneradas quando, na verdade, se a gente for olhar a diferença salarial que o Estado brasileiro paga em comparação com a iniciativa privada, qualquer pessoa de nível superior que trabalhe no Banco Central, no Ministério da Fazenda, na Receita, na Advocacia ou em outras áreas ganharia, certamente, cinco vezes mais trabalhando na iniciativa privada. Fora o tal do bônus que se paga, que a gente nunca sabe quanto é. E aqui se trabalha sem bônus, mas muitas vezes, se trabalha por amor a uma causa que as pessoas acreditam.

Que tem... Eu conheço muita gente que saiu do governo, eu conheço muita gente que saiu do governo e foi ganhar lá fora cinco, seis, sete vezes mais do que ganhava no governo, sem a preocupação de o Ministério Público indiciá-lo, sem a preocupação de alguém dizer que há indícios graves de corrupção naquela decisão, e as pessoas trabalham com a consciência muito mais leve e possivelmente produzam muito mais.

Eu estou convencido de que a Advocacia-Geral da União prestou e prestará um serviço extraordinário neste momento que o Brasil está vivendo. E falo isso sem nenhum problema de mágoa ou de ressentimento, porque estou



deixando o governo daqui a um ano, tenho a convicção de que o governo terminará infinitamente melhor do que entrou, não tenho nenhuma preocupação de comparação do meu governo com qualquer governo que passou, desde que foi proclamada a República. Mas o Brasil está atrasado. Quero dizer para vocês que o Brasil está atrasado. Meu caro Jorge Hage, não é fácil, não é fácil governar um país, um estado e uma cidade com a poderosa máquina de fiscalização que nós temos e a pequena máquina de execução. Não é que o presidente da República tenha que mandar, de forma aleatória, uma proposta para o Congresso Nacional para mudar as coisas. Não. Nós temos que construir alguma coisa juntos, em que a gente não permita [que a gente permita] que quem tem o poder de fiscalização continue fiscalizando e não seja cerceado, mas que a gente permita que quem tem o direito de executar possa executar as coisas neste país.

Eu estou tentando fazer um relatório das coisas consideradas absurdas, para que vocês tenham noção do que nós estamos falando. As coisas mais absurdas, obras, meu caro Zé Múcio, paralisadas durante 10 meses, 8 meses, 5 meses, um ano. E depois, essas obras são autorizadas sem que as pessoas que as paralisaram tenham qualquer indício de punição. Ou seja, quem dá a ordem para fazer está subordinado a todas as leis, e quem dá a ordem para parar não está a nenhuma. E digo isso depois de sete anos de presidente da República, depois de andar como jamais um presidente da República andou, neste país, fiscalizando obras. Porque a verdade, meus companheiros, é que a gente aprende desde pequeno: o que engorda o porco é o olho do dono. E se o Presidente e os ministros não estiverem andando por este país para saber o que está acontecendo, quando muito... quando, muitas vezes, eu pergunto para a ministra Dilma “tal obra está pronta para inaugurar?”, ela fala: “Nem começou”, porque os entraves são demais e porque se parte do pressuposto de que todo mundo é desonesto até prova em contrário, quando o pressuposto deveria ser o de que todo mundo é honesto até prova em contrário. É uma...



Possivelmente – e o ministro Lobão está aqui na minha frente – o setor energético é o setor que vive mais esse problema e a gente tem que ter em conta que [para] produzir energia, a gente tem que produzir cinco anos na frente. Não é na hora em que a gente descobre que não tem. Você tem que pensar cinco anos na frente, e se tivéssemos juízo pensaríamos dez anos na frente. Na hora em que a gente determina quanto o PIB precisa crescer, nós temos que determinar quanto nós precisamos crescer do ponto de vista da energia. E às vezes prevalece, em determinadas circunstâncias, o fundamentalismo e não uma discussão técnica para que a gente possa realizar uma coisa.

É com esses problemas, meu caro Luís Inácio Adams “da Silva”, é com esses problemas que o companheiro vai se defrontar. Obviamente... Eu lembro de uma vez que tinha um problema – não vou dizer onde, mas tinha um problema aí – e o advogado do dito Ministério tinha uma posição contrária. Eu chamei o Toffoli e ele tinha uma posição diferente do advogado daquele Ministério. Eu falei: qual é a prevalência? É o Advogado-Geral da União, que tem que ter o poder de dizer aos seus subordinados o que fazer, ou é o advogado do Ministério que diz o que fazer? E, muitas vezes, prevalece a coisa lá embaixo, muitas vezes. E as pessoas não se dão dimensão do que significa paralisar uma obra no País.

Mais recentemente, eu fui em uma obra em que ela foi parada porque alguém – não vou dizer também quem – imaginou que uma pedra que tinha lá, meio arredondada, era um machadinho indígena. Essa obra paralisou nove meses, nove meses. Depois de nove meses, constatou que era uma pedra comum, e permitiu-se que a obra recomeçasse. Agora, com que direito alguém para uma obra por nove meses? Qual é o custo para a União? Qual é o custo para o País? Qual é o custo para o povo brasileiro? Quantos milhões nós deixamos de ganhar, com aquela obra paralisada?

Eu acho que isso vai ter que mudar. Eu quero dizer para vocês que eu



quero deixar como legado, para quem vier depois de mim, uma harmonização melhor entre essas dezenas de instituições que entre si, às vezes, uma pessoa lá nos confins de um estado qualquer tem mais poder do que o presidente da República, do que uma reunião de Ministérios. Pessoas, às vezes, de quarto escalão resolvem que não pode fazer, e não pode fazer, e acabou. E não existe um fórum. Se for para a Justiça, demora muito tempo, demora aí anos. Ou seja, nós precisamos criar instrumentos em que essas coisas, na hora que decidir... Na hora que alguém entender que uma obra tem que parar, tem que ter uma câmara, alguma coisa de nível superior, tecnicamente inatacável, para decidir, porque senão o país vai ficando atrofiado.

Não é verdade que nós queremos crescer? Não é verdade que nós queremos ter um padrão de vida igual ao que têm os países do Primeiro Mundo? Não é verdade que o Banco Mundial já constata que o Brasil será a quinta economia mundial em 2016? E, para isso, nós temos que nos colocar de acordo com o que nós precisamos fazer, o presidente da República e as instituições brasileiras, porque esse negócio de um remar para a frente e cinco remarem para trás, a gente nunca vai ganhar a medalha de ouro que a gente imagina ganhar no campo do desenvolvimento e da economia.

Eu vim hoje com a roupa impecável, com que eu fiz o discurso para ganhar o direito de trazer as Olimpíadas para o Brasil, em homenagem ao Luís Inácio. Porque como essa roupa me deu sorte nas Olimpíadas, certamente, ela vai me dar sorte no dia da posse do companheiro Luís Inácio.

Parabéns, meu querido. Que Deus te abençoe e te ajude nesta empreitada.

(211A)



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante comemoração de seu 64º aniversário**

**Palácio da Alvorada, 24 de outubro de 2009**

Ô gente, primeiro eu queria agradecer, de coração, esta manifestação de companheirismo e de solidariedade que vocês estão tendo ao longo desses sete anos de governo.

Aqui eu estou com o companheiro Olívio Dutra, que foi governador do Rio Grande do Sul e fundador do nosso partido. Eu estou aqui com o companheiro Jacó Bittar, que é fundador do PT da década de 80 e antes de 80.

Olívio, dizer para você que uma parte dos companheiros que estão aqui, no auge daquela crise de 2005, todas as noites, quando eu chegava no Torto, tinha um grupo de companheiros com a bandeira do PT. Eles levavam cafezinho para lá, levavam chimarrão, e este pessoal esperava eu chegar para me prestar solidariedade, e eu nunca os convidei para tomar um café comigo lá no Torto, mas todos os anos eles me convidam para tomar um café aqui com eles.

Então, eu não sei qual é a vantagem que tem de a gente completar 64 anos. Eu confesso que eu preferiria estar completando 46, eu confesso que eu deveria estar... Seria, talvez, melhor. O José Alencar completou, nesta semana, 78 anos de idade. O somatório meu e do José Alencar já vai para mais de 120 anos, ou seja, são 120 anos de... São quase 140 anos; 142 anos de experiência a serviço do Brasil.

Então, eu queria agradecer a vocês por este gesto. O bolo é simples, foram vocês que fizeram o bolo. Eu espero que as crianças tenham gostado. O bolo está muito... pelo menos, a menina que comeu disse que está gostoso o bolo, está delicioso. Eu espero estar vivo para que no ano que vem a gente possa comemorar o meu aniversário no último ano da minha presidência aqui



no Brasil.

De qualquer forma, eu quero agradecer a vocês, agradecer a vocês que, todos os anos, vocês vêm aqui, com chuva ou com sol, e a gente faz esta comemoração, em uma demonstração extraordinária de solidariedade, de companheirismo. Eu posso só dizer para vocês que o que eu posso retribuir para vocês é fazer com que o Brasil seja cada vez melhor governado, cada vez que as coisas deem mais certo no País, e eu penso que nós vamos conseguir isso.

Então, do fundo do coração, meus agradecimentos, da Marisa e meus, do José Alencar e da dona Mariza, e vamos comer o bolo porque nós viemos aqui para comer e não para conversar, gente.

(\$211A)



**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante comemoração de seu 64º aniversário**

**Palácio da Alvorada, 24 de outubro de 2009**

Ô gente, primeiro eu queria agradecer, de coração, esta manifestação de companheirismo e de solidariedade que vocês estão tendo ao longo desses sete anos de governo.

Aqui eu estou com o companheiro Olívio Dutra, que foi governador do Rio Grande do Sul e fundador do nosso partido. Eu estou aqui com o companheiro Jacó Bittar, que é fundador do PT da década de 80 e antes de 80.

Olívio, dizer para você que uma parte dos companheiros que estão aqui, no auge daquela crise de 2005, todas as noites, quando eu chegava no Torto, tinha um grupo de companheiros com a bandeira do PT. Eles levavam cafezinho para lá, levavam chimarrão, e este pessoal esperava eu chegar para me prestar solidariedade, e eu nunca os convidei para tomar um café comigo lá no Torto, mas todos os anos eles me convidam para tomar um café aqui com eles.

Então, eu não sei qual é a vantagem que tem de a gente completar 64 anos. Eu confesso que eu preferiria estar completando 46, eu confesso que eu deveria estar... Seria, talvez, melhor. O José Alencar completou, nesta semana, 78 anos de idade. O somatório meu e do José Alencar já vai para mais de 120 anos, ou seja, são 120 anos de... São quase 140 anos; 142 anos de experiência a serviço do Brasil.

Então, eu queria agradecer a vocês por este gesto. O bolo é simples, foram vocês que fizeram o bolo. Eu espero que as crianças tenham gostado. O bolo está muito... pelo menos, a menina que comeu disse que está gostoso o bolo, está delicioso. Eu espero estar vivo para que no ano que vem a gente possa comemorar o meu aniversário no último ano da minha presidência aqui



no Brasil.

De qualquer forma, eu quero agradecer a vocês, agradecer a vocês que, todos os anos, vocês vêm aqui, com chuva ou com sol, e a gente faz esta comemoração, em uma demonstração extraordinária de solidariedade, de companheirismo. Eu posso só dizer para vocês que o que eu posso retribuir para vocês é fazer com que o Brasil seja cada vez melhor governado, cada vez que as coisas deem mais certo no País, e eu penso que nós vamos conseguir isso.

Então, do fundo do coração, meus agradecimentos, da Marisa e meus, do José Alencar e da dona Mariza, e vamos comer o bolo porque nós viemos aqui para comer e não para conversar, gente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
lançamento do “Programa Aprendiz Banco do Brasil”**

**Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 27 de outubro de 2009**

Bem, primeiro, cumprimentar minha companheira Marisa,  
Cumprimentar a companheira Dilma,  
Cumprimentar o companheiro Guido,  
O nosso companheiro Carlos Lupi, ministro do Trabalho,  
O nosso querido José Pimentel, da Previdência Social,  
E cumprimentar o nosso querido companheiro Aldemir Bendini, que nós  
costumamos, carinhosamente, tratar de Dida,

Quero cumprimentar a Marta. A Marta progrediu bastante, vocês viram?  
Daquela menininha que trabalhava no campo, virou uma menina. Parabéns,  
Marta.

Bem, quando eu vim aqui, há um tempo atrás, em uma reunião com  
superintendentes do Banco do Brasil, do Brasil inteiro, o companheiro Dida  
pediu para levantar a mão quem é que tinha começado aqui, no Banco do  
Brasil, como aprendiz.

Eu confesso a vocês que fiquei surpreendido pela quantidade de  
pessoas que levantaram a mão. E quase todos tinham começado como office-  
boys. Era office-boy ou contínuo?

\_\_\_\_\_ : Era aprendiz.

**Presidente:** Não, mas você disse aí, era...

\_\_\_\_\_ : Era office-boy.



**Presidente:** Olha, então vocês, se quiserem chegar a vice-presidente ou a presidente têm que passar por office-boy, aqui, porque parece que é o mote, é o caminho que um dia o Indiana Jones vai tentar procurar, para saber como é que descobre o segredo de chegar à Presidência do Banco do Brasil.

Mas, brincadeira à parte, naquele dia eu fiquei realmente satisfeito, como ser humano, como Presidente do Brasil, de perceber como é que uma instituição podia pegar um jovem – e não era um, eram milhares de jovens e prepará-los para que eles pudessem ocupar as principais cadeiras de comando da instituição.

E, aí, o Dida me disse: “Presidente, faz muitos anos que o Banco do Brasil não contrata aprendiz. E eu estava pensando em ver se a gente contrata pelo menos mais 10 mil jovens aprendizes”. Eu fiquei não apenas satisfeito, fiquei radiante, porque um dos problemas que nós temos no Brasil é a gente despertar na juventude brasileira a certeza de que ela vai ter oportunidade, ela vai ter uma chance e que ela poderá conquistar um lugar mais seguro para que ela possa constituir sua família, cuidar da família que o criou e ajudar a criar a família que ela vai ter que um dia administrar.

Porque eu não sei se vocês assistem à televisão, certamente, parece que uma das coisas que têm no Banco do Brasil é que as pessoas estão habituadas a ver novela e isso permite que antes a gente veja um jornal. E a gente percebe que a maioria das pessoas que vão presas, quase a gente não vê ninguém de 30 anos ou mais de 30 anos. Normalmente, são meninos e meninas, com, às vezes 15 anos, às vezes 17, às vezes 20, sabe, 24, ou seja, quando tem uma pessoa mais velha é só ela. O restante, na maioria, são jovens. E para que a gente não fique apenas achando que aquele jovem é um bandido, é preciso que a gente volte um pouco a nossa memória para um passado não muito distante para a gente descobrir o que aconteceu com a juventude brasileira durante a década de 80 e a década de 90.



Ou seja, se uma pessoa ou um segmento social passou 20 anos sem ter oportunidade, o resultado desse agrupamento de uma geração é que uma parte dela foi ganho por uma coisa que nós não gostaríamos que tivesse acontecido, mas foi ganho pela desmotivação, pela falta de oportunidade e aí teve-se o narcotráfico, o crime organizado, a rua como uma coisa disputando com o Estado, que deveria oferecer as oportunidades outras e que não ofereceram.

Foram duas décadas e meia em que o País crescia muito pouco, os números de empregos eram muito poucos, portanto, se geravam poucas oportunidades, não se investia em escola técnica, se investiu..., uma coisa interessante porque nós, quando nós conseguimos universalizar o ensino fundamental, foi uma coisa extremamente importante para o Brasil. Só que quando nós nos demos conta, na maioria dos estados do Norte e do Nordeste, as pessoas não perceberam que ao terminar o ensino fundamental, a meninada precisava fazer o segundo grau. E em muitos lugares não tinha escola para fazer o segundo grau. Ou seja, foi quase que um esquecimento ou, quem sabe, uma falta de conhecimento do Brasil.

Então, eram milhões de jovens que ficaram perambulando, alguns, com sorte, tendo família que o ajudava, que criava, que financiava, que pagava o estudo; e outros abandonados à própria sorte. No meio das partes mais pobres, se a família estivesse bem constituída, vivendo harmonicamente, o pai trabalhando, mesmo ganhando pouco, ou a mãe, mas os dois tivessem constituído família e zelado pela família, menos mal. Mas se a família tivesse desandado, o destino desse jovem não era melhor do que o da família, era também ter uma vida degradada. E, às vezes, a gente vê uma grande maioria de jovens de 16, de 17, 18 anos, morrer de forma prematura, porque estava participando da banda podre de uma parte da nossa sociedade.

Então, quando eu venho a um ato em que o Banco do Brasil anuncia a contratação de jovens aprendizes, pessoas de 15 anos, 15 e 10 meses, por aí,



e garante uma oportunidade de esse jovem trabalhar, recebendo um salário durante 24 meses, pelo menos, até prepará-los para que eles possam adentrar definitivamente no Banco do Brasil, é uma coisa, para mim, nobre, mais do que nobre, é quase que a certeza de que vocês terão a oportunidade que outros milhões de brasileiros precisam ter, ao longo do tempo.

E, aí, eu queria falar diretamente com vocês. Nessa idade, de 14 anos, 15 anos ou 16 anos, a gente é tão novo e tem tanta energia, tem tanto vigor, que a gente pensa que nunca vai ficar velho, que se a gente não estudar agora, a gente vai estudar depois. A gente está sempre tentando achar que as coisas necessárias podem esperar um pouco mais. Muitas vezes, o melhor é encontrar com a namorada ou com o namorado, muitas vezes o melhor é ir fazer uma coisa qualquer do que entrar em uma sala de aula, estudar para valer, agarrar aquilo com unhas e dentes e falar: “eu vou fazer disso a minha profissão de fé e vou fazer disso o motivo de orgulho da minha família e o motivo de garantia do meu futuro”.

Em um primeiro momento, as pessoas não pensam assim e é normal, é normal, quando a gente tem a idade de vocês a gente nem pensa em se aposentar, nem pensa. A gente pensa que não vai ficar velho, a gente pensa que não vai ficar doente, sabe, é maravilhoso. São tudo coisas que a gente acha que só acontecem com os outros e que não acontecem com a gente.

Agora, qual é a vantagem que tem o Banco do Brasil nessa contratação? Ele está contratando gente, de pessoas humildes, gente de famílias humildes, portanto, jovens que sentem dentro das suas casas que a sociedade não é aquela maravilha que a gente vê na novela das sete ou na novela das seis. A sociedade é um pouco mais complicada, a juventude é um pouco menos festiva do que aquela. A juventude tem mais problemas, e essa oportunidade que vocês estão tendo é quase que um chamamento de Deus, para que vocês se agarrem a ela como se fosse, não a última, mas como se fosse a mais importante oportunidade que vocês estão tendo.



Eu até gostaria que vocês chegassem em casa hoje e perguntassem para os pais de vocês da alegria que eles estão sentindo pelo fato de vocês estarem sendo contratados como menores aprendizes do Banco do Brasil. Eu, se me reconheço como pai, eu posso dizer que a alegria que está hoje dentro do coração da mãe de vocês e do pai de vocês, certamente, é maior do que a que vocês têm. Porque eles já passaram pela idade de vocês, já tiveram problemas que vocês ainda não tiveram e eles sabem que vocês estão tendo uma oportunidade que nem o pai e nem a mãe de vocês teve.

E é por isso que eles serão, praticamente, a garantia de permitir que vocês se dediquem, junto com as centenas de instrutores que vocês vão ter nos locais que vocês vão trabalhar.

Por isso, meu companheiro Dida, eu queria apenas lembrar uma coisa: você está contratando aí uma moça chamada Beatriz, um companheiro aí, um menino chamado Bruno e o outro, Rubens. Pois bem, a Beatriz chegava da escola, ajudava a mãe a arrumar a casa, fazia seus deveres e dormia o restante do dia, certamente, na frente da televisão. Ela sabe que, de agora em diante, não terá mais tempo para dormir à tarde. Mas, mesmo assim, está muito ansiosa para começar seu aprendizado no Programa porque quer investir no seu futuro. Com o dinheiro que Beatriz irá ganhar, ela pretende comprar calça jeans e tênis novos para ela e para a irmã mais velha, a Priscila, que tem 17 anos. Mas a maior parte do dinheiro será poupada para outros cursos, no futuro. Beatriz, querida, cuidado, dependendo da marca da calça jeans e a marca do tênis não vai sobrar dinheiro para você cuidar do futuro. É preciso ser contida no consumo, porque senão você vai, no mês seguinte, pedir aumento de salário para o Dida, porque não deu.

Bem, a Beatriz obviamente que tem o desejo de comprar as coisas. Agora, eu também tenho certeza de que a Beatriz está convencida e certa de que somente estudando é que ela vai perceber que, ao contrário de um par de tênis, o conhecimento não fica velho e não vai para o lixo depois de um tempo.



O conhecimento gera mais conhecimento e faz das pessoas melhores pessoas ainda, que entendem a realidade que cerca cada um de nós. Por isso, querida Beatriz, que Deus, que te deu essa grande oportunidade, te faça uma vencedora e que daqui há uns 15, 20 anos, eu já com 90 anos de idade, já com uma bengalinha aqui, andando, o Dida com a bengalinha um pouco mais nova do que a minha, você esteja ali como a Marta esteve ali, falando do progresso que você conquistou dentro do Banco do Brasil. Por isso, querida, não jogue, em hipótese alguma, esta oportunidade... Se você tiver um namorado tão bonito quanto eu, que fique na tua cabeça: “Vamos namorar, para que ir lá?”, não sei das quantas e tal, você não deixe de estudar. Manda o namorado esperar, que mais bonito do que eu está cheio, aí, assim, olha, vai poder arrumar.

Bem, nós temos o caso do nosso querido Bruno. O Bruno é de família indígena, cadê... Levanta aí, Bruno, deixa eu ver... Ah, o Bruno é de família indígena. Mora com os pais e cinco irmãos, e também quer aprender a trabalhar para garantir uma vida melhor para ele e sua família. Desde criança, o Bruno aprendeu o valor de ter uma profissão com o seu pai, Acuetê, que é auxiliar de serviços gerais, e com sua mãe, Caidoró Caiabi, que trabalha como artesã. Parabéns, querido Bruno. Essa é uma chance... Já pensou? Cacique Bruno.

\_\_\_\_\_ : Vai tomar o meu lugar.

**Presidente:** Vai tomar o lugar dele. Só não vale sequestrar ele, ouviu, Bruno? Bem, já o Rubens ficou... Cadê o Rubens? Levanta aí, Rubão. Veja, interessante o que é a sorte, não é? O Rubens ficou sabendo do Aprendiz Banco do Brasil por um amigo, que participou do programa anterior do Banco, o Adolescente Trabalhador. Quando o amigo dele contou que o Banco do Brasil abriria novas vagas, correu para se candidatar, porque sabe que é



preciso se qualificar para conseguir um bom emprego.

Rubens mora no Mesquita, uma comunidade quilombola, que fica a menos de uma hora do centro de Brasília. O Bruno [Rubens] quer ajudar a sua mãe, a dona Rosana, que dá duro todos os dias para sustentar a casa. Ele tem colegas que passam o dia na rua, sem fazer nada, às vezes bebendo e fumando, mas ele sabe que o preço de não fazer nada hoje é alto, porque depois, quando chegar na vida adulta, e gostar de uma menina... Quem sabe, hein, Beatriz? Quando chegar na vida adulta e gostar de uma menina, não vai ter dinheiro para casar e sustentar a sua família. Muito bem, muito bem, Bruno, eu acho que, que... Porque sabe que menino tem um problema sério, não é? Eu já fui menino, vocês sabiam? Já faz tempo. Mas é o seguinte: você pega um menininho desse aqui, ele está aqui sozinho, ele é quietinho, quietinho, anda na rua sozinho, anda de cabecinha baixa. Agora, coloque 20 moleques desses juntos para ver o que acontece.

Então, eu queria, querido Rubem, querido Bruno e querida Beatriz, falando o nome dos três, cumprimentar a todos vocês. Eu quero dizer para vocês o seguinte: Olhem, por causa de uma profissão, eu tive oportunidade de chegar onde eu cheguei. Vocês imaginam: se um torneiro mecânico pôde chegar à Presidência da República deste País, o que não pode fazer um aprendiz do Banco do Brasil, quando se formar, for contratado pelo Banco e virar figuras importantes como essas aqui. Todo mundo sabido, sabem lidar com dinheiro como ninguém, não... todo mundo pode... se eu cheguei, por que vocês não podem chegar? Agora, para chegar a gente tem que acreditar.

No mundo animal, e o ser humano faz parte do mundo animal, não existe oportunidade de sobrevivência para quem fraquejar. Não existe possibilidade de um cidadão que não acredita nele próprio, vencer. Ah, eu sou coitadinho, ah, as coisas comigo não dão certo, ah, porque eu não tenho sorte. Não existe isso meu filho, a sorte é a gente que faz.

Se a gente perseverar, se a gente acreditar, se a gente estudar, sabe, e



a gente não tem nem razão para desanimar. Como é que um jovem de 15 anos vai desanimar de alguma coisa? Não, não é possível. Eu vou dar outro exemplo: Eu, se eu tivesse que desanimar, eu tinha razão de sobra, porque eu perdi três eleições. Nem meus companheiros acreditavam, nem, nem... não é Afonso? Não é Afonso? Mesmo meus companheiros do PT queriam mais que eu fosse... Ah, essa fruta está passada, gente.

Agora, eu sempre disse o seguinte: Quem quiser me vencer, vai ter que trabalhar mais do que eu, vai ter que se dedicar mais do que eu, porque o jogo... o jogo do futebol e o jogo da vida, ele é ganho na disputa. E, portanto, vocês estão tendo hoje, neste ato, talvez não a única, mas uma extraordinária oportunidade. Afinal de contas, não é qualquer coisa a gente ser aprendiz do Banco do Brasil. Começar a vida da gente como aprendiz do Banco do Brasil, não é qualquer coisa.

Eu comecei na Fábrica de Parafusos Marte, uma fabriquinha de 50 trabalhadores. E eu ainda tinha o azar, vou contar para vocês, para animar vocês, que eu vestia um macacãozinho bonitinho, minha mãe fez, e eu passava para trabalhar e tinha uma quitanda, e tinha uma menina loirinha que trabalhava na quitanda, e eu achava que... Eu falava: “Quando eu passar de macacão, que ela me ver, ela não vai resistir”. Acontece que eu... eu queria ser mecânico, mas eu não sabia o que era mecânico. Eu queria ser mecânico. Então, eu falava: “Para ela me notar, eu vou ter que me encher de graxa”. Então, apitava para ir almoçar, eu estava limpinho, eu pegava óleo, passava óleo na mão, tudo, passava na frente da quitanda, essa moça nunca olhou para mim, sujo. Possivelmente, uma dessas loiras esteja pronta para olhar para um aprendiz do Banco do Brasil, que não olhou para o metalúrgico, da Fábrica de Parafusos Marte.

Boa sorte para vocês. Que Deus dê a vocês tudo o que vocês precisam e tudo o que vocês almejam.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração do Ginásio Esportivo e Cultural Jamelão**

**Rio de Janeiro-RJ, 28 de outubro de 2009**

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar o nosso querido governador do estado do Rio, o companheiro Sérgio Cabral,

O nosso querido prefeito da cidade do Rio, Eduardo Paes,

Cumprimentar a ministra Dilma Rousseff,

O ministro Orlando Silva, do Esporte,

E o companheiro Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Queria cumprimentar o nosso querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

O deputado federal Edmilson Valentim,

O nosso companheiro Ivo Meirelles, presidente da Mangueira,

O nosso querido Nuzman, presidente do comitê organizador do Rio 2016,

Queria cumprimentar as secretárias e os secretários estaduais e municipais,

Queria cumprimentar a nossa querida Alcione e o nosso querido Nelson Sargento,

Queria cumprimentar os parentes aqui, Joceli Ferreira dos Santos, filha do mestre Jamelão e o Jamelão Neto, neto do mestre Jamelão,

Queria cumprimentar todos os jovens do grupo de adolescentes especiais da Mangueira e cumprimentar as nossas crianças aqui presentes,

Primeiro, um aviso aqui, Sérgio. Você vê que o pessoal anda muito comportado. Quando nós chegamos aqui, tinha uma série de faixas aqui,



reivindicando obras do PAC. Tinha, parece que um papel aí, Andaraí; tinha o Complexo de Lins; tinha o Complexo não sei de quem. Levantem os Complexos aí, que estavam com a faixa levantada. Tinha o Complexo de Juramento. Eu queria explicar para vocês o seguinte: uma obra do PAC não pode ser prometida, se a gente não tiver condições de fazer. Esse tempo já passou na política brasileira. Acontece que nós estamos cumprindo a primeira etapa do primeiro PAC que nós fizemos em 2007. Agora, em 2011 [2010], nós vamos apresentar um novo PAC até 2015, e aí cada governador e cada prefeito será convidado a Brasília para se sentar com a ministra Dilma e para preparar as prioridades das capitais, das cidades médias e das cidades pequenas e as prioridades dos estados, porque nós aprendemos a fazer obras neste país, que tinha passado 25 anos sem fazer grandes obras de infraestrutura.

Então, os companheiros que estão com as faixas levantadas podem ficar tranquilos porque, certamente, entrarão na próxima proposta do PAC a ser feita, porque nós não vamos parar mais. Ou seja, daqui para a frente, cada vez mais a gente vai ter que fazer obras, porque obras geram desenvolvimento, geram melhoria da qualidade de vida das pessoas, geram oportunidade de formação profissional, geram oportunidade de emprego, geram renda e, conseqüentemente, geram desenvolvimento para o nosso país.

Então, vocês podem começar a preparar a proposta de vocês, mandar para o prefeito para que ele comece a trabalhar corretamente as novas prioridades do Rio de Janeiro, porque no ano que vem nós vamos inaugurar muitas obras do primeiro PAC aqui no Rio de Janeiro.

Vocês vão ter oportunidade de ver o que vai acontecer no Complexo do Alemão, o que vai acontecer em Manguinhos, o que vai acontecer na Rocinha, o que está acontecendo em Pavão-Pavãozinho, e em vários outros lugares em que nós estamos fazendo grandes investimentos de infraestrutura, porque o sonho final é a gente acabar com o nome “favela” e a gente classificar de



bairros, como em qualquer outro lugar em que mora qualquer pessoa do Rio de Janeiro.

Bem, eu tenho um texto muito bem preparado sobre a vida do Jamelão, mas eu não vou ler o texto porque eu vou repetir as coisas que vocês já sabem do Jamelão. A única coisa que eu queria pedir ao presidente da Mangueira é que é importante contar a história do Jamelão e a história de outras figuras importantes da Mangueira para esta juventude, para esta meninada, para que eles saibam que antes deles teve alguém que abriu uma picada para que eles pudessem chegar hoje aqui na Mangueira e ter esta festa extraordinária. Normalmente, quando a pessoa morre, a gente costuma esquecer, e é importante que a gente não esqueça das pessoas que foram responsáveis pelo momento que nós estamos vivendo agora. Então, é preciso contar e recontar a nossa história para que as pessoas saibam, definitivamente, quem foi Cartola, quem foi Jamelão, quem foi dona Zica, e tantas outras pessoas que nós não temos o direito de esquecer.

A segunda coisa é que parece uma simples quadra, mas, daqui, dependendo da utilização que a Mangueira fizer desta quadra, a gente pode ter crianças saudáveis em pensamento, a gente pode ter crianças mais aplicadas na escola, a gente pode ter crianças motivadas a praticar esportes e a gente pode ter aqui, para 2016, uma quantidade enorme de atletas que vão ultrapassar todas as barreiras exigidas por uma Olimpíada para disputar as medalhas que nós, do Brasil, queremos ganhar, e muitas.

O Brasil não vai fazer as Olimpíadas para que “gringo” venha aqui levar as nossas medalhas. Nós vamos fazer as Olimpíadas e vamos nos preparar como nunca para ganhar medalha. Por isso, nós temos seis anos pela frente. Se a gente pegar uma criança de 10 anos agora, e começar a prepará-la, ela vai chegar à Copa [às Olimpíadas] com 16 anos de idade. Se a gente pegar uma de 18, vai chegar às Olimpíadas, sabe... Se a gente pegar uma de 12, vai



chegar com 18. A gente não pode é pegar uma criança de 25 porque, quando chegar em 2000 [2016], ela já está com 30 e poucos, já está superada.

Então, é importante que a gente tenha uma estratégia para as Olimpíadas, e a Mangueira poder ser um exemplo extraordinário para envolver outras escolas de samba a fazerem o mesmo que a Mangueira está fazendo neste país.

Eu já disse ao companheiro Nuzman que nós vamos fazer uma reunião com todas as Confederações, de todos os esportes que participam das Olimpíadas, para a gente exigir que cada Confederação e cada Federação apresentem para nós um plano estratégico e um plano de metas para as Olimpíadas. A gente não vai conseguir patrocínio, se a gente apenas apresentar ideias. A ideia é muito importante, mas nós precisamos colocar no papel o que a gente quer fazer até 2006 [2016]. E aí passa por uma ação muito profissional, como nós fomos para ganhar as Olimpíadas para o Rio de Janeiro. Eu confesso a vocês que foram os 45 minutos mais emocionantes da minha vida. Eu pensei que já tinha ultrapassado todas as emoções, mas na hora em que a gente entrou naquele palco lá, que tinha cem pessoas olhando para a gente, e a gente sabia que o que estava em jogo era o Rio de Janeiro; e que já tinha se apresentado Chicago, com o Obama e com a mulher dele; que já tinha se apresentado o Japão, com uma série de ministros – todas cidades muito ricas –; e ainda tinha Madri, com o nosso amigo Zapatero e com o rei Juan Carlos, eu falei: nós vamos ter que trabalhar muito para ganhar.

Eu queria aqui, de público, dizer o seguinte: meu caro Sérgio Cabral, meu caro prefeito Eduardo Paes e meu caro Nuzman, eu acho que poucas vezes na história de 500 anos, o Rio de Janeiro teve um momento profissional como aquele que nós tivemos em Copenhague, no dia da disputa.

A apresentação do Rio de Janeiro na televisão foi de uma grandeza tão impecável, que eu não acredito que alguém possa ter visto um defeito na apresentação do Rio de Janeiro. Depois eu acho que as pessoas sentiram que



a gente estava falando a verdade. Os outros estavam lá para fazer mais uma Olimpíada. É como uma criança que come e uma criança que não come. A que come vai pedir comida, você percebe que ela não está com tanto brilho ao pedir a comida. A que está com fome, não apenas está com brilho, mas está com lágrimas nos olhos. Nós estávamos com fome e estávamos com lágrimas nos olhos para mostrar que este país não deve nada a nenhum país do mundo e que este país pode fazer uma Olimpíada que pode ser a marca das Olimpíadas. Porque já fizemos os melhores Jogos Pan-Americanos do mundo de toda a história e vamos fazer a melhor Olimpíada.

Aí começam a aparecer os do contra, aí começam a aparecer aqueles: “Mas o Brasil não pode, o Brasil é pobre, o Brasil tem que cuidar da segurança, o Brasil tem que cuidar da escola, o Brasil precisa cuidar disso, o Brasil não tem capacidade”. Sabe aquele tipo de gente azeda, que se acha de segunda classe, com complexo de vira-lata, que sempre acha que nós não podemos nada, que nós somos do terceiro mundo e que nós, portanto, deveríamos deixar as Olimpíadas para os ricos de sempre fazerem? Aquela pessoa que não acredita no dia seguinte? Acorda mal-humorada, acorda achando que nós somos feios, que nós não sabemos trabalhar, que nós não sabemos cantar, que nós não sabemos dançar. Tem gente assim.

Eu fui para Copenhague com raiva, porque antes de embarcar eu vi várias pessoas na televisão dizendo: “O Brasil não vai ganhar. Imagine, o Brasil se meter com Chicago; imagine, o Brasil se meter com Madri, se meter com Tóquio”. Primeiro, que nós não nos metemos. Nós nos inscrevemos, igual a eles. Segundo, nós queríamos provar que este país só vai para a frente no dia em que o brasileiro acreditar no brasileiro e no dia em que a gente tiver a autoestima bem elevada, para a gente poder conquistar as coisas.

Então, vir aqui hoje, na inauguração de uma quadra simples... Mas é que nem casa de pobre: simples, mas muito limpa. Simples, mas que vai permitir que as crianças tenham um espaço de lazer, que sem esse espaço de lazer, a



gente não saberia onde essas crianças iriam passar o dia.

Por isso, eu quero dar os parabéns à Mangueira. Eu acho, Sérgio, que nós, nas conversas com outras escolas de samba, nós precisamos dizer que, entre um carnaval e outro, tem um carnaval de cidadania que nós temos que fazer 24 horas por dia, para que a gente possa evitar que a gente veja acontecer no Rio de Janeiro o que aconteceu nos últimos dias, com a violência imperando.

O que eu acho grave é que nós sabemos o que gerou aquela violência. O que eu acho grave é que nós sabemos que é quadrilha brigando com quadrilha e que, muitas vezes, as pessoas acham que o Governador poderia acabar com aquilo em um minuto. Ora, fosse fácil acabar com aquilo em um minuto, essa violência não estava perdurando há 30 ou há 40 anos.

Acabou o tempo em que morar em favela era motivo de fazer poema, de fazer verso, de fazer samba. Acabou, porque hoje o narcotráfico é uma realidade, e com o narcotráfico não tem poema. É, efetivamente, prender aqueles que estão tirando a liberdade das pessoas que querem trabalhar honestamente e que significam 99,9,99% da população do Rio de Janeiro.

Então, quando acontece uma violência daquelas, aí passa-se a ideia de que o Rio de Janeiro é assim, quando não é verdade, quando não é verdade. O Rio de Janeiro é isto que eu estou vendo aqui. O Rio de Janeiro, quase 99%, é exatamente o retrato do que a gente está vendo aqui. E a gente não quer esconder a violência, porque ela tem no Rio de Janeiro, ela tem em São Paulo, ela tem em Pernambuco, ela tem na Bahia, ela tem no Paraná. Só que o Rio de Janeiro é uma caixa de repercussão muito maior do que outras partes do Brasil.

Essa é a vantagem de ser uma cidade mais bonita, de ter aqui os principais meios de comunicação, de ter aqui os principais artistas, de ser uma cidade que tem muito turista. Nós pagamos o preço, também, pelas coisas ruins que acontecem aqui. Mas se no final de cada dia a gente fosse colocar



em uma balança as coisas boas que acontecem no Rio e as coisas ruins, certamente, as coisas boas iriam ter uma supremacia sobre as coisas ruins.

Nós estamos convencidos, eu fiz esse compromisso com o governador Sérgio Cabral, nós, do governo federal, temos a obrigação moral, política e ética de cuidar de forma especial do Rio de Janeiro. Eu tenho que cuidar do país inteiro. Mas por que cuidar especialmente do Rio de Janeiro? Essa cidade já foi Coroa. Essa cidade, teve um tempo em que o Brasil era tão importante que mandava até em Portugal, porque era daqui que saíam as decisões de poder quando o rei veio para cá. Depois, essa cidade era a capital do Brasil, e essa cidade perdeu o direito de ser capital. Depois, aqui tinha dois estados, que foram transformados em um só estado. Ou seja, foi um conjunto de prejuízos para o Rio de Janeiro, que a gente não reparou ainda.

Em contrapartida a esse desmonte do estado, foram surgindo comunidades cada vez mais pobres, que antes eram de dez pessoas, depois passou para quinze, depois para mil, depois para duas mil, depois para trinta mil, depois para cinqüenta mil, e aí deixou de ser uma pequena comunidade para ser um baita de um problema social para quem governa a cidade do Rio de Janeiro.

Então, seria irresponsabilidade o governo federal dizer que é um problema do Sérgio Cabral. Seria irresponsabilidade o governo federal dizer que é um problema do Eduardo Paes. Não. Eu não sou daqueles, não sou daqueles que só aparecem para comer na hora em que o prato está feito. Eu sou daqueles que ajudam a fazer o prato, para a gente poder sair a procurar as coisas.

Ontem, eu determinei que o meu ministro da Justiça viesse aqui. Ele veio, ele e o Sérgio Cabral tiveram uma conversa de três horas. Ontem, o Tarso me apresentou a proposta. Ele vai se sentar com o Sérgio Cabral e com o nosso pessoal do Jurídico e o do Sérgio, para que a gente dê forma jurídica à proposta de trabalho.



E posso dizer para vocês que, embora não more no Rio de Janeiro, quando eu vejo uma agressão, seja no Rio, seja em São Paulo ou na Bahia, é como se fosse na porta do Palácio da Alvorada, porque todos nós somos brasileiros e porque todos nós estamos no mesmo barco, chamado Brasil, que nós não queremos que ele afunde.

Por isso, eu não poderia deixar de ter vindo aqui à Mangueira, hoje. É a primeira vez que eu venho depois das Olimpíadas. Eu acho que ganhar as Olimpíadas foi apenas a primeira tarefa, Sérgio. Agora é que vai ser duro. Agora é que a gente vai ter que apresentar uma programação, o que a gente vai fazer a cada mês, a cada ano, até 2016, o que a gente vai fazer de infraestrutura, de praça esportiva. Todos nós vamos ter que trabalhar juntos.

A única coisa que eu quero é o seguinte: em 2016 eu já estarei há seis anos fora da Presidência da República. Mas o que eu quero é que o Rio de Janeiro volte a ocupar as primeiras páginas dos jornais do mundo, como a gente ocupou quando ganhamos as Olimpíadas com os medalhistas brasileiros. E, se Deus quiser, com meninos pobres das favelas deste país ganhando medalhas de ouro nas mais diferentes modalidades, para a gente provar ao mundo que aqui no Brasil não existe diferença de tratamento entre negros e brancos, entre pobres e ricos e que todos serão tratados em igualdade de condições. As Olimpíadas, para alguns, são apenas um evento esportivo. Para mim, é a consagração da cidadania deste país, porque serão seis anos em que nós iremos aparecer nas páginas de jornais do mundo inteiro. Se a gente fizer as coisas bem feitas, nós ganharemos. Se a gente não tiver competência e fizermos as coisas erradas, nós ficaremos marcados como fracasso.

E nós não vamos fracassar. Nós não chegamos até agora, para morrer na praia. Nós queremos, agora, é mostrar que este país não deve nada a Madri, não deve nada a Chicago, não deve nada a Tóquio, e nós vamos fazer as Olimpíadas melhor do que eles fizeram, que eles já realizaram naqueles



países.

Parabéns a todos vocês, da Mangueira. Parabéns à diretoria da Mangueira. E contem conosco para a continuidade desses projetos sociais.

Um abraço, gente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do novo Complexo de Estúdios da Record Novelas (RecNov)**

**Rio de Janeiro-RJ, 28 de outubro de 2009**

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e sua esposa, Adriana Ancelmo,

Minha querida companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,

Ministro do Esporte, Orlando Silva, e Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Deputados Beto Mansur, Eduardo Lopes, Edmilson Valentim e Vinicius Carvalho,

Meu querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro e amigo Alexandre Raposo, presidente da Record,

Meu amigo Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro Hiran Silveira, diretor de teledramaturgia da Record,

Meu companheiro Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol que, neste momento, está em alta, porque fomos o primeiro colocado, classificados para a Copa do Mundo de 2014... 2010,

Meu caro Nuzman, presidente do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos do Rio 2016. E aqui, Nuzman, quero dizer, de público, que aos 63 anos – na época, 11 meses e alguns dias – eu pensava que já tinha enfrentado todas as emoções do mundo, e eu penso que aqueles 45 minutos de apresentação do Brasil foram os 45 minutos mais tensos da minha vida, porque



há sempre uma possibilidade. O presidente Obama tinha chegado lá, e depois o Japão, depois Madri, e eu ficava pensando: nós que, muitas vezes, somos tratados como se fôssemos um país de segunda categoria, disputar com esses países de tradições – menos os americanos, mas Espanha e Japão – milenares, o que nós vamos fazer lá? E fiquei muito orgulhoso com a apresentação que o Comitê Brasileiro apresentou, com o trabalho do Sérgio Cabral e do prefeito, e na hora em que aquela moça pegou aquele prato com aquele envelope, aqueles 15 segundos pareciam 15 anos e cada passo dela... Sabem por quê? Eu ficava imaginando a manchete de alguns jornais, no dia seguinte, se a gente tivesse perdido: “O Brasil fracassou”, “Lula, Sérgio Cabral e Prefeito derrotados”, “Comitê Olímpico incompetente”, e vai...

Graças a Deus, como ele escreve certo por linhas tortas, a apresentação do Rio foi simplesmente... Olha, quando a dona Marisa, não você, a dona Marisa que estava... eu liguei para ela lá de Copenhague. Quando ela me falou que tinha chorado na apresentação e no meu discurso, eu achei que nós tínhamos feito uma coisa extraordinária, porque eu sou casado há 35 anos e a Marisa nunca chorou num discurso meu. Ela chorou nesse discurso que fizemos lá, uma coisa marcante.

Meu querido Neguinho da Beija Flor, que bom te ver sorrindo e cantando. Aqui... eu cheguei aqui e encontrei uma atriz que fez o papel da dona Marisa, nossa querida Juliana Baroni. Eu tirei uma fotografia e vou levar para dona Marisa para ela perceber que eu tenho mais que uma Marisa, e ela... espero que ela veja no filme e não fique com nenhum ciúme. Mas ela era parecida com você quando era nova. Eu vou levar para ela ver a nossa fotografia.

Quero cumprimentar a nossa querida Ana Paula Padrão, por intermédio de quem cumprimento todos os jornalistas aqui presentes.

Quero cumprimentar o Marcelo Serrado, por meio de quem saúdo os demais atores e atrizes que estão aqui presentes.



Eu pensei que iria encontrar aqui com a minha grande companheira Cristina, mas eu não a vi. Disseram que ela estava por... está ali a Cristina. Grande Cristina! É, além de grande atriz, grande companheira. Você sabe que eu fiquei sabendo que você estava aqui e eu falei: será que eu vou ver a Cristina? Porque no tempo das vacas magras, em que eu era quase nada, eu encontrava com a Cristina sempre. Quem saía para as reuniões, para bater bumbo aí, para um metalúrgico vítima de preconceito – como a Record, vítima de preconceito – era uma companheira como a Cristina. Por isso, meus parabéns, Cristina. Estás empregada novamente. Se um dia me derem uma “colher de chá” na televisão, eu vou fazer um papel junto com você, Cristina: Romeu e Julieta.

Bem, a ampliação deste complexo de gravações da Rede Record é uma iniciativa que vai fortalecer e ampliar a economia do audiovisual no Brasil, e vai alegrar mais ainda o nosso povo, que é apaixonado por televisão, em especial, pelas novelas. Em todas as noites, de norte a sul, de leste a oeste do Brasil milhões de aparelhos de tevê estão sintonizados em novelas e séries rodadas integralmente no nosso país.

As famílias se reúnem para apreciar o talento de nossos atores e o enredo envolvente das nossas novelas. As histórias que são transmitidas nas telas fazem parte de nosso cotidiano, das conversas em casa ou com os amigos. Elas se incorporam ao nosso jeito de ser e passam a fazer parte dos costumes da nação brasileira. Afinal de contas, não tem nada mais comentado, no dia seguinte, no local de trabalho, do que o último capítulo da novela que o nosso povo assiste.

A verdade é que todo esse sucesso só ocorre porque, em frente às câmeras ou atrás delas, temos milhares de pessoas criativas, talentosas e competentes, criando os produtos audiovisuais. É essa gente que dá qualidade a nossa televisão e faz muitos de nossos produtos ganharem o mundo. Aqui



mesmo, neste Complexo, já foram vendidas... Aqui mesmo, neste Complexo, nasceram novelas que já foram vendidas a mais de 40 países. E com as ampliações que estão sendo feitas, a capacidade de produção irá, certamente, aumentar, e aumentar muito. Por esse motivo, não serão apenas a Rede Record e seu público que ganharão com os aportes que estão sendo feitos aqui. Toda a televisão brasileira e a nossa indústria de comunicação serão igualmente beneficiadas. Quanto mais investimento houver neste setor, quanto mais trabalhadores estiverem envolvidos na produção audiovisual e, principalmente, quanto mais opções o público tiver à sua disposição, melhor será a nossa televisão.

Quero, portanto, dar meus parabéns à Record por esses investimentos aqui no Rio de Janeiro, cidade que não deixa de estar presente nas suas novelas. Os novos estúdios da Record são mais uma prova de confiança na criatividade, no dinamismo, na amabilidade dos cariocas, especialmente neste momento em que sua bela cidade se prepara para sediar os jogos da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, e que tem a mostrar para todo o mundo muito da alegria e da cultura do nosso povo.

Meu caro presidente da Record, eu queria... sempre faço um improvizozinho. Mas eu queria pegar dois minutos aqui, rapidinho, para dizer que, como cidadão brasileiro e como Presidente da República, é de forma muito prazerosa e com muito orgulho que eu participo de mais este evento da TV Record, porque vocês começaram ele em 2005. Ainda não era muita gente que acreditava no Brasil em 2005. Aqueles que, em 2003, em 2002 não tinham votado em mim, depois da vitória ficaram, em 2002, 2003, 2004 torcendo para que o governo não desse certo. Porque tem um certo tipo de gente no Brasil, que não se contenta, no exercício da democracia, em perder. Ele quer que quem ganhe não faça nada para ele poder justificar os discursos feitos durante a campanha.



Eu acompanho os meios de comunicação no Brasil e sei o quanto a Record e o povo da Record foram vítimas de preconceito. E vocês, fazendo este investimento, estão dando uma demonstração extraordinária de que acreditam no Brasil. Este país tem tudo para, em 2016, ser a quinta economia do mundo. Este país tem tudo para ser, até 2016, um grande exportador. Este país vivia envergonhado. Este país era tratado de forma quase a humilhar a grandeza e a nossa autoestima, porque a gente não se respeitava. Nós nos colocávamos diante dos outros como se nós fôssemos inferiores. As pessoas sempre diziam que nós não podíamos, que nós não tínhamos chance, que nós não tínhamos conhecimento. Nós, quando chegamos ao governo, nós só não tínhamos reservas, como devíamos praticamente US\$ 30 bilhões para o FMI. Hoje, este país pagou ao FMI, emprestamos mais US\$ 10 bilhões para o FMI e temos US\$ 230 bilhões de reservas para dar segurança à nossa balança comercial e para enfrentar crises como esta que se apresentou, que em outros momentos teria quebrado o Brasil.

A verdade é que para um país dar certo, para uma empresa dar certo, para que as coisas aconteçam de forma positiva em um país, é preciso que a gente acredite na gente mesmo. E por todas as conversas que nós tivemos ao longo desses anos, eu posso testemunhar que vocês acreditam na capacidade empresarial de vocês, na capacidade gerencial de vocês e, sobretudo, acreditam no poder de competitividade de vocês. Não seria bom para o Brasil que a gente tivesse apenas uma televisão produzindo novela; não seria bom para o Brasil que a gente tivesse apenas uma televisão dando informações; não seria bom para o Brasil que a gente ligasse a televisão... antigamente, sem controle remoto, ficava em um canal só porque a gente ficava brigando em família para ver quem levantava para rodar o botão. Mas agora, com o controle remoto, não precisa levantar, é só clicar aquilo. E o que está acontecendo, na verdade? É essa opção, essas alternativas é que estão permitindo que o povo brasileiro não seja vítima de alguns formadores de opinião pública que não



querem formar a opinião pública, mas que querem induzi-la a um pensamento único, a uma verdade única, sem permitir que as pessoas tenham possibilidade de ter opções de informação.

Eu sei o quanto vocês estão investindo no jornalismo, eu sei o quanto vocês estão investindo em novelas, agora vão investir na produção de filmes. Como cidadão brasileiro que quer ser bem informado, como Presidente da República, eu só posso dizer aos companheiros da família Record... Um tempo atrás, essa quantidade de artistas, alguns já conhecidos de outros canais, se tivessem perdido o emprego estariam, possivelmente, marginalizados neste país. Não tinha muita opção. Deus queira que apareçam outros canais competindo com vocês e que apareçam outros competindo com aqueles que estão competindo com vocês, porque aí nós vamos ter mais informações, mais cultura, mais novelas, mais cinema, mais coisas importantes para a gente ver e, sobretudo, vamos ter mais empregos; mais empregos para os nossos artistas e para as nossas artistas; mais empregos para os trabalhadores, para os câmeras, para aqueles que carregam carrinho, para aquele que bate aquela plaquinha que eu bati aqui, para aqueles que atendem bem a gente, na portaria. E quanto mais emprego a gente tiver, mais cidadania nós estaremos construindo no nosso querido país.

Portanto, de todo coração, parabéns à família Record. Parabéns, meu caro Raposo, e boa sorte. Que a Record continue crescendo.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de abertura da I Expocatador**

**São Paulo-SP, 29 de outubro de 2009**

Primeiro, eu queria cumprimentar os companheiros catadores de materiais recicláveis do nosso país,

Cumprimentar os nossos ministros,

Os nossos deputados,

Convidar... cumprimentar os nossos prefeitos,

Cumprimentar as empresas públicas que estão aqui, sejam os bancos, sejam Itaipu e Eletrobrás,

E, sobretudo, cumprimentar a Valdirene Ruiz Lopes, presidente nacional da Associação Nacional de Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis,

E o companheiro Roberto Rocha, representante do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, por meio de quem eu cumprimento toda a diretoria,

Roberto – se alguém afastasse um pouquinho isto aqui, seria ótimo para mim –, Roberto, primeiro, eu tenho que começar com uma explicação: eu vou ter que terminar de falar e vou ter que sair correndo porque eu tenho que ir para a Base Aérea, porque tem um horário marcado para eu falar por telefone com o presidente Medvedev, da Rússia, e vocês sabem que horário... telefonema para chefe de Estado tem que ter hora marcada, dia marcado, e já está marcado para hoje, à 1h30 [às 13h30], então eu tenho que chegar no aeroporto à 1h30 [às 13h30], para que a gente possa fazer a ligação. Então, quando terminar aqui, eu vou fazer como cachorrinho magro: sair correndo e vou embora.

As meninas que querem tirar uma foto aqui, depois fiquem ali na porta



da saída, para a gente poder tirar. Não muita gente, só o pessoal aqui da frente.

Mas eu queria, Roberto, não ler o meu discurso e dizer para você que ouvir os números da Funasa, do Ministério das Cidades, do Banco do Brasil, da Fundação do Banco do Brasil, do Ministério do Trabalho, do BNDES, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, e saber o tanto de dinheiro que já foi colocado e saber que nos próximos anos, entre o BNDES e os outros bancos, nós vamos colocar mais R\$ 225 milhões para ajudar a financiar os catadores que estão andando pelas ruas.

Bem, eu, então, resolvi aqui, ler dois depoimentos, ler dois depoimentos. Primeiro, eu não sei se o Severino Lima está aqui presente, se tiver levanta a mão por aí, está aqui. Eu vou contar: O Severino, como eu, é nordestino e fala fácil e muito ligeiro para pegar a malandragem dos outros.

O Severino tem 35 anos e, desde os 12 trabalha no lixão de Natal, cidade onde nasceu e vive até hoje. Casado, pai de dois filhos, Severino sente orgulho de dizer que o seu primogênito, Gabriel, 12 anos, conseguiu uma bolsa de estudo em uma escola particular. O que é mais bonito, é que ele frequenta outro ambiente, mas não tem vergonha da vida do pai. Gabriel, que sonha ser jogador de futebol, não esconde de ninguém, e diz com sincera naturalidade: “Meu pai trabalha na catação”. Severino acha que essa segurança tem a ver com o impulso que a atividade dos catadores recebeu nos últimos cinco anos, sobretudo, por conta da visibilidade da categoria, propiciada pelas políticas de apoio de 13 ministros, do Banco do Brasil, da Caixa Econômica e do BNDES.

Há três anos ele ajudou a fundar a Cooperativa dos Catadores de Natal, a Cooamar. Outras cooperativas mais antigas já existiam no Brasil, algumas com 20 anos, mas todas só passaram a ter peso no setor de reciclagem, a partir das decisões e apoio do Governo Federal, diz o nosso querido Severino. Severino acha que o respeito atual pela profissão, que explica o orgulho de um filho pelo trabalho do pai, resulta da autoestima que esse processo trouxe aos



catadores. Você - diz ele aqui - essa frase eu já ouvi muitas vezes. Diz o Severino: “Você precisa se aceitar e se respeitar para que os outros te aceitem e te respeitem”. Uma atitude que fez diferença nessa trajetória, na sua opinião, foi quando o próprio governo passou a se referir aos trabalhadores como catadores e não agentes ambientais ou outros nomes com os quais já se tentou batizar e rebatizar a atividade de catador de papel e de material reciclável.

“O fato de o governo tratar assim o trabalhador, dando à profissão o respeito e a dignidade que todo trabalho merece, mudou a cabeça de muita gente. O preconceito vem sendo afastado da palavra catador”, explica o nosso companheiro Severino.

Severino, a exemplo de muitos outros catadores, acha que o momento decisivo dessa mudança foi quando, três anos, o BNDES criou uma linha de financiamento própria para o setor de reciclagem neste país. “Imagine”, diz Severino, “se um banco como o BNDES demonstra confiança em dar crédito aos catadores, quem vai desmerecer essa função na sociedade? Ora, se o BNDES confia, por que haveria alguém de desconfiar? Ou seja, se Deus está conosco, quem ousará estar contra nós nessa batalha tão importante?”.

É a primeira vez que um Presidente toma água em uma mesa feita com material reciclável, ainda não totalmente pronta.

Bem, Severino acha que foi por conta dessas políticas que o movimento dos catadores do Brasil se transformou em referência mundial no setor. “Hoje vem gente de toda a América Latina e até da Índia aprender com a gente. E acho que a gente tem mesmo o que ensinar”, diz o companheiro Severino, com o peito estufado e muito orgulho no seu semblante.

Severino, o que você sente hoje é, possivelmente, a maior conquista dos catadores. Perder a vergonha de ser catador, não virar o rosto quando está andando com a sua carroça e encontra um conhecido, para eles não saberem que vocês são catadores. Sentir orgulho por aquilo que vocês fazem e levar



para dentro de casa o sustento da família com a honestidade, a decência, que vocês estão levando é, efetivamente, motivo de orgulho que pouca gente tem o que vocês conquistaram. Por isso, parabéns, companheiro Severino.

Mas, tem também aqui, ô Roberto, o depoimento da Maria Madalena Rodrigues Duarte, de Itaúna, Minas Gerais.

Quando Madalena conheceu Antonio, ela já trabalhava desde os sete anos no lixão de Itaúna, cidade a 70 quilômetros de Belo Horizonte. Cadê a Maria Madalena? Ô Madalena, Madalena...

Bem, Madalena tinha 20 anos; o metalúrgico Antonio, da vizinha Brumadinho, era dois anos mais moço. O namoro era só chamego e felicidade, mas Madalena hesitava. Tinha um segredo e Antonio precisava saber. Coisa de novela. “Um dia, diz Madalena, me enchi de coragem e falei: Antonio, preciso te contar uma coisa: eu trabalho na catação”, relata a mineira de fala pausada e muito clara.

Antonio tomou um susto. E os olhos de espanto diziam algo mais do que a voz. Perguntou: “Que catação é essa?”, reagiu, sem esconder que o termo não lhe soava bem. “Mas foi a única vez”, reage Madalena, imitando o alívio que sentiu bem na hora em que ele falou. “Depois que expliquei, ele me olhou e disse: “Se é um trabalho honesto, é um ganha-pão como qualquer outro, vai ajudar a gente a viver juntos”.

Seis, seis anos depois eles se casaram. E há 25 anos vivem juntos. Antonio e Madalena têm duas filhas, ambas monitoras educacionais. Madalena continua na catação; Antonio continua na metalurgia. “Moramos em casa própria, e quem apresentou a declaração de renda para tirar o financiamento fui eu”, conta orgulhosa a catadora que ajudou a fundar e participa da coordenação da Cooperativa de reciclagem da sua cidade. Além disso, por conta desse trabalho, a declaração de renda da Cooperativa foi decisiva também para financiar geladeira, televisão, mobília, e outras coisas que uma casa tanto precisa.



Madalena diz que mal acreditou quando, em 2006, se viu perto do Lulinha aqui, ao lado... lá no BNDES, no Rio de Janeiro, Luciano, na assinatura de um acordo para financiar o “mundo dos catadores”. Diz ela: “Eu nasci na roça; fui para a cidade aos dois de idade; meus pais eram pobres, pobres, mas pobres mesmo”, acentua. Com cinco irmãos, faltava quase tudo na casa. “Aos sete anos eu estava no lixão, ajudando a botar a “*despesa*” dentro de casa.” “Aí, um dia, aos 46 anos de idade, ainda catadora, eu me vejo no meio das mais altas autoridades do País. E não só isso: ouço o Presidente dizer para todo o País que a minha profissão é digna; é importante para a sociedade e para o futuro do Planeta. Meu Deus!”, exclama ela.

Madalena admite que essa percepção ainda não é generalizada no amplo universo dos catadores, mas aposta. Diz ela: “É um sentimento crescente. Deixa aprovar essa nova lei que remunera os serviços do catador” – a lei é a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que está no Congresso Nacional desde 2007 – “para ver como o Brasil vai ter mais de 800 mil trabalhadores orgulhosos do seu ofício de catadores neste país”.

Bem, eu poderia parar por aqui, mas vou ler mais duas coisinhas aqui agora, falando do subsídio de tecnologia para os catadores. A Itaipu Binacional, vocês conhecem o carrinho que ela projetou, este triciclo elétrico, que atende a requisitos ergonômicos – ninguém precisa falar ergonômico, porque é difícil, fala qualquer coisa – para dar aos catadores uma ferramenta de trabalho à altura do serviço essencial que prestam à sociedade. O veículo que pretende substituir os carrinhos de mão dispõe, inclusive, de um guincho mecânico para movimentar cargas de maior peso.

Na Expocatador, a Itaipu vai transferir os direitos de patente do veículo, que já é fabricado por uma empresa no Paraná, ao movimento dos catadores. Portanto, são os catadores que vão administrar e vender esses carrinhos daqui para frente.

Falta, agora, viabilizar a linha de financiamento – que já está aqui o



Luciano levantando o dedinho, que o BNDES vai financiar os carrinhos – para que os nossos queridos companheiros catadores tenham acesso às palavras mágicas “inovação e tecnologia”. Daqui a pouco a gente vai andar pelas ruas do Brasil, vai encontrar catador e catadora dirigindo aquele carrinho, nem param para falar *tchau* para a gente.

Então, companheiros e companheiras, eu queria terminar dizendo para vocês que eu acabei de vir de uma feira chamada Fenatran, que é a Feira do Transporte. Estavam lá a Scania, a Volvo, a Ford, a GM, a Volkswagen, tinha lá todas as grandes empresas produtoras de caminhões do mundo, cada caminhão que não cabe dentro deste salão, Roberto, dos maiores empresários do País e do mundo, e eu saio de lá e venho para cá.

E qual é o orgulho que eu sinto? É que eles estão bem porque nós aprovamos uma linha de financiamento de um programa chamado Procaminhoneiro. A indústria de caminhões estava em uma crise desgramada, nós aprovamos um programa chamado Procaminhoneiro e, como diz o Luciano Coutinho, “está bombando” a venda de caminhões, as empresas estão readmitindo trabalhadores. Só para vocês terem um exemplo: a Mercedes Benz, que no ano passado tinha mandado embora 1.200 trabalhadores, este ano, depois do Programa, já contratou 1.300 trabalhadores para produzir os caminhões que ela está vendendo. E ao mesmo tempo, eu saio do lado mais rico – que está bem, por conta das políticas acertadas do governo – e venho aqui na parte mais pobre da população, e sei que se nós ainda não fizemos tudo, nós já fizemos mais do que qualquer outro governo na história do Brasil para, não apenas financiar. O problema não é apenas o dinheiro, o dinheiro é consequência. A maior virtude, além de vocês sustentarem a família de vocês. Nunca um catador pediu para mim para não ser catador, nunca ninguém me disse: “Ô Lula, eu quero sair dessa profissão,” nunca. O que vocês pedem é que a gente respeite o que vocês façam e que a gente crie as condições para vocês trabalharem cada vez mais de forma orgulhosa, sem baixar a cabeça.



Aqui eu quero fazer um apelo aos prefeitos do Brasil. Eu conversei um pouquinho com o Kassab, aqui do lado, eu sei que tem prefeitos aqui ajudando, mas é um apelo que eu quero fazer aos prefeitos brasileiros, aos prefeitos brasileiros de todos os quase 6 mil municípios. Agora que a coisa começou a dar lucro, pode começar a aparecer algumas empresas querendo se apoderar da reciclagem, e as pessoas que até agora trabalharam na reciclagem podem ser jogadas para fora, para atender aos interesses de um grande empresário.

Eu queria pedir – e aqui eu sei que tem prefeito que já faz isso, que mantém os catadores com cidadania –, eu queria pedir a todos os prefeitos deste país que levassem em conta. É muito melhor para a cidade, é muito melhor para o país, é muito melhor para a cidadania a gente ter muitos ganhando pouco do que ter apenas um ganhando muito, como habitualmente nós temos, neste país. É muito melhor.

Esta gente que de forma, eu diria, até humilhante, pelo tratamento que uma parte da sociedade dava a vocês, que não tinha vergonha de passar de carro e jogar um lixo qualquer, achando que vocês eram de segunda categoria e que vocês tinham a obrigação de catar o lixo deles. Vocês estão fazendo hoje muito mais do que catar material, vocês estão ensinando a essa gente pedante, a essa gente arrogante, que o ser humano não pode ser discriminado pela sua profissão, ou pelo trabalho que faz. Essa é a conquista maior de vocês. E eu acho que é isso que nós estamos consagrando.

Eu tenho certeza de que a gente vai contar com os prefeitos, eu tenho certeza de que a gente vai contar com os governadores, eu tenho certeza de que o Congresso Nacional vai aprovar a lei dos resíduos, tenho certeza.

E queria pedir para a imprensa, vocês, companheiros jornalistas que estão aqui na frente. Hoje vocês têm a oportunidade – hoje ou amanhã... até quando vai a Feira? Até sexta-feira, amanhã – vocês têm a oportunidade de fazer a matéria da vida de vocês. Se vocês esquecerem a pauta do editor de vocês e se embrenharem no meio desta gente, escolher um, qualquer um,



qualquer um, para vocês conversarem sobre a vida deles, sobre o sonho deles. Não tem importância que eles falem bem do governo ou falem mal do governo. Publique apenas o que eles falarem, não tentem interpretar. E vocês vão perceber que vocês poderão fazer hoje ou amanhã a matéria que durante os quatro anos de estudo da profissão de jornalismo vocês tiveram que fazer, a grande matéria da vida de vocês, sobre a vida desta parte humilde da sociedade.

E aí vocês vão compreender por que a figura do chamado formador de opinião pública, que antes decidia as coisas neste país, já não decide mais. É porque este povo já não quer mais intermediário, este povo tem pensamento próprio, este povo anda pelas suas pernas, trabalha pelos seus braços, enxerga pelos seus olhos e fala pela sua boca. E o que é mais importante, este povo, gente, adquiriu o gosto, o gosto de uma palavra chamada cidadania. Este povo aprendeu a andar de cabeça erguida, este povo aprendeu a ser dono do seu nariz.

Portanto, meus companheiros e minhas companheiras, eu quero terminar dizendo, Roberto, que graças a Deus vocês existem, porque o mundo é mais limpo quando o pobre toma consciência.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Consulado-Geral do Brasil e do escritório da Caixa Econômica Federal em Caracas**

**Caracas-Venezuela, 29 de outubro de 2009**

Primeiro, eu queria dizer a vocês da minha alegria de estar vendo nascer aqui em Caracas um Consulado-Geral brasileiro, um escritório da Caixa Econômica Federal, um escritório da ABDI, um escritório da Embrapa, e também assisti, ao longo desses últimos anos, muitas empresas brasileiras aqui chegarem para construir parcerias produtivas com o governo da Venezuela.

Eu não poderia deixar de cumprimentar o nosso embaixador, o nosso companheiro Simões, a nossa querida Mariângela Rebuá, consulesa-geral, a nossa querida Maria Fernanda, e todos os companheiros que têm contribuído para que isso aconteça.

Eu penso, companheiros ministros brasileiros que estão aqui – Lobão, Dilma e Hélio Costa – que tem um sentido histórico o que nós estamos fazendo, porque tanto Brasil como Venezuela, nós fomos durante muitos anos ocupados por colonizadores europeus. Então, toda a nossa cabeça estava voltada para atender os interesses dos colonizadores.

Depois que nós conseguimos a nossa independência, no final do século XIX, nós começamos um processo, muitas vezes, de brigas internas entre nós, que ocupou uma parte do nosso tempo. Depois, todos nós aqui na América Latina, ficamos mais outras décadas sendo colonizados indiretamente por países ricos, sejam da Europa ou sejam os Estados Unidos. E apenas nos últimos anos nós estamos vivendo quase uma consciência coletiva de que grande parte dos problemas que nós temos poderá ser, com muita tranquilidade, resolvida por nós mesmos se nós confiarmos uns nos outros.



O presidente Chávez costuma dizer, nos encontros que temos, da Unasul ou em encontros bilaterais, que muitas vezes, como participante do Exército bolivariano, ele era obrigado a dar aulas na academia militar pregando quase que o antagonismo contra o Brasil porque era essa a doutrina vigente. O Brasil era o perigo, o Brasil era o inimigo. Ora, em política, Maquiavel nos ensinava que não existe nada melhor do que dividir para reinar. Então, o que acontecia: os países poderosos criavam desconfianças entre nós, arrumavam inimigos entre nós mesmos e nós passávamos a achar que a solução do problema da América do Sul vinha da bondade de países de outros continentes e não da nossa boa relação, não da consolidação das nossas instituições.

E eu penso que o exemplo do que está acontecendo aqui hoje, com a Caixa Econômica montando o seu escritório, não para fazer aquilo que os bancos da Venezuela têm que fazer, mas para colocar à disposição dos companheiros da Venezuela os conhecimentos que a Caixa Econômica adquiriu nesses 150 anos de existência no nosso País, como um banco extremamente bem sucedido. E nós não queremos parar por aí. Nós não queremos parar com a Embrapa, com a ABDI, com a Caixa Econômica Federal, não [queremos parar] com o nosso Consulado-Geral. Nós defendemos a ideia que o Banco do Brasil, mais do que qualquer outra coisa, tem que ter agências do Banco do Brasil em todos os países da América do Sul para funcionar, não apenas para atender os brasileiros no exterior, mas para participar. Por que o Citibank está aqui? Por que o Deutsche Bank está aqui? Por que tem tantos bancos com nomes estrangeiros aqui e não pode ter um nome que vai soar de forma maravilhosa para os venezuelanos, como Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal?

É apenas uma decisão que já está tomada, já conversamos muito com o ministro Guido Mantega, e o Brasil tem que assumir a responsabilidade de como o país maior da América do Sul, com a economia maior da América do Sul, o Brasil tem que ser o primeiro país a fazer gestos. Não os gestos de



antigamente, em que os países grandes queriam ter hegemonia no Continente, queriam ser o (incompreensível) como falam os espanhóis. Nós não queremos nada disso. Nós não queremos ser líderes, nós não queremos ter hegemonia, nós apenas queremos tratar todo mundo em igualdade de condições, do menor ao maior, porque é assim que a gente conquista respeito, é assim que a gente consolida a democracia e é assim que a gente dá os passos importantes para o desenvolvimento do nosso continente.

Tudo isso aqui parece pouco se a gente imaginar o que a gente quer para o futuro. Mas se a gente olhar para um passado não muito distante, o que se pensava da relação Sul-Sul e o que se pensava da relação na América do Sul, isso aqui, para quem acredita em Deus como eu, é um milagre, é um milagre, porque os adversários existem, os contra existem. É uma doutrina e doutrina não é uma coisa que a gente muda rapidamente com um discurso. São anos e anos e anos de persistência, para que a gente possa consolidar cada degrau dessa escada da construção da integração da América do Sul e da América Latina.

E nós estamos aqui, Maria Fernanda e Celso, num momento extraordinário. Hoje o Senado brasileiro aprovou, na Comissão de Relações Exteriores, a entrada da Venezuela no Mercosul. Ainda falta uma etapa, que é a votação em Plenário, mas eu estou convencido de que os senadores brasileiros, nesse tanto tempo de debate que fizeram, amadureceram, e hoje acho que a grande maioria tem consciência da importância dessa parceria. E nós sonhamos que um dia todos os países da América do Sul estejam participando do Mercosul. Ele vai ficar maior, mais forte, economicamente mais importante, comercialmente mais importante e politicamente muito mais importante.

Portanto, eu queria, querida Mariângela, dizer para você que eu espero que você cumpra com aquilo que você falou aqui: tratar os brasileiros com a dignidade que os brasileiros merecem ter no exterior. Às vezes um brasileiro



pode até, perante as leis de um país, não estar legalizado. Mas, para o nosso Consulado, ele sempre estará legalizado e é por isso que o Consulado tem que fazer, tem que transformar este espaço aqui em um pedacinho... Você olha o mapa do Brasil, Mariângela, e você escolha qual é o pedaço do Brasil que você quer transformar este Consulado aqui, para quando os brasileiros e as brasileiras que estão aqui colocarem o pé, eles saberão que tem uma Consulesa-Geral, e uma companheira e não uma adversária, como há 30 anos ou 20 anos, que os brasileiros tinham medo de procurar o Consulado no exterior e serem denunciados, ou qualquer coisa parecida.

Então, meus parabéns à Caixa Econômica Federal, meus parabéns ao companheiro Celso Amorim, porque tem sido um batalhador incansável para aumentar a criação de consulados-gerais, para aumentar as embaixadas, e parabéns ao nosso companheiro Simões, por ter feito um trabalho exuberante aqui na Venezuela.

E quero dizer ao companheiro Álvaro, que nós vamos seguir seus passos, mensalmente, eu não sei se a Fernanda estabeleceu metas para você, sabe. Não terá bônus, só metas, porque eu acho que se a gente conseguir consolidar esta parceria com a Venezuela, nós estaremos criando a chance de despertar em outros países irmãos, da América do Sul e da América Latina, a extensão de mais escritórios da Caixa para outros países, para que um dia, que não está muito longe, venezuelanos, brasileiros, bolivianos, paraguaios, uruguaios não tenham mais diferença entre si. Todos nós estaremos falando “portunhol”, todos nós estaremos [falando] “portunhol”. E todos nós, e todos nós iremos transitar livremente sem barreiras nas nossas fronteiras.

O Brasil fez um gesto há dois meses, quando a Europa começou a aprovar leis para criar dificuldades aos imigrantes, quando a Itália criou dificuldades, no Brasil, nós fizemos um gesto de legalizar mais de 100 mil estrangeiros que estavam no Brasil para que eles pudessem ser considerados cidadãos brasileiros.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Portanto, parabéns, um abraço e espero que na próxima visita minha a Caracas, que eu possa não apenas visitar a Embaixada, mas visitar o nosso Consulado-Geral e dar uma passadinha na Caixa Econômica para pegar um dinheirinho emprestado (incompreensível).

Um abraço.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de assinatura de atos**

**El Tigre - Venezuela, 30 de outubro de 2009**

Bem, primeiro cumprimentar o companheiro e amigo, presidente Hugo Chávez,

Seu ministro das Relações Exteriores, Nicolás Maduro,

Cumprimentar o embaixador Celso Amorim, e cumprimentando o Celso estarei cumprimentando todos os ministros brasileiros,

Quero cumprimentar os governadores aqui presentes,

Embaixadores e integrantes das delegações da Venezuela e do Brasil,

Os nossos queridos agricultores e trabalhadores deste projeto,

Cumprimentar os companheiros jornalistas,

Eu vou ser muito breve. Primeiro, alguns motivos de muita alegria desta minha visita à Venezuela. Ontem tive o prazer de participar de uma dupla inauguração: de um lado, o Consulado-Geral brasileiro em Caracas e, do outro lado, o escritório da Caixa Econômica Federal, que veio para ficar. Terceiro, eu descobri que na Venezuela, em Caracas, tinha um teleférico mais alto do que o bondinho do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, e pudemos jantar lá e conversar um pouco sobre política. Quarto, o Chávez estava reclamando muito de chuva e choveu. Quinto, eu pude participar do resultado extraordinário da primeira colheita da primeira plantação de soja na Venezuela. E quinto [sexto], participar da assinatura de 15 acordos e, sobretudo, de um deles, que tem tomado quatro anos de trabalho do presidente Chávez e meu, que é o acordo da Petrobras e da PDVSA. Eu penso que finalmente nós poderemos, quem sabe daqui a uns dois anos ou um pouco mais, inaugurar definitivamente a Refinaria Abreu e Lima.



Bem, dito isso, a mim me alegra muito a quantidade de empresários brasileiros que firmam acordos e convênios com empresas da Venezuela e com o governo da Venezuela. E a mim também me alegra o fato de que a transferência do conhecimento tecnológico brasileiro na área industrial e na área da agricultura tropical pode transformar a Venezuela, num médio espaço de tempo, em um país autossuficiente na produção de alimentos, portanto, em um país com segurança alimentar, que não precisa importar aquilo que é considerado vital para a sobrevivência da comunidade e, ao mesmo tempo, ver a Venezuela ter um desenvolvimento industrial e tecnológico que pode colocá-la como um país industrializado. Quando isso acontecer, e muitos de vocês vão viver para ver isso, eu penso que a Venezuela será transformada num polo de desenvolvimento muito importante em toda a América do Sul, em toda a América Latina, e eu penso que a Venezuela passará a ser, finalmente, um país desenvolvido.

Também eu fico feliz porque estamos colhendo hoje aquilo que plantamos no tempo em que era difícil plantar, no tempo em que havia muito preconceito e descrédito contra qualquer palavra de integração. Foi necessário que alguns governantes da América do Sul resolvessem transformar o discurso da integração em coisas práticas, fazer com que acontecesse, na prática, aquilo que os nossos antecessores, nossas pessoas queriam que acontecesse. Foi por isso que aconteceu a independência dos nossos países, foi por isso que muita gente morreu durante décadas e décadas, lutando por liberdade, lutando por integração, e nós estamos fazendo isso em tempo de paz. Basta uma boa visão política, basta muita determinação, que nós percebemos, com muita facilidade, que aquilo que outros não conseguiram fazer por divergências ou porque naquele tempo a nossa cabeça era mais colonizada, nós estamos fazendo agora com muito mais facilidade.

Ninguém mais duvida de que a integração da América do Sul e de que a relação política, cultural, econômica e comercial entre Brasil e Venezuela é



uma coisa consagrada que não tem volta. Daqui para a frente só tende a melhorar. Lógico que para nós, brasileiros, e sobretudo para mim, como governante, não há nenhum interesse em que todo ano exista um déficit comercial contra a Venezuela na nossa relação comercial. Uma das razões que me motivou a construir a Refinaria Abreu e Lima era a ideia de o Brasil importar petróleo da Venezuela e, portanto, diminuir um pouco o déficit comercial. E uma das razões pelas quais trabalho tanto com os nossos empresários e com o presidente Chávez para fazer investimentos de empresas brasileiras aqui é para que essas empresas gerem riqueza na Venezuela, gerem empregos e, portanto, melhoria de vida do povo da Venezuela e, ao mesmo tempo, possam exportar para o Brasil muitos dos produtos produzidos aqui, e isso também vai equilibrando a balança comercial entre Brasil e Venezuela. Na verdade, o comércio bom é aquele em que a gente tem um equilíbrio. Um pode ter um superávit um mês, um ano, mas não pode ser uma coisa muito distante, como existe hoje entre Brasil e Venezuela.

Por último, uma das coisas que ainda falta construir nas nossas relações é concluir o projeto de integração, melhorando a possibilidade de utilizar o potencial dos rios da Venezuela e do Brasil para que possamos fazer dos nossos rios, em vez de os vermos como dificuldades, nós vermos como facilidades para que, através de barcaças, possamos transferir os produtos da Venezuela para o Brasil e os produtos do Brasil para a Venezuela. Ainda temos que fazer algumas estradas, ainda temos que fazer, possivelmente, uma ferrovia entre os dois países. Mas o mais importante de tudo é que nós estamos numa posição tão importante do ponto de vista dos investimentos, que eu penso que quase naturalmente essas coisas vão acontecer, Chávez, entre Brasil e Venezuela.

Portanto, hoje quando o meu avião levantar voo e eu estiver já fora do controle aéreo da Venezuela, sem nenhuma preocupação com bombardeio de um Sukhoi, eu vou dizer, junto com os meus companheiros Celso, Marco



Aurélio, Lobão, Hélio Costa, Graça, que valeu a pena a gente acreditar que era possível essa integração e que valeu a pena a gente acreditar... e que valeu a pena a gente brigar para que a Venezuela entrasse no Mercosul e que...

Eu penso, Chávez, que o que vai acontecer a partir de agora é que nós vamos, cada vez mais, construir mais parcerias, fazer mais acordos e desenvolver, cada vez mais, Venezuela e Brasil. Chávez me contava, no caminho, que esta região aqui tem apagão por conta de problemas energéticos. Já constituímos uma comissão para que o ministro Lobão mande técnicos aqui para, junto com técnicos da Venezuela, a gente possa discutir, com a maior rapidez possível, como garantir que a Venezuela, com o potencial hidrelétrico e energético que tem, nunca mais sofra apagão.

Então, companheiro Chávez, eu só posso terminar minhas palavras aqui dizendo a você que falta um ano para terminar o meu governo, e que neste um ano nós vamos ter que trabalhar mais para fazer nele o que nós... um pouco mais do que fizemos nos sete anos de convivência.

Um abraço.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez**

**El Tigre-Venezuela, 30 de outubro de 2009**

Cumprimentar o companheiro Chávez,

Cumprimentar os ministros e as ministras da Venezuela,

Governadores,

Prefeitos,

Trabalhadores deste projeto extraordinário, da primeira plantação de soja da Venezuela,

Cumprimentar os companheiros ministros brasileiros,

O nosso Governador de Roraima,

O nosso senador Jucá, que foi o grande articulador da votação da entrada da Venezuela no Mercosul, na Comissão de Relações Exteriores,

Cumprimentar o nosso presidente da Embrapa,

Os nossos companheiros do Ministério da Indústria e Comércio, e da ABDI, aqui, que estão trabalhando projetos de industrialização aqui, na Venezuela,

O nosso companheiro da Conab – Companhia Nacional de Abastecimento,

A nossa companheira Graça, presidenta da empresa de gás do Brasil, e representante da Petrobras,

Cumprimentar os deputados brasileiros, aqui, e, cumprimentando o Luciano, eu cumprimento os demais companheiros que estão aqui,

E, Chávez, eu penso que o momento que nós estamos vivendo, na América do Sul, é um momento extremamente importante para a consolidação das ideias daqueles que vieram antes de nós e que pensaram a libertação dos



nossos países, primeiro dos espanhóis e dos portugueses, depois dos ingleses, dos americanos. E, eu diria, agora nós estamos conquistando uma outra fase, que é a conquista da independência da nossa própria cegueira, que passamos muito tempo sem nos enxergar, sem descobrir o potencial de relações políticas, culturais, comerciais entre nós.

Não faz muito tempo que nós começamos esse trabalho. Eu lembro que cada reunião que o Brasil fazia com a Venezuela, aquelas bilaterais, e momentos de outras reuniões, resultava mais em reclamações do que em resultados concretos. Até que nós tomamos a decisão de fazermos quatro reuniões por ano, duas na Venezuela e duas no Brasil. A verdade é que, a partir desse momento, as coisas entre Venezuela e Brasil começaram a andar de forma extraordinária. E até PDVSA e Petrobras, que por serem muito grandes, muito ricas, tinham dificuldade de se entender, finalmente hoje vamos ficar o acordo da construção definitiva da refinaria Abreu e Lima.

Eu, Chávez, quando deixar esta reunião e voltar para casa, eu volto um pouco mais realizado no meu período da Presidência do Brasil. Porque o que o Brasil está fazendo hoje, o Brasil poderia ter feito há 20 anos, há 15 anos, há 10 anos. A verdade é que o Brasil, um país de uma economia extraordinária, de um potencial industrial excepcional, também não se libertava com facilidade do olhar privilegiado para a Europa e para os Estados Unidos. Ou seja, quando nós chegamos ao governo nós tomamos uma decisão de governo: Primeiro, vamos olhar o que estão mais próximos de nós. Vamos tratar de completar o trabalho que os nossos libertadores fizeram. E começamos esse trabalho. E hoje, quando nós fizemos a colheita de soja, quando subimos naquela máquina eu me senti um pouco mais realizado, porque não é o Brasil vendendo soja para a Venezuela, é o Brasil transferindo tecnologia para que os venezuelanos aprendam a tratar o seu solo, a cultivar a soja, e a partir daí colher o alimento para o ser humano, a ração animal, e tantas outras coisas que a soja pode produzir como alimento.



A explicação do técnico, como chama o nosso companheiro? Elias, o nosso companheiro Elias, de que estamos produzindo 1500 toneladas por hectare agora, 1500 Kg por hectare... Não me deixou preocupado, porque ao mesmo tempo, um técnico da Embrapa me disse, que se colocar um pouco de calcário na terra, vai produzir 3 mil Kg por hectare, ou seja, vai dobrar a produção. E com o melhoramento da terra pode chegar a produzir a mesma quantidade que produzimos no Brasil, 4 mil Kg por hectare.

Eu penso que o importante é o começo, ou seja, eu dizia ao meu companheiro Chávez, que o Petróleo é uma coisa fantástica. Porque é um dinheiro muito fácil e muitas vezes quem tem muito dinheiro, é como se a pessoa tivesse ido jogar em um cassino, a pessoa quer ganhar cada vez mais e, de repente, perde tudo. A história está cheia de exemplos de que o petróleo, por si só, não resolve o problema de um país. Ou seja, um país, ele vai ter muito mais tranquilidade quando ele for industrializado e quando ele tiver segurança alimentar: cada país tem que produzir o seu milho, a sua soja, o seu feijão, o seu tomate, a sua cebola, criar o seu gado, produzir a sua carne e industrializar isso.

E eu fico muito feliz, Chávez, porque eu percebo que isso está acontecendo de uma forma muito veloz aqui, na Venezuela. Eu tenho 64 anos, tenho mais um ano de mandato. Daqui a dez anos, quem estiver vivo, vai ver uma nova Venezuela, combinando a grande produção de petróleo, a grande industrialização e a grande produção de alimentos. É tudo isso que um país precisa para se autoconstruir e ser definitivamente independente.

Bem, o fato de nós estarmos assinando 15 acordos hoje, é a demonstração da extraordinária qualidade da relação entre Brasil (ruídos no áudio). E o que é mais importante, Chávez, e quero dizer isso (ruídos no áudio), é que hoje (ruídos no áudio) uma relação boa entre (ruídos no áudio). Ou seja, hoje existe uma afinidade entre o povo venezuelano, entre os ministros venezuelanos e os ministros brasileiros, e entre empresários



brasileiros e empresários venezuelanos (incompreensível) ...isso vai produzir frutos extraordinários, e quem vai ganhar com isso é a América Latina, América do Sul, Venezuela e Brasil.

Esta reunião aqui, hoje, eu espero que o Celso e que o Maduro possam sintetizar aquilo que nós vamos acordar e a próxima reunião será no Brasil, então vamos ver se marcamos um lugar novo, para você visitar no Brasil. Quem sabe possamos fazer aqui na divisa, em Roraima, quem sabe poderemos fazer uma reunião aqui...Porque também eles trouxeram uma proposta para que a gente possa (falha no áudio).

...uma cooperação na área de fertilizantes e na área de produção, que depois, o Governador e o senador Jucá podem conversar contigo, e eu acho que assim nós vamos dando ao povo da Venezuela e ao povo brasileiro, um sinal importante da integração.

Acho que o gesto do Senado brasileiro, ontem, foi um gesto gratificante, porque foi a quebra do preconceito. Eu lembro que um dia, Chávez, me falaram que iam convidar o prefeito de Caracas, que era oposição a você, para falar contra a entrada da Venezuela no Mercosul. E ele chegou ao Brasil e prestou um belo depoimento, defendendo a entrada da Venezuela no Mercosul. Isso foi extremamente importante. Certamente você conversou com ele antes, mas aqueles que queriam utilizar o Prefeito como pretexto, ou seja, não deu certo.

Então, eu penso que daqui a uma semana, ou daqui a dez dias, nós teremos definido esse processo e a Venezuela será cada vez mais Mercosul. Se me permitem, eu passo a palavra para o Celso ou para o Maduro, a quem queira falar primeiro.

(\$211B)